LÍNGUA

CONHECIMENTO PRÁTICO

PORTUGUESA E LITERATURA

OS SONS DA NOSSA LÍNGUA

RITMOS E MELODIAS DA COMUNIDADE LUSÓFONA

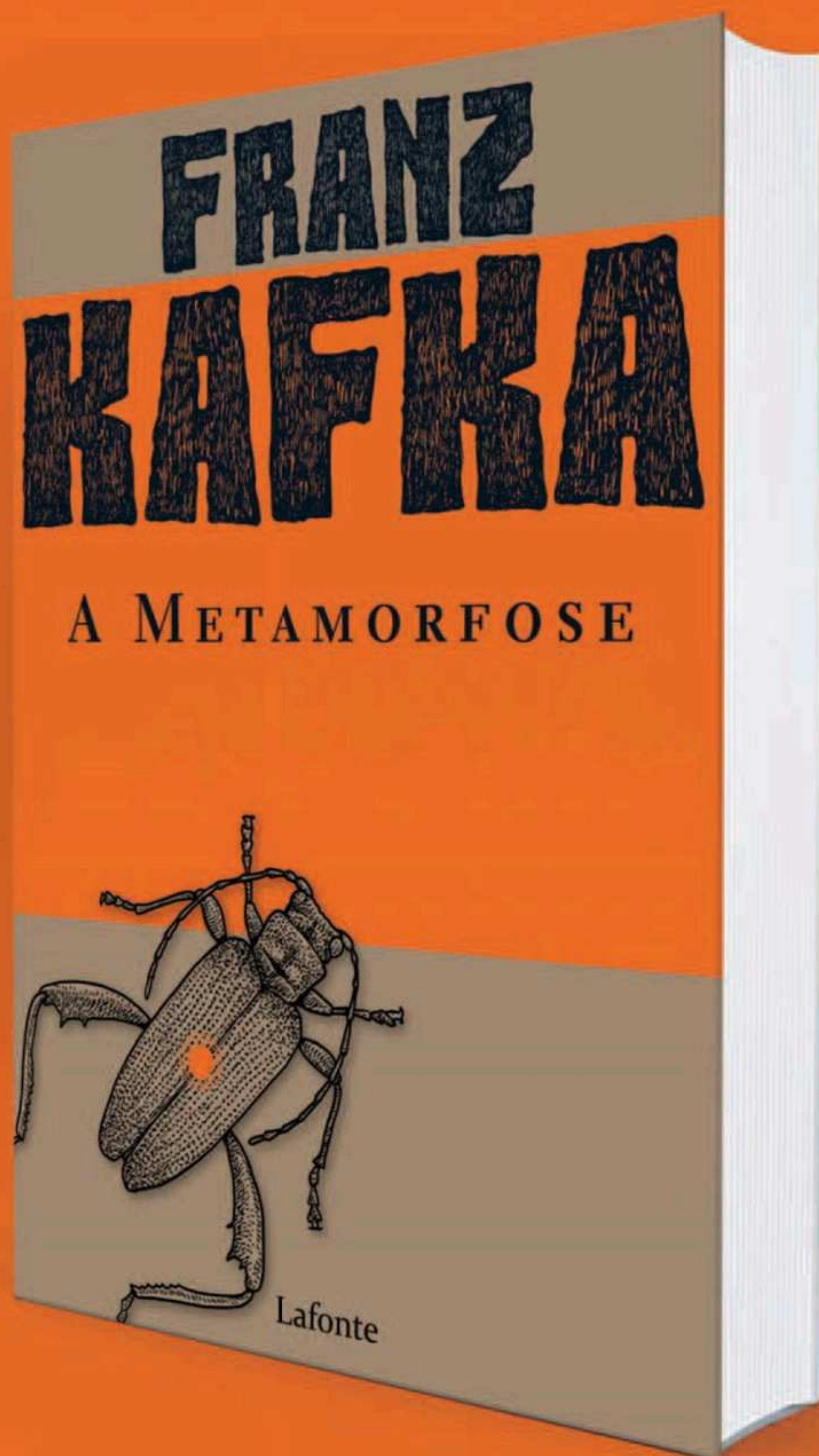
editora escala

DEBATE
Preconceito linguístico como forma de dominação

LITERATURA INFANTIL
O fantástico nos contos, dos Irmãos Grimm a Harry Potter

LITERATURA BRASILEIRA
Viagem ao no sertão de Guimarães Rosa

LITERATURA ESTRANGEIRA: A saga da paquistanesa Malala em sua luta pelo direito à educação

ENTREVISTA: **Eliana Alves Cruz** faz um mergulho na ancestralidade com romances históricos

EDITORIAL

AOS MESTRES, COM GARRA!

© VECTOR_S / ISTOCKPHOTO.COM

Uma edição superlativa quando o centro de tudo é a palavra. Um amigo meu, doutor, sempre disse que gostava mais que lhe chamassem de mestre. Para ele, a palavra mestre carrega toda uma simbologia de afeto e credibilidade. Doutor não, doutor é território de ninguém, advoga. E foi fazer seu pós-doutorado, com sorriso e alma de mestre. É com esse sentimento que abrimos este número da nossa revista. Logo em Ponto de Encontro, deparamos com a força da palavra (para o bem e para o mal) e toda sua maestria em ***Que Tempos São Esses***?

Maestria é o que também conhecemos com Eliana Alves da Cruz, na entrevista ***Mergulho na Ancestralidade***, que foi buscar em sua história pessoal elementos para o grande salto de sua vida: virar escritora e lançar os premiados *Água de Barrela* e *O Crime no Cais de Valongo*.

As palavras, em seu território mais profícuo, o dicionário, mostram que são muito mais que termos com significados. Representam, antes, diversas visões da língua e de um povo, como se aprende com maestria com Avram Ascott em ***Pai de Muitos***.

Como ser um mestre da linguagem no WhatsApp? Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro explica tudo em ***Comunicação e a Dona Mãe do Rio***. E falar, com palavras, com o corpo, é o que fazem as feministas, de maneiras diferentes ao longo do tempo. Mestras no tanger da vida, ***Precisamos Falar Sobre Nós***, em Cabeceira, mostra por que a explosão feminista chegou e não vai embora.

E salve Guimarães Rosa. ***Viajando no Sertão Rosiano*** é o mais claro exemplo do que um mestre, com M para lá de maiúsculo, pode fazer com palavras, principalmente quando se é um inventor delas.

Mas tudo começa bem cedo, com os *Contos da Carochinha*. E as palavras vão se enredando nas porções de mestres da magia e palavras do universo infantil, desde as histórias de Grimm até Harry Potter. É o que conta Jussara Saraíba em ***Branca de Neve e a Pedra Filosofal.***

Palavras são, também, melódicas, rítmicas e, em nosso caso, tão diversas quanto os povos e países que compõem a comunidade lusófona. O grande mestre de prosa e verso Abrahão Costa de Freitas orquestra nossa matéria de capa ***Pura Melodia***.

Entretanto, com pegada de mestre, Wagner Ávilis chama a atenção para a discriminação linguística em ***Linguagem e Preconceito***. E, por lutar pelo acesso à educação, uma menina paquistanesa é baleada. Mas seu lugar de fala está garantido em ***Malala Para Todas***, na análise de Fernanda de Paula: encontro de grandes mestras, na vida e na escrita. E tome toques de mestre em ***Passagens da Crítica***, de Roberto Sarmento Lima, que disseca a crítica literária.

Sozinhas, fechadas em seu mundo dividido – Língua Portuguesa, História, Geografia e outras disciplinas –, as palavras têm a força reduzida. Mas juntas e misturadas, na transdisciplinaridade, Aline Fernanda Sampaio garante que se dá o pulo do mestre, como ensina em ***Educação do Futuro***.

E nada melhor que ler os grandes mestres gratuitamente, não é? A *internet* proporciona isso, como explica-se em Acontece.

Tudo isso não vale a pena se não soubermos lidar com expectativas, cobranças, limitações e habilidades. Para ser mestre nisso é preciso ser Do Tamanho Exato, sentencia Luís Cláudio Dallier Saldanha.

É, não se vive sem garra e maestria.

Boa leitura!

Mara Magaña, Editora

SUMÁRIO

LEITURA RÁPIDA

Texto de **Jussara Saraíba**

Que tempos são esses?

Os dias estão sombrios. Em todo o planeta, o ódio tem mostrado sua face mais intransigente. E ela parece com a nossa! Isso é o que, de fato, assusta. O poder da morte e da destruição ao alcance da nossa mão. A um *click*, a uma nota assinada por algum poderoso mandatário...

No centro de tudo, a Palavra.

Tenho visto brigas completamente desnecessárias no trânsito, homens e mulheres que dão espaço a uma verdadeira entidade guerreira graças a uma ultrapassagem indevida ou a uma simples buzinada. Jovens e adolescentes que se agridem pelas redes sociais. Políticos que usam o verbo para separar nações, apontar o dedo para cidadãos, enaltecer guerras.

No centro de tudo, a Palavra.

Diante dos temores e terrores da nossa época – e de todas as épocas – é a palavra que define o que somos. Na era da disseminação fácil, rápida e aleatória, notícias falsas podem produzir o andamento da história. Ou o contrário dela. Defender uma ideia, mesmo que levemente, pode determinar sua exclusão de um grupo social ou da própria família.

No centro de tudo, a Palavra.

A vida está sombria. E aquele que acha graça em uma brincadeira de criança, ou se delicia com um inocente sorvete, é visto com reservas, taxado de desvairado ou desvairada, com certeza falta-lhe um parafuso.

No centro de tudo, a Palavra.

Dos livros sagrados, da interpretação do que está escrito nessas obras, sempre em nome de Deus, se formam milícias, exércitos, alguém entra em uma mesquita e atira em uma centena de pessoas. Não sem antes deixar claro em vídeo o que vai em sua mente. Ao vivo. Ou um jovem escreve uma mensagem enigmática e assassina seus antes colegas da sua antiga escola. Pela dor que as palavras produziram em sua alma.

No centro de tudo, a Palavra.

"... É preciso urgentemente que se dê uma nova ordem à ordem social. Que se escancarem os risos, as canções, as histórias encantadas, as lendas..."

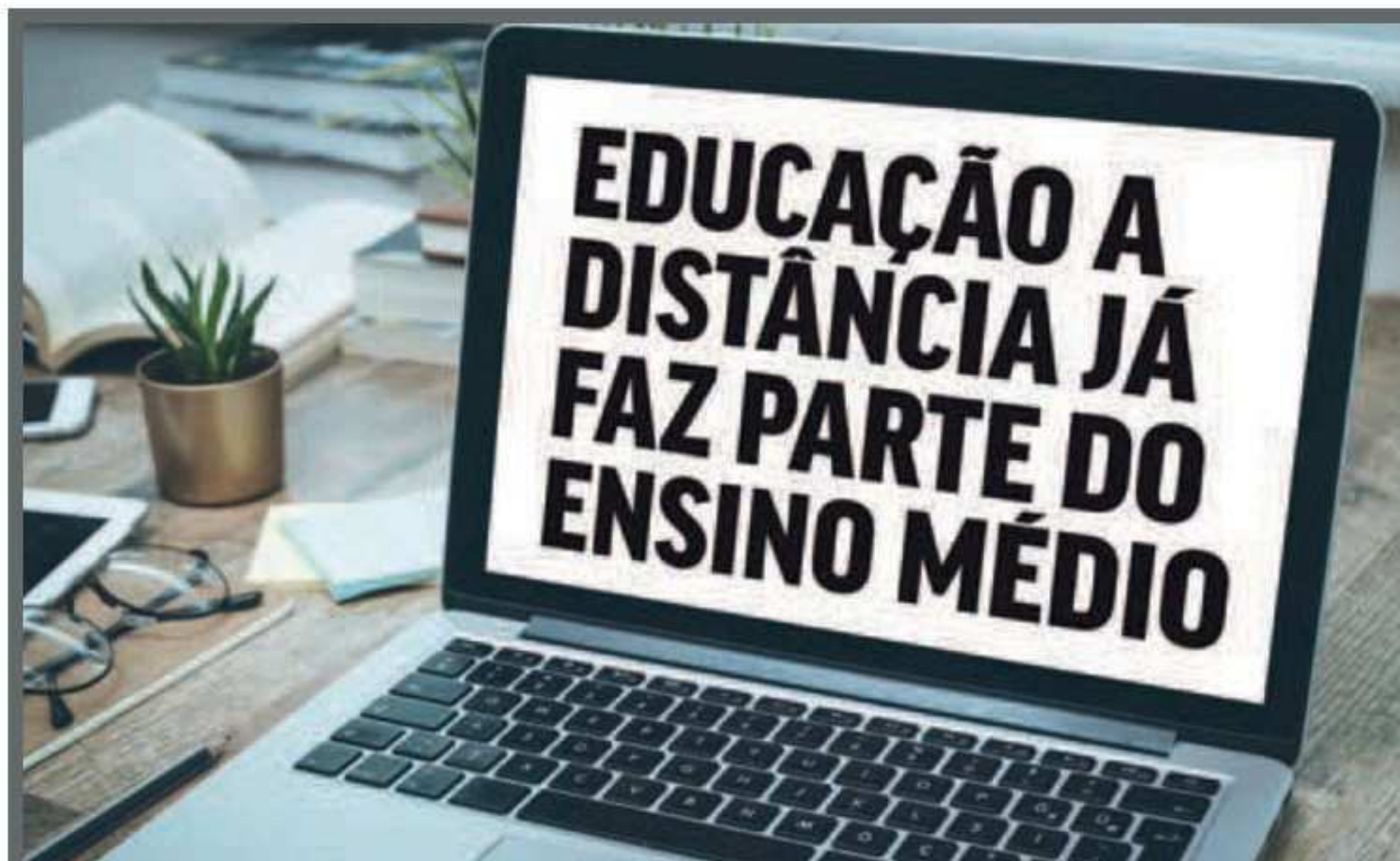
Os corações estão sombrios. E é preciso urgentemente que se dê uma nova ordem à ordem social. Que se escancarem os risos, as canções, as histórias encantadas, as lendas... Que venham as fadas, os duendes, elfos, bruxos e bruxas nos ensinarem, novamente, a razão da vida. E que isso não seja um pecado.

No centro de tudo, a Palavra.

Mas, como disse o grande escritor e dramaturgo Bertold Brecht, que fez da indignação com as sombras sua bandeira:

"Que tempos são esses, quando falar sobre flores é quase um crime?" CP

JUSSARA SARAÍBA é jornalista e contadora de histórias.

© CNYTHZL / ISTOCKPHOTO.COM

Com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, a adoção da educação a distância para uma parte da carga horária – entre 20% e 80% – é uma mudança de destaque. O objetivo, segundo o MEC, é tornar o ensino médio mais atrativo para os jovens e, consequentemente, resolver tanto o problema da evasão como o da aprendizagem. Neste campo, os desafios são grandiosos. No exame de língua portuguesa da última edição da Prova Brasil, os alunos atingiram, em média, o nível 2 de proficiência em uma escala que vai de 1 a 8 – sendo o 8 o mais alto. Muitos alunos do ensino médio também estão, no mínimo, dois anos atrasados. A taxa de distorção idade-série é de 31,2% nessa etapa escolar, o que pode indicar a necessidade de ações específicas para incentivá-los a permanecer estudando. Isso porque o abandono é mais alto entre os mais velhos, chegando a 26,8% entre os que têm 20 anos ou mais.

A evasão também é maior entre os alunos de baixo nível socioeconômico, que comumente largam os estudos para trabalhar, e entre aqueles que estudam à noite. Estes poderão estudar até 30% dos conteúdos a distância, conforme as novas DCN. No período diurno, o limite será de 20%. A carga de 80% a distância será permitida apenas na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

De acordo com Rafael Lucchesi, relator da proposta aprovada pelo CNE, a adoção do EAD foi necessária para garantir aos alunos o direito de escolher, no mínimo, entre dois itinerários. Considerando que mais de 60% das cidades têm apenas uma escola de ensino médio, seria perfeitamente cabível supor que, nesses locais, os alunos terão apenas um itinerário à disposição, dos cinco existentes (linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e sociais aplicadas e formação técnica e profissional). No entanto, com o EAD, os alunos terão a oportunidade de cursar até 50% do itinerário escolhido em outra escola.

ÍNDIGENAS LANÇAM LIVRO SOBRE TRAJETÓRIA DE SUAS ANCIÃS

Onze guerreiras são as protagonistas de *Mulheres Indígenas da Tradição*, livro que apresenta a trajetória feminina das anciãs de 11 povos indígenas localizados em Pernambuco. Escrito apenas por mulheres indígenas, está disponível em PDF na *internet* e tem como proposta dar visibilidade à história feminina dessas aldeias. A obra é uma parceria do Centro de Cultura Luiz Freire (CCFL), Conselho Indigenista Missionário (Cimi) Regional Nordeste e Movimento de Mulheres Indígenas de Pernambuco.

Pernambuco não foi escolhido ao acaso, já que é o quarto estado com maior número de indígenas, 53.284 indivíduos, divididos entre 12 povos, segundo o IBGE. Atikum Dona Ana, Pankararu Entre Serras Dona Hilda, Kambiwá Dona Valdira, Kapinawá Dona Helena, Pankaiwká Dona Maria Antônia, Pankará Dona Emília, Pankararu Dona Maria, Pipipã Dona Lindalva, Truká Dona Marina, Tuxá Dona Lourdinha e Xucuru Dona Judite são exemplos da importância da mulher na preservação dos saberes tradicionais de cada etnia. Entre as 15 autoras indígenas estão Alcione Alves Laurentino, do povo Pipipã, Elisa Urbano Ramos, do povo Pankararu Entre Serras, Nayara Tayná Leite Silva, da etnia Atikum, e Sandra da Silva Pajeú Santos, do grupo Tuxá.

© FG TRADE / ISTOCKPHOTO.COM

© NOIPORNPAN / ISTOCKPHOTO.COM

NARRATIVA FILOSÓFICA PARA CRIANÇAS

Por meio de diálogos, a exemplo de Platão, *Deuses para Clarice*, do professor Clóvis de Barros Filho, tem o objetivo de facilitar o entendimento do que é filosofia para os pequenos. Recriando o ambiente da própria criança leitora, o ponto de partida se dá durante um almoço de família. Clarice diz que não está conseguindo acompanhar as aulas de filosofia na escola, e o pai se oferece então para ajudá-la. Depois, colegas da filha também participam da troca de ideias. Como o título sugere, as conversas são recheadas com referências a deuses. Uma referência à "desordem" do mundo contemporâneo, por exemplo, conduz ao deus Caos, que inspirou todo um grupo de divindades. Elas viviam no "céu", cuja ideia original não corresponde ao nosso entendimento da palavra – e então, ao explorar esse tópico, o livro tangencia temas religiosos. "Do dueto entre pai e filha, nascem histórias ao gosto de hoje, divertidas", escreve o jornalista Mario Vitor Santos no prefácio. "Contornam o anedótico. Incorporam as futilidades. Nenhuma curiosidade é omitida, muito menos censurada. O sabor geral tem o entusiasmo das primeiras histórias".

SÉRIE GUERREIROS DA FLORESTA À DISPOSIÇÃO NA INTERNET

As lutas e o universo das lideranças indígenas Yanomami, Huni Kuin e Suruí podem ser acessados pela *internet* e também já estão em exibição no canal Futura. Composta por 26 episódios e com duração de cerca de 26 minutos cada um, o objetivo é ampliar o protagonismo indígena – uma vez que o poder de fala é deles – nas escolas e outros setores da sociedade, por meio de conteúdos complementares, como artigos, documentos e filmes. Além disso, em breve haverá elaboração de guias de uso pedagógico para orientar o trabalho em sala de aula a partir dos episódios. Davi Kopenawa, liderança Yanomami, etnia localizada na Amazônia e em Roraima, Almir Suruí, da região de Rondônia e Mato Grosso, e Ninawa, do povo Inu Huni Kuin, é a maior população indígena do Acre. Os três são reconhecidos internacionalmente pela ONU e são destaques da série Guerreiros da Floresta. Disponível na plataforma de *streaming* Futura Play.

FESTIVAL PREMIA FILME SOBRE MOVIMENTO ESTUDANTIL

Espero tua (re)volta, documentário da diretora Eliza Capai, foi premiado pela Anistia Internacional e Fundação Heinrich Böll e destaca as ocupações das escolas estaduais por estudantes secundaristas, que ocorreram em São Paulo em 2015. O longa foi selecionado para o Festival de Berlim – um dos mais importantes eventos de cinema do mundo – e venceu o Prêmio da Anistia Internacional (AI), que dá ênfase a trabalhos voltados aos direitos humanos, e também ganhou o Prêmio da Paz, concedido pela Fundação Heinrich Böll. Coube a três ex-secundaristas – Lucas "Koka", Marcela Jesus e Nayara Souza – narrarem a história dessas ocupações em São Paulo contra o fechamento de 90 escolas estaduais e o remanejamento de cerca de 300 mil alunos para outras unidades. Foram quase 60 dias em que cerca de 200 escolas foram ocupadas. A mobilização dos jovens fez o governo de São Paulo voltar atrás em sua decisão. Segundo Capai, os estudantes queriam a compreensão sobre o movimento estudantil e também fazer parte da construção da obra, que possui imagens de manifestações que ocorreram desde 2013 – ano em que os atos explodiram – até a vitória do presidente Jair Bolsonaro em 2018. Feminismo, temas LGBTQ+ e antirracismo também englobam os discursos dos narradores.

Mergulho na ANCESTRALIDADE

Eliana Alves Cruz inventou-se como escritora para resgatar a própria história. Seus livros falam da formação do povo brasileiro e dão visibilidade a pessoas que foram subalternizadas a vida inteira, em especial as mulheres negras

por **Mara Magaña**

Fôlego ela tem de sobra. Eliana Alves Cruz é mãe, jornalista, ex-chefe de Comunicação de uma confederação de esportes – cobriu quase 30 campeonatos mundiais, Olimpíadas, Jogos Pan-Americanos –, colunista, produtora cultural e ostenta três ex-maridos. Forjada pela necessidade imediata do trabalho, já escreveu sem energia elétrica, sentada no aeroporto, amamentando filho, com muito conforto, sem nenhum conforto –, sempre à hora que desse. Não havia o melhor momento. Para ela, escrever é uma prática: "Inspiração você tem no início. Fazendo analogia com a minha área, para preservar e ganhar a medalha de ouro, a gente tem de exercitar a escrita muito e muito". O tempo é uma *commodity*, sentencia. "Não entendo aquelas pessoas que dizem 'ah, vou tirar um ano sabático'. Não é uma possibilidade para as mulheres negras. O direito do planejamento da escrita e da vida é um direito branco".

Estamos em um momento especial na cultura, na literatura. As mulheres negras deixam de ser simples leitoras, espectadoras e assumem o papel de protagonistas. Você se insere nesse lugar, mas partiu para algo diferente, que é o romance histórico. Como foi isso?

Eliana Alves Cruz: Parti para o romance histórico porque acho que existe essa lacuna. A gente tem poucos romances publicados por escritoras negras, e a lacuna dessa escrita, desse lugar, também ocasiona uma lacuna na nossa própria história romanceada. Então isso me instigou. Obviamente que a motivação inicial foi o resgate da minha própria história. Eu comecei com o romance *Água de Barrela,* um resgate de um ramo da minha família, que vai da metade do século 19 até nossos dias. Atravessa cerca de 170 anos e tem como pano de fundo a própria história do Brasil, da formação do povo brasileiro. Mas os protagonistas, o ponto de vista, o olhar são de pessoas que foram subalternizadas a vida inteira. E principalmente de mulheres, e as mulheres como guardiãs de uma cultura essencial, de algo muito forte dentro delas, apesar das tentativas de todo apagamento, e daí vem o nome de *Água de Barrela* – para quem não é familiarizado, água de barrela é um tipo e alvejante caseiro, utilizado por lavadeiras no século passado. Eu quis fazer um paralelo da questão de clarear as vidas e apagar o vestígio da cultura negra de "limpeza do sangue". Eu quis fazer esse paralelo porque essas mulheres, muito pelo contrário, empreteceram muito mais a família... E aí nesse romance trouxe isso tudo, e foi muito forte. Muitas pessoas que leem, relatam que choram, se identificam, não tinham percebido esse processo dentro da própria vida. Então, sim, me insiro nesse novo cenário, se a gente pode chamar assim, das mulheres negras escritoras, que têm voz, um protagonismo na literatura brasileira, mas também resgatando coisas que ficaram para trás, de que a gente precisa muito ter conhecimento. A história está pulando na nossa frente, pulando...

Quanto tempo levou na parte de pesquisa histórica? Como foi esse processo de resgate emocional de memória?

Comecei a escrever esse livro com 44 anos. Então, perguntar quanto tempo levou para escrever esse livro... 44 anos. É um livro de uma vida toda. Porque eu convivi com boa parte daqueles personagens. Foi um processo muito intenso. Sabe aquela história que você diz "um dia vou escrever isso", "um dia vou escrever" e um dia eu sentei e disse "hoje vou escrever". De verdade. Comecei a pesquisar, primeiro, região – o livro se passa boa parte em Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Nunca tinha ido ao Recôncavo. E isso me bateu: "meu Deus, por que eu nunca tentei saber o que acontecia lá?". E comecei a achar muita coisa. E por que 44 anos? Toda minha vida eu vi o relacionamento da minha avó com aquela família poderosa que eu retrato no livro. Ela se relacionava com os descendentes daquela família a vida toda. Ia para Salvador, visitava, eles vinham para o Rio... Tinha um intercâmbio ali, e eu ficava intrigadíssima para saber de onde minha avó conhecia aquelas pessoas com esse grau de intimidade. Quando ela já estava muito velha, com mais de cem anos, e minhas tias não viram outro jeito senão colocá-la em uma casa de idosos, com muita culpa no coração, a família Tosta saiu de lá e veio questionar as minhas tias por que

SAGA E MISTÉRIO

Se em *Água de Barrela*, Eliana Alves Cruz buscou em sua própria trajetória os subsídios para falar de um período que o Brasil tenta, de alguma forma, apagar, em *O Crime do Cais do Valongo* a perspectiva histórica permanece, mas o *start* para voltarmos é um cadáver abandonado na porta de um mestiço, nos tempos de D. Joao VI.

Com narrativa ágil e brilhante, misturando realidade e ficção, o livro é muito mais que um romance histórico-policial. O que se lê, na escritura da Eliana, é todo o horror da escravidão, que entrava por esse cais de importância ímpar para entendermos a formação brasileira. O livro traz uma parte pouco conhecida da África, a oriental. Segundo a autora, "a gente fala mais de axé, iorubá, bantu, Congo, mas não dos mitos de outros povos, que também passaram por aqui, entrando pelo Cais do Valongo. Está no nosso DNA". Há personagens reais, como o livreiro Manoel Mandillo, uma cantora lírica chamada Joaquina Lapinha e o Intendente-geral Paulo Fernandes Viana. Some-se a tudo isso um toque de um realismo mágico africano, e o resultado é uma obra fantástica. Para estar na estante de todos.

elas haviam colocado minha avó em uma casa de idosos. Tinha uma relação ali muito intensa. Então fui pesquisar a família deles e achei um monte de coisa. Peguei a documentação da minha família e descobri um mundo de coisas, pesquisei cada nome, cada referência, cada lugar e encontrei o elo, vi que nós fomos escravizados, na verdade, por aquela família, e que eles tinham uma relação de interdependência conosco a vida inteira, um cordão umbilical que nem eles nem a gente conseguia cortar. Eu achei esse mote simplesmente sensacional... Então, pensei: "agora vou escrever". E quando a minha família notou que eu realmente estava levando aquilo a sério, os baús se abriram. Eu tenho uma tia que é um pouco acumuladora, graças a Deus, então tinha muita coisa guardada. Na edição que já saiu pela Malê (editora), no final tem a carta de uma das bisnetas lá dos barões, que ela escreveu de próprio punho para minha avó por ocasião da morte da minha bisavó. E a minha tia veio com essa carta, que é quase um guia. Essa carta fala de vários personagens com quem ela conviveu. Foi muito fascinante descobrir essa carta e, por ela, eu fui ao Arquivo de Salvador, aí começa a parte da pesquisa histórica propriamente dita. Fui ao Arquivo Nacional para saber das terras do Engenho Natividade, fui ao Arquivo de Cachoeira para saber mais sobre a família, fui ao Arquivo de Salvador para saber de inventários da família, inventários que continham o nome de escravizados, e a terceira parte, que para mim é a cereja do bolo, a minha tia-avó Nunum, uma das personagens do livro, é diagnosticada com esquizofrenia paranoide. Ela está viva, com 98 anos, e não tem uma memória formal preservada, mas lembra de coisas que fazia aos nove anos. E lembra de verdade, porque eu fui investigar. Peguei alguns pesquisadores lá do Recôncavo Baiano, e eles disseram sim, esse lugar existe, essa festa acontecia... E um deles me falou: "Mas, vem cá, por que você não está acreditando nela? Só porque ela tem uma doença mental? Se despe de seus preconceitos, ela lembra, absorve essa memória. Você não vai achar isso em livro nenhum". E o que é mais interessante é que eu tive um trabalho para separar o que podia ser elucubra-

ção, criação dela, e o que realmente aconteceu. Só que a criação dela, enquanto literatura, me interessa, porque ela está criando em cima de algo que aconteceu.

Onde está nesse processo, onde se encontrou mais?

A Eliana está em quase tudo. Foi meu primeiro livro, minha primeira incursão na literatura. Então não tinha parâmetro, e eu mergulhei de cabeça, de tal forma que determinadas coisas eu até somatizei. Por exemplo, tem uma parte que fala da epidemia da cólera, eu tive todos aqueles sintomas. Em alguns momentos eu precisei, realmente, me afastar, para depois voltar e achar um meio-tempo, senão o livro ia me tragar. Acho que o ato de escrever não pode ser tão angustiante, deve ter um distanciamento para não deixar te consumir por cada coisa que você escreve. Eu fui tendo esse termômetro ao longo de todo esse processo que levou quase seis anos. Fui crescendo também como escritora. Da metade para o final, já tinha encontrado uma forma de pesquisar, já tinha descoberto uma forma de não me afetar tão profundamente com as coisas que eu descobria, porque fui descobrindo muita coisa: processos familiares, processos meus que estavam ligados aos processos familiares... Por exemplo, eu descobri uma documentação, um inventário de escravizados que me chegou por uma amiga lá de Salvador, que é antropóloga. O inventário é de 1855, da família Tosta, e tinha lá os nomes dos escravos arrolados. Muitos dos personagens que estão no livro estão naquele inventário. Olhar o nome da pessoa, com o preço do lado, misturado com todos os objetos da casa, perceber os objetos que aquelas pessoas eram... Como o ser humano é capaz de objetificar o outro com essa profundidade, dessa forma tão cruel? Isso tudo me tirou um pouco o fôlego, me afetou bastante, porque uma coisa é você ver isso nos livros de história, outra coisa é ver seu bisavô, sua bisavó dentro daquele processo. E perceber a solidão daquelas mulheres todas, como eram sozinhas, no final das contas. Essa tão falada solidão da mulher negra atravessa o livro inteiro. É um livro de laços rompidos, isso me marcou profundamente.

Você fala de laços rompidos... Acredita que o livro, de alguma maneira, reatou esses laços, resgata pelo menos um pouco dessa "sozinhez", dessa luta que ainda se trava no dia a dia?

Sim, acho que o livro me libertou, porque quando você entende os processos, tudo fica mais fácil. Acho que é por isso que as pessoas fazem análise. E a partir desse entendimento consegui dissolvê-los, desatar esses nós, esses entupimentos nas veias. Ele serviu como um solvente para as coisas fluírem, porque eu consegui entender que venho de cinco, seis gerações de mulheres absolutamente sozinhas. E que eu estava reproduzindo isso na minha vida – tenho três casamentos. Por que os meus casamentos não prosperaram? Claro que cada um tem seu questionamento, estamos no século 21, mas também tem toda uma carga ancestral de pessoas que carregaram o mundo nas costas, e sem perceber eu estava reproduzindo muita coisa desse processo. Quando entendi isso, eu me libertei demais, minha vida mudou. Minha vida se divide em antes e depois desse livro.

Tem outra questão que é a quantidade de escritoras negras. Além de dar conta do recado da vida – e para as negras é muito mais complicado –, como arrumar tempo e dinheiro para se dedicar à literatura? Passou por isso?

Tem pouca romancista negra no Brasil, porque a gente não dá conta de uma narrativa enorme dessas, tendo que lutar tudo o que a gente luta. A gente está na base da pirâmide brasileira. E quem está na base, está na guerra. Chega em casa destruída, depois de trabalhar muito, carregar o filho sozinha nas costas... Como é que você vai ter saúde para sentar e escrever, sem saber se um dia aquilo vai ter resultado, se alguém vai se interessar em publicar? Como você vai encarar uma escrita dessas sem saber se alguém um dia vai ler?

Antes de *Água de Barrela* houve alguma tentativa de escrever uma história?

Nunca tinha escrito nada de literatura antes. Eu não me via nesse lugar. Como jornalista, eu escrevia o dia inteiro. Escrevia outras coisas, factuais. Eu era muito tímida nesse campo. Eu

1 **MARIA DA CONCEIÇÃO EVARISTO DE BRITO**

Escritora negra de maior projeção hoje no Brasil. Nasceu em uma comunidade na zona sul de Belo Horizonte e vem de uma família muito pobre, com nove irmãos e sua mãe. Trabalhou como empregada doméstica até concluir o curso normal, em 1971, já aos 25 anos. Mudou-se então para o Rio de Janeiro, onde passou em um concurso público para o magistério e estudou Letras na UFRJ. Na década de 1980, entrou em contato com o grupo Quilombhoje. Estreou na literatura em 1990, com obras publicadas na série Cadernos Negros.

2 **CAROLINA MARIA DE JESUS** (1914-1977)

Foi uma escritora brasileira, conhecida por seu livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* publicado em 1960. Carolina de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil e é considerada uma das mais importantes do País.

REGINA DALCASTAGNÈ 3
Pesquisadora, escritora e crítica literária brasileira. Ela coordenou o estudo iniciado em 2003 pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília, sobre o perfil do romancista brasileiro. Segundo a pesquisa, ele é homem, branco, de classe média, nascido no eixo Rio-São Paulo. Os números mostram a falta de mulheres e homens negros tanto na posição de autores (2%) como na de personagens (6%). Mulheres negras aparecem como protagonistas em apenas seis ocasiões, e outras duas como narradoras das histórias. A pesquisa analisou um total de 692 romances escritos por 383 autores em três períodos distintos: de 1965 a 1979, de 1990 a 2004 e de 2005 a 2014.

me lembro que conheci a **CONCEIÇÃO EVARISTO**[1], depois descobri a **CAROLINA MARIA DE JESUS**[2]. Mas assim, uma, duas, três... No cômputo geral, tudo o que eu lia, inclusive na faculdade, era homem branco. E aí as pesquisas da professora **REGINA DALCASTAGNÈ**[3] comprovaram a minha prática – 70% dos escritores nos últimos 60 anos são homens brancos, do Sudeste. Olha isso. E até os clássicos internacionais, a gente só lê homem branco, uma Clarice Lispector aqui, uma Virginia Wolf ali, mas mulher branca. Então eu não me via naquele lugar. Pensava "esse lugar não é para mim, nunca ninguém vai querer publicar um livro meu". Quando comecei a escrever *Água de Barrela* foi mais um processo meu, íntimo, de entendimento da minha família, foi mais um presente para os meus filhos, queria que eles crescessem tendo alguma coisa que eu não tive, que é essa referência de passado. Quando terminei é que pensei como ia publicar aquilo. Passei cinco, seis anos da minha vida escrevendo e quando terminei – eu me lembro exatamente do dia, 15 de setembro de 2015 – tomei uma cerveja para comemorar comigo mesma e disse: "E agora?". Então comecei a procurar e achei o concurso da Fundação Cultural Palmares. E aconteci como escritora.

São poucas as escritoras negras, mas temos Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista brasileira e negra, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, você... E uma moçada que começa a acontecer, indo atrás dos coletivos, agitando muito. Como você vê esses movimentos?

Vejo com muita felicidade todo esse movimento. Por exemplo, na Flup (Festa Literária das Periferias), aqui no Rio, eu vi um **SLAM**[4] de poesia simplesmente fantástico. Tem muita gente escrevendo coisas legais, muita gente ainda temerosa de encarar essa coisa de romance, por achar que é muito grande, mas poesia e conto a gente está dominando. Aí faço de novo a analogia com o esporte. Tem um estudo americano que diz que de mil atletas você tira um talento olímpico. Então tem de ter muita gente praticando esporte para ser uma potência olímpica. Eu acho que na escrita é mais ou menos a mesma coisa: quanto mais gente escrevendo, mais qualidade vamos ter. A qualidade sobressai do meio daquela multidão toda que resolveu escrever, que resolve colocar aquela prática para fora, as suas questões. Aí sim entra a questão do talento, da identificação com esse ou aquele escritor, mas a gente precisa ter muita gente produzindo e isso está acontecendo com a graça de Deus, finalmente. E eu acho que isso é fruto dos anos de cotas que a gente tem nas universidades, fruto de uma sociedade que em algum momento disse assim: "não existe limite para você, vai lá, conquista, todo lugar é seu, você é dono do mundo também".

Sobre essa questão de políticas públicas, cotas raciais, vivemos um momento difícil, da possibilidade de uma hora para outra essas políticas estarem na corda bamba. Como está vendo esse momento? Os negros vão ter de lutar mais por seu lugar de fala?

Olha, como escritora eu sou fruto de uma política pública. Não fosse o concurso da Palmares, que é uma instituição ligada ao extinto Ministério da Cultura, talvez eu estivesse até hoje para publicar a primeira edição do *Águas de Barrela*. Seria um processo infinitamente mais longo e dolorido. Não por acaso, a Conceição Evaristo só aconteceu com quase 70, nacionalmente, internacionalmente, porque dentro do movimento negro ela já é a Conceição há muito tempo. Então existe uma responsabilidade do Estado com relação à cultura negra, especialmente. Dentro das políticas de reparação, pelos quase quatro séculos de escravidão que tivemos, isso deveria estar incluído e deveria ser uma reivindicação de toda população brasileira, não só a negra. A questão da escravidão, da objetificação das pessoas, é uma questão da sociedade brasileira como um todo. A falta de entendimento disso é que possibilita todo o caos que vivemos. Estamos em um momento de retrocesso com relação a isso, mas acredito que há caminhos que não têm volta. Nós começamos um processo que não tem volta. As pessoas que foram empoderadas nesses últimos 15 anos, e que de alguma forma continuam porque é lei, estão aí, os professores estão aí, cumprindo o seu papel mesmo com

todas as dificuldades, eles continuam... O que precisamos é parar para pensar como vamos acelerar ao invés de estacionar.

A escritura das mulheres negras é navalha na carne, porque contém uma dor impensável para grande parte da população. E isso traz um certo acento de voz. Esse fardo histórico traz uma qualidade diferenciada?

A gente desde muito cedo é obrigada a encarar uma face de mundo que a maior parte das pessoas não faz a menor ideia. E isso tudo passa no nosso texto e incomoda demais. Talvez daí venha a reação que essa literatura provoca em alguns grupos. Se a gente for olhar a biografia da Carolina Maria de Jesus, o que aquela mulher passou, que vida foi aquela, uma vida que, escrevendo, por alguns segundos, ela transcendia tudo aquilo. Mas a dor, obviamente, é o texto dela inteiro. E essas vozes provocam uma culpa – as pessoas se confrontam com elas mesmas e nem todo mundo fica confortável. Não é um lugar confortável. Como diz a Conceição, nossa escrita não é para fazer ninar o pessoal da Casa Grande. Tem gente que nos diz que estamos muito presas à escravidão. E aí eu pergunto: "Onde você mora? No Rio de Janeiro?". Como uma pessoa que mora no Rio de Janeiro, a cidade mais escravocrata do País, da história da humanidade – 1 milhão de pessoas pisaram no Cais do Valongo, que formaram essa cidade – se acha livre disso, morando cercada de comunidades por todos os lados, onde a bala come solta? Então, para continuar nesse mundo de fantasia, é preciso negar a nossa escrita, é preciso negar a nossa existência. É preciso, principalmente, desqualificar. E tem essa questão do lugar de fala. Precisamos ter cuidado, porque, às vezes, essa fala é manipulada de forma muito pouco honesta. As pessoas usam essa questão pra te enclausurar num lugarzinho. "Ah, você só quer falar sobre isso, então fica aí falando...". Isso é perigoso. "Fica aí escrevendo sobre sua 'escrevivência'".

Falando agora um pouco do seu segundo romance, *O Crime do Cais do Valongo*, que começa com algo que aconteceu antes do Império...

Foi um livro bem interessante, gostoso de escrever porque pude brincar um pouco mais. Criei dois personagens, um é o Nuno, um mestiço, e uma escravizada, a Muana, uma moçambicana que vem pra cá. E os dois contam sobre esse crime. Morre um figurão, um **NOUVEAU RICHE**[5], que poderia se encaixar em um personagem que vive agora. Aliás, todos os personagens podem. O Nuno fica brigando entre ser branco e ser negro. Ele e um **BON VIVANT**[6], um sobrevivente, não está nem aí para as coisas. Para se manter naquela sociedade, faz várias concessões, é um cara de caráter bem duvidoso, e um dia topa com um cadáver na porta dele. Depois entra a Muana, que era escravizada pelo morto e começa a contar também sua história e aí vão aparecendo os personagens. Ficou muito interessante, porque foi uma forma que eu inventei de falar daquele período do Rio de Janeiro, daquele recortezinho de tempo, que é um pouco antes da chegada da família real até comecinho das questões da independência do Brasil, antes de 1822. Eu trago aquela época do Valongo, porque o próprio carioca não sabe o que aconteceu, e ali está o DNA do Brasil de hoje, é patrimônio da humanidade para a Unesco e um lugar vital para entender a sociedade brasileira. Foi o caminho do ouro, por ali entravam escravos que iam lá para Minas, dali saía ouro que ia parar em Portugal, e a gente não sabe nada sobre isso.

Você está preparando uma nova pesquisa, dá para falar um pouco sobre isso?

Estou preparando várias coisas novas. Este ano está saindo uma antologia de contos – *Do Índico e do Atlântico: contos brasileiros e moçambicanos*, eu estou lá, deve sair algum infantil, e estou escrevendo dois romances. O que está quase no término também é um romance histórico – eu recuo 100 anos na história do Valongo. É sobre homossexualidade no Brasil Colônia, talvez seja um pouco polêmico, porque vai trazer uma personagem trans. É, acho que vai ser bem polêmico. CP

4 *SLAMS OU POETRY SLAMS*
São encontros de poesia falada (*spoken word*) e performática, geralmente em forma de competição, onde um júri popular, escolhido espontaneamente entre o público, dá nota aos *slammers* (os poetas), levando em consideração principalmente dois critérios: a poesia e o desempenho.

5 *NOUVEAU RICHE*
(novo rico) é a pessoa originária de classe social baixa que enriquece subitamente, mas que mantém um estilo de vida, gostos e modos considerados vulgares pelas classes mais altas.

6 *BON VIVANT*
Uma expressão da língua francesa que designa uma pessoa que sabe aproveitar os prazeres da vida.

SOBRE A AUTORA
MARA MAGAÑA é jornalista, escritora e educadora.

Pai de muitos

Definir o que é um dicionário não é tarefa tão fácil quanto parece. Para além de uma extensa lista de palavras e seu significado, ele é também um gênero de discurso e reflete diversas visões da língua

por **Avram Ascot**

Mais do que uma simples lista de palavras organizadas em ordem alfabética, um dicionário é um objeto de conhecimento criado para satisfazer a curiosidade do ser humano sobre o significado daquilo que desconhece.

Perguntas como "o que é isto?" e "para o que serve aquilo?" são respondidas com relativa facilidade pelos mais diversos tipos de dicionários disponíveis em meio físico e/ou digital.

Todos nós em um momento ou outro de nossa vida de cidadãos de uma sociedade letrada já consultamos um dicionário: para saber o significado ou sinônimo de uma palavra, para concluir um trabalho escolar ou acadêmico, "fechar" uma palavra cruzada ou por simples curiosidade de saber o que quer dizer aquela palavrinha pedante que a mulher do Meireles insiste em repetir ao final de cada frase que pronuncia com aquele ar de sabichona.

Os dicionários estão em toda parte: nas escolas, nas bibliotecas, nas empresas e até mesmo na casa de todos aqueles que têm condições de adquirir um de seus mais diversos tipos e formatos.

Na aldeia global formada pela *internet* é possível encontrar versões eletrônicas deles em variados *sites* de consulta e pesquisa. O acesso a um dicionário eletrônico é também um meio de inclusão digital.

Apesar dessa presença constante na vida das pessoas, poucos de nós sabemos o que é ou para que serve um dicionário. E, embora a resposta pareça óbvia, não é tão simples assim definir de modo claro e articulado o que é um dicionário.

Na tentativa de responder de maneira clara e objetiva a essas e outras dúvidas, vamos (re)lembrar aqui alguns dados importantes sobre os dicionários e sua importância para o professor, o aluno e a mulher do Meireles. (*Ver box Com direito à palavra*)

"Na aldeia global formada pela *internet* é possível encontrar versões eletrônicas deles em variados *sites* de consulta e pesquisa. O acesso a um dicionário eletrônico é também um meio de inclusão digital"

1 LINGUÍSTICA
É a ciência que tem como objeto de estudo a língua e suas estruturas. Estuda a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, sociocultural e psicológico.

COM DIREITO À PALAVRA

Consultar um dicionário não é assim tão fácil quanto parece. O acesso às informações por ele organizadas exige uma série de conhecimentos que só vamos adquirindo com o tempo.

Mais do que um simples suporte para o texto, o dicionário é também um gênero do discurso, e o ensino e aprendizagem de seu "uso" exige um trabalho pedagógico que privilegie práticas de leitura e escrita de uso cotidiano.

O uso do dicionário em sala de aula é uma oportunidade para, a partir do estudo do vocabulário e do léxico, desenvolver a proficiência em leitura e escrita de crianças e adolescentes.

Em uma sociedade letrada, que exige de seus cidadãos patamares superiores de proficiência em leitura e escrita, as práticas de letramento devem privilegiar situações de ensino e aprendizagem que ampliem o conhecimento sobre a língua e o léxico.

O QUE FAZ UM DICIONÁRIO

Embora seja composto de palavras e seu principal objeto de conhecimento seja a palavra, um dicionário é muito mais do que simplesmente um catálogo de palavras.

As suas áreas de interesse vão muito além da **LINGUÍSTICA**[1] e da **LEXICOGRAFIA**[2], e seus objetos de conhecimento são tão distintos quanto diversificados. (*ver box Para além da palavra*)

Elaborado a partir de convicções teóricas e propostas lexicográficas distintas, cada dicionário é organizado de acordo com o público e o objetivo ao qual se destina. Nesse sentido, podemos dizer que o dicionário serve a diversos patrões e pode prestar os mais variados serviços a cada um deles.

Os conhecimentos culturalmente partilhados que ele classifica e cataloga vêm das mais diversas fontes e são produto de saberes populares não especializados, mas consensuais, e de saberes especializados oriundos das mais variadas procedências.

As possibilidades e os limites de um dicionário não se restringem às categorias e subcategorias de seres e coisas que ele cadastra, inventaria e relaciona.

Como descrição mais ou menos extensa do léxico de um idioma, cada dicionário é resultado de uma determinada convicção teórica e se organiza de acordo com os ideais linguísticos que defende.

Comprometidos com uma tradição lexicográfica que tem como modelo as normas urbanas de prestígio e os usos literários consagrados, a maioria dos dicionários confirma o que diz o professor **FRANCISCO DA SILVA BORBA**[3], livre-docente da Universidade de São Paulo, quando afirma que "Quem fala ou escreve pretende sempre colocar, mesmo que implicitamente, seu modo de ver e sentir o universo, seus pontos de vista e suas convicções, seu sistema de crenças".

Ao ampliar os limites do conhecimento estabelecido, o dicionário se estabelece como produto cultural e consolida uma determinada visão de língua, vocabulário, leitura e escrita.

Para a professora **MARIA DA GRAÇA KRIEGER**[4], ex-membro da Comissão Técnica do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do Ministério da Educação, responsável pela área de dicionários, como produto de caráter social, o dicionário "reflete determinadas visões sobre a língua e, logo, posições do sujeito enunciador, a despeito de sua aparência de neutralidade, a qual está vinculada à articulação de um paradigma formal histórico e universalmente estabelecido, e que praticamente acompanha a história da humanidade".

O conhecimento sobre língua e linguagem que ele partilha, portanto, é construído a partir da **PRÁXIS LINGUÍSTICA**[5] do grupo social ao qual se destina como produto cultural e de consumo. (*Ver box Representações de gênero*)

PARA QUE SERVE UM DICIONÁRIO

Do ponto de vista da descrição lexicográfica, que é a descrição do léxico da língua, o dicionário fornece um conjunto de informações sobre cada uma das palavras que registra e sua utili-

PARA ALÉM DA PALAVRA

A organização de um dicionário obedece a critérios lexicográficos que vão além da origem e do significado das palavras. Como produto sociocultural destinado a um determinado grupo em uma comunidade de falantes, ele pode ser organizado de acordo com suas intenções, metas e finalidades. A partir desses critérios é possível estabelecer os principais domínios do conhecimento a que se destina cada tipo específico de dicionário:

- **Os objetos de conhecimento:** a linguagem, a vida e sociedade, o inconsciente, entre outros.
- **Ciências e disciplinas:** a filosofia, a linguística, a psicanálise, entre outras possíveis.
- **Grandes áreas epistemológicas:** ciências naturais, ciências humanas, ciências exatas etc.

LEXICOGRAFIA (2)
Área de estudos do léxico que se dedica à organização do repertório lexical existente em uma língua. É a responsável pela elaboração de dicionários, vocabulários e glossários.

FRANCISCO DA SILVA BORBA (3)
Professor titular (aposentado) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Graduado em Letras (USP), doutor em Letras (Unesp), livre-docente (USP). Tem experiência na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: sintaxe, teoria gramatical e lexicografia.

MARIA DA GRAÇA KRIEGER (4)
Doutora em Linguística e Semiótica Geral pela USP e pós-doutora em Terminologia pela Universidad Pompeu Fabra (Barcelona, Espanha). Foi fundadora e coordenadora do Projeto TERMISUL (UFRGS) – que pesquisa o desenvolvimento dos estudos terminológicos –, atuou como presidente da Rede Ibero-americana de Terminologia (RITerm), foi a responsável pela área de dicionários da Comissão Técnica do Programa Nacional do Livro Didático (Ministério da Educação) e trabalha até hoje no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (UNISINOS).

dade vai muito além daquele tira-teima sobre a ortografia e/ou significado de uma palavra.

Ao indicar os diferentes domínios de conhecimentos a que uma determinada palavra está relacionada, ele não apenas amplia o campo semântico desta palavra, mas também desvenda as relações de forma e conteúdo que ela estabelece com outros vocábulos.

Para além das funções gramaticais, há um mundo de valores sociais e afetivos relacionados à palavra que o dicionário pode revelar a partir da análise de estilo e linguagem presentes nos enunciados da fala e da escrita.

Portanto, quanto mais ampla for a seleção vocabular feita por um dicionário, maior será a sua eficácia em desvendar a trajetória de uma palavra na língua.

Informações como a origem e o caráter regional de um vocábulo podem ajudar na descrição da pronúncia aproximada de um estrangeirismo ou regionalismo, bem como indicar os contextos mais típicos de uso do vocábulo e/ou expressão.

O cuidado descritivo e a representatividade de cobertura de um dicionário são o que determina a qualidade dos serviços que ele prestará e o uso que um determinado público fará dele.

As demandas de ensino e aprendizagem às quais um dicionário atende estão atreladas ao conjunto de "serviços" que ele pode prestar.

Vai longe a época em que o dicionário era chamado "pai dos burros". Com a ampliação do acervo cultural da humanidade e o enriquecimento do patrimônio cultural das sociedades letradas, ele se tornou em instrumento pedagógico fundamental e ferramenta didática eficaz no auxílio ao processo de ensino e aprendizagem. CP

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO

Partindo do pressuposto de que as práticas e os papéis sociais do homem e da mulher na sociedade modificaram-se ao longo do tempo e de que essas mudanças foram fortemente marcadas pelas convenções sociais de cada época, é possível construir um painel de como se dão as representações de gênero nas práticas de linguagem de uma determinada sociedade e de como elas são reproduzidas na produção cultural desta sociedade.

Uma análise atenta sobre as entradas dos verbetes "homem" e "mulher" no dicionário, bem como dos substantivos e adjetivos que se referem a ambos, revela a prevalência de um discurso preconceituoso com relação à figura feminina e uma celebração da figura masculina.

A constituição anatômica e os papéis sociais assumidos pela mulher são diminuídos em face de uma exaltação da figura masculina que tem sua anatomia, seus papéis sociais e suas características psicológicas engrandecidas.

A predominância do gênero masculino na maioria dos verbetes revela uma enunciação fortemente marcada pelas convenções sociais e descontrói o mito da neutralidade do discurso presente no léxico.

Esta reprodução de uma relação de poder marcada pelo patriarcalismo é socialmente construída e historicamente situada e pode ser constatada por trabalhos acadêmicos como *A representação do homem e da mulher no dicionário de usos do português do Brasil*, dos pesquisadores Antonio Luciano Pontes e Hugo Leonardo Gomes dos Santos, da Universidade Estadual do Ceará, e *A representação do gênero em dicionários monolíngues dos idiomas alemão, espanhol e português: uma análise crítica feminista de verbetes referentes às profissões*, das pesquisadoras Giselly Oliveira de Andrade, da Universidade Estadual do Ceará, Gislene Lima Carvalho, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, e Romana Castro Zambrano, da Universidade Federal de Sergipe.

5 PRÁXIS LINGUÍSTICA

Considera a língua como uma prática de linguagem inserida em um determinado contexto de uso e ação. É a partir dela que são construídos os significados para qualquer processo de enunciação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

HUMBLÉ, Philippe. *O discurso do dicionário*. In: Caldas-coulthard, Carmen Rosa e Scliar CaBral, Leonor. orgs. Desvendando discursos: conceitos básicos. Florianópolis: Ed. da UFSC. 2007.

ILARI, Rodolfo e GERALDI, Wanderley. *O significado das palavras*. In _. Semântica. São Paulo: Ática. 1987.

KRIEGER, Maria da Graça. 2001. *O universo dos dicionários*. In__ roesing, T. M. K. e BecKer, P. orgs. Jornadas Literárias de Passo Fundo: 20 anos de história – ensaios. Passo Fundo: UPF/ Edelbra, 2001.

NUNES, José Horta e PETTER, Margarida (orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas; Campinas: Pontes. 2002.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. Ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

SOBRE O AUTOR

Avram Ascot é heterônimo de Abrahão Costa de Freitas.

Comunicação e a dona mãe do Rio

Por **Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro**

Na tradição linguística, muitas têm sido as formas pelas quais se investiga a língua, essa "entidade" de definição dependente – dependente porque a concepção do que seja língua (e do que se deve estudar nela) varia de acordo com a teoria da qual se parte. Por exemplo, a perspectiva estruturalista, segundo o pesquisador e linguista brasileiro Camara Jr., interessava-se pelo sistema linguístico; portanto, interessava-se, sobretudo, por aquilo que, na língua, fosse homogêneo e coletivo, compartilhado por todos os falantes de uma mesma comunidade. Não havia, pois, uma preocupação "interlinguística". Os autores **CARLOS MIOTO**[1], **MARIA CRISTINA FIGUEIREDO SILVA**[2] e **RUTH LOPES**[3] afirmam no *Novo Manual de Sintaxe* que, como o estruturalismo, também a linguística gerativa assume um caráter formalista: valoriza a estrutura linguística – ou seja, a sintaxe da língua – em detrimento do significado, de difícil apreensão. Diferentemente do estruturalismo, no entanto, o gerativismo busca por padrões comuns a todas as línguas naturais.

A língua interativa, tão presente nos meios digitais, mostra que as práticas de uso linguístico são complexas, mas não dicotômicas, e pautadas por palavras de ordem

Surgem, contudo, em oposição às correntes formalistas de estudo linguístico, vertentes teóricas interessadas na língua em uso que se podem reunir sobre o termo correntes funcionalistas. Para pesquisadores e teóricos dessas vertentes, como a linguista Vera Paredes Silva, o estudo da língua pressupõe que se investiguem fatores discursivo-pragmáticos, aqueles que integram o contexto linguístico. Portanto, fazem-se necessários questionamentos como: Quem fala (ou escreve)? Para quem? Sobre o quê? Quando e onde isso acontece?

Ganha destaque, agora, aquilo que, na língua, se reconhece individual, ainda que não se negue, tampouco se ignore, o coletivo, já contemplado pelos linguistas estruturalistas.

Também o filósofo francês Gilles Deleuze e Félix Guattari – um filósofo, psicanalista e militante revolucionário francês, mas autodidata, sem nenhum estudo formal –, há mais de três décadas, apontavam para a necessidade de se reconhecer a língua enquanto prática. Notamos isso, por exemplo, quando os autores afirmam: "A unidade elementar da linguagem – o enunciado – é a palavra de ordem". Não é uma unidade meramente formal; é uma unidade interacional, pois a ordem se dá na interação. É, portanto, o uso da língua que deve assumir posição elementar nos estudos linguísticos, quaisquer que sejam as instâncias analisadas, da fala à escrita.

> **"... o uso da língua que deve assumir posição elementar nos estudos linguísticos, quaisquer que sejam as instâncias analisadas, da fala à escrita"**

CONTÍNUO DE ORALIDADE-LETRAMENTO

Popularmente, costumamos tratar da fala e da escrita como se fossem conceitos dicotômicos: ou falamos, ou escrevemos. Entretanto, para os linguistas preocupados com o discurso, como o filósofo, linguista e escritor Luiz Antonio Marcuschi e Bortoni-Ricardo, o cenário é bem mais complexo. Na verdade, os textos falados e os textos escritos situam-se em um contínuo chamado, pela linguista e sóciolinguista Stella Maris Bortoni-Ricardo, de contínuo de oralidade-letramento. Nos eventos de letramento, a base da interação é o texto escrito; nos de oralidade, o texto falado. Trata-se da base da interação; isso não impede que as características da fala e da escrita prototípicas interajam entre si para compor a comunicação.

Para compreendermos, com clareza e brevidade, ao que nos referimos quando tratamos fala e escrita em um contínuo, podemos recorrer a produções textuais em um ambiente de interações humanas que, desde o início do século XXI, tem se desenvolvido amplamente. Podemos recorrer ao ambiente digital.

Marcuschi e a linguista Susan Herring defendem que, na *internet*, a escrita assume posição central. No entanto, não podemos prontamente associá-la à escrita tradicional, pois desta se difere de inúmeras formas; tampouco podemos, ainda, dizer que se trata de uma "fala por escrito", pois também da fala tradicional a escrita digital se distancia em alguns aspectos.

Portanto, façamos aqui o seguinte: investiguemos, em uma curta interação entre duas pessoas pelo aplicativo WhatsApp, como diferentes semioses podem atuar na construção da comunicação, na construção da língua em uso, a fim de verificarmos, como objetivo último, quais palavras de ordem, segundo a proposta de Deleuze e Guattari, compõem a conversa. Sigamos à análise da interação abaixo:

(ARQUIVO PESSOAL DO AUTOR, REPRODUZIDA SOB AUTORIZAÇÃO DE AMBOS OS PARTICIPANTES DA INTERAÇÃO)

No excerto de conversa de WhatsApp disposto acima, notamos dois amigos que, de início, discutem sobre o aniversário da "Dona mãe do Rio" que se daria no dia seguinte ao dia da conversa. A interação entre os dois interlocutores se constrói, majoritariamente, por meio do texto escrito (nesse caso, digitado). Observamos, porém, alguns elementos que aproximam essa

1 **CARLOS MIOTO**
Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, possui pós-doutorado pela Università di Siena (1998) e pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campinas.

2 **MARIA CRISTINA FIGUEIREDO SILVA**
Doutora em Linguística pela Université de Genève. Atua em Teoria e Análise Linguística, especificamente dentro do quadro da Gramática Gerativa.

3 **RUTH LOPES**
Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Tem pós-doutorado por três universidades: University of Maryland at College, University of Massachusetts, e University of Chicago.

escrita dos textos que, tradicionalmente, reconhecemos como textos orais. Por exemplo, os prolongamentos das palavras "quem" e "sim" logo no início do excerto apontam, conforme demonstra a escritora e mestranda em Linguística Yales Lima, para uma aproximação com a fala. Também o uso de um *emoticon* ao final do excerto visa, nas palavras da filóloga e linguista Vera Lúcia de Paiva, a "superar a ausência das expressões faciais e dos elementos paralinguísticos". Aqui, já temos uma característica interessante: os *emoticons* representam uma estratégia típica da escrita digital para contemplar aspectos da comunicação face a face.

Outra característica associada à escrita digital é o peculiar uso de asteriscos na interação apresentada. Na escrita convencional, os asteriscos costumam encaminhar o leitor, por exemplo, para as notas de rodapé; na escrita em ambiente digital, por outro lado, os asteriscos tendem a ser usados como uma forma de apontar uma correção: aquilo que se apresenta ao lado dos asteriscos retifica uma porção textual prévia tomada como equivocada. Quanto mais asteriscos são usados, mais intensa, mais urgente se faz a correção. A diferença, agora, é que esse uso dos asteriscos não dialoga, diretamente, com características da escrita tradicional, tampouco da fala; trata-se de uma característica típica da escrita digital, que a distingue da escrita tradicional, sem que, necessariamente, a aproxime da fala tradicional.

Onde, porém, vemos até aqui as palavras de ordem apresentadas por Deleuze e Guattari como "unidade elementar da linguagem"?

Podemos argumentar que, no início da interação, a palavra de ordem, por assim dizer, consiste em um mútuo acordo: ambos os interlocutores se posicionam na conversa – e confirmam o seu direito de participar dela – ao demonstrarem, ambos, estarem cientes de que, no dia seguinte àquela interação, seria aniversário da "Dona mãe do Rio".

Contudo, fazem-se mais claras as palavras de ordem pelas quais o texto, ao final do excerto, se constrói. Notamos, nessa porção da interação, um curto embate: enquanto o interlocutor à esquerda se propõe a corrigir uma estrutura linguística empregada anteriormente, o interlocutor à direita (que introduziu tal estrutura na interação) a confirma no texto e, pelo uso do *emoticon*, demonstra aversão à correção imposta. Ora, trata-se, portanto, de um embate de ideologias, conforme ensina o físico americano e professor de educação na Universidade de Michigan Jay Lemke: de um lado, apresenta-se uma ideologia linguística prescritiva, que estigmatiza estruturas como "levar ela", em que o complemento verbal se manifesta sob a forma de um pronome ("ele") recorrentemente associado à função de sujeito, não de complemento; de outro lado, apresenta-se uma ideologia democrática, que, segundo nos parece, reconhece como válidos usos linguísticos que se distanciam do padrão imposto pela gramática normativa, mas que são, de fato, produzidos em situação real de comunicação. Ambos os posicionamentos, porém, instanciam: "faça-se valer esta estrutura linguística (não aquela)". São, pois, palavras de ordem.

> **"Outra característica associada à escrita digital é o peculiar uso de asteriscos na interação apresentada (...) típica da escrita digital, que a distingue da escrita tradicional, sem que, necessariamente, a aproxime da fala tradicional"**

Demonstra-se, assim, que as práticas de uso linguístico são práticas complexas, por natureza não dicotômicas, e, conforme assumem Deleuze e Guattari, pautadas por palavras de ordem. O reconhecimento desses fatos requer que se tome, como objeto de análise, não a língua enquanto conjunto homogêneo de regras estruturais; mas a língua enquanto prática interativa. CP

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 25ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Postulados da Linguística*. In: ________; ________. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Título original: Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie, 1980.

HERRING, Susan C. *Computer-mediated discourse*. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (Org.). The Handbook of Discourse Analysis. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001, pp. 612-634.

LEMKE, J. L. *Textual politics: an introduction*. ________. Textual politics: discourse and social dynamics. London: Taylor and Francis, 1995, pp. 1-18.

LIMA, Yalis Duarte Rodrigues. *Forma e função em gêneros digitais: estrutura composicional e traços léxico-gramaticais no macrogênero blog*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: ________; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010, pp. 15-80.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Facebook: um estado atrator na internet*. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson (Org.). Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender? 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, pp. 65-80.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, mimeo, 1988.

SOBRE O AUTOR

Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro é mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); licenciado em Letras: Português-Inglês pela UFRJ e professor de Leitura e Produção de Texto do Colégio Mopi, no Rio de Janeiro.

Precisamos falar mais sobre nós

Peço perdão aos meus leitores homens se me incluo no título deste artigo. É que minha cabeceira, no exato momento em que escrevo, é totalmente feminista. A culpa é de Heloisa Buarque de Holanda. *Explosão Feminista* (Companhia das Letras) apresenta-se como um livro-ocupação, logo na primeira frase da orelha. E é justamente essa a sensação que se tem ao travarmos conhecimento das histórias reunidas por Heloisa, com feministas-ativistas em diversas áreas, da política às artes, das garotas que mal saíram da adolescência, ou nem saíram, às veteranas velhas de guerra, dos variados tons e sons dos feminismos da diferença.

Assim como a autora, sou uma feminista da terceira onda. Mas isso já é passado: a minha luta por igualdade e representatividade aconteceu na universidade, nas redações, dentro da minha casa. O fazer político, o ativismo político que eu acreditava ser possível, não alcançava a minha representação nas ruas. E, para falar a verdade, nem dentro de partidos ou associações.

Mas existia. Prova disso é a última parte do livro, onde Heloisa Buarque de Holanda avisa: "Essa parte não fala de explosão feminista... Traz apenas o depoimento de algumas veteranas desta história: mulheres acadêmicas de um momento vital do feminismo no Brasil, que foi o período de 1975 até a virada do século...". Assim conhecemos a socióloga e historiadora Bila Sorj, que também se dividiu, inicialmente, entre o feminismo conhecido em Israel e a militância socialista. Ou Sueli Carneiro, que topou com as questões raciais e entrou para um movimento negro, mas não qualquer movimento, um coletivo negro de mulheres nos anos 1970. Ou como exemplifica a socióloga Jacqueline Pitanguy: "... A questão da mulher não existia para mim; eu não tinha consciência de que era especificamente mulher. Creio que essa era uma característica das pessoas politizadas da nossa geração. Nós estávamos preocupados com a política a nível macro". Mas, com a experiência adquirida no Chile de Salvador Allende, foi trabalhar como pesquisadora e professora de metodologia na PUC do Rio. Deu com os costados em uma pesquisa com a Organização Internacional do Trabalho e então entrou em contato com a opressão da mulher no mercado de trabalho. Foi o pontapé inicial para seu envolvimento em questões feministas.

Do fim para o início, aterrissamos na chamada quarta onda, com as jornadas de junho de 2013, que reuniu milhares de mulheres nas ruas do País, a partir do Movimento Passe Livre, e com uma novidade nunca antes utilizada: as redes sociais. Dava-se início às novas linguagens do ativismo. As mulheres, definitivamente, se fizeram ouvir (e ver). Como observa Ivana Bentes: "Destaco a emergência de novas linguagens nesses movimentos urbanos: as mulheres da Marcha das Vadias exibindo seios e corpos pintados, reivindicando direitos e liberdades..."

Dois anos depois, ainda sobre os ecos das manifestações feministas, essas e outras mulheres reagiram ao retrocesso que representou a aprovação do projeto de lei 509/2013, apresentado por Eduardo Cunha, que dificultava o acesso de vítimas de estupro a cuidados médicos essenciais. Não nos fizemos de rogadas: voltamos às ruas com palavras de ordem tipo "O Cunha sai, a pílula fica", ou as mais audaciosas empunhando cartazes com frases como "As puta, as bi, as trava, as sapatão, tá tudo organizada pra fazer revolução". Fomos ganhando força, atingindo cidades grandes, pequenas, trabalhadoras do campo.

Explosão Feminista é dividido em quatro partes. Na primeira, o lugar de fala é da nova geração política; na segunda, a palavra forte revela o feminismo nas artes em geral. A parte três traz os feminismos da diferença e aí o bicho pega: cisgênero, a própria Heloisa, negras, indígenas, asiáticas, transfeministas e as feministas lésbicas. São reflexões e entrevistas de mulheres que expõem suas veias abertas do feminismo. A quarta parte é a que abre essa reflexão.

A obra é fundamental para entendermos como andamos e para onde vamos. Mas ainda é pouco. Precisamos falar mais sobre e para nós. CP

MARA MAGAÑA é jornalista, escritora, contadora de histórias, mãe e feminista, ainda que seja da terceira onda.

Viagem ao Sertão rosiano

Cavaleiro de léguas e bandeirante das palavras, Rosa chega aos que nunca esquecem e aos que jamais leram a expressão que dilacera o espírito de um leitor – *Nonada* – em duas belíssimas edições: *Grande Sertão: Veredas* e *Sagarana*

Apeie vivente, que o causo carece...

por **Mara Magaña**

Tem de se entrar na atmosfera rosiana para abrir uma de suas páginas. Para quem nunca o leu, duas ótimas oportunidades se apresentam: *Sagarana*, na qual os críticos afirmam que Rosa encontrou Rosa – coletânea que traz em seu bojo um de seus contos mais conhecidos, *A Hora e a Vez de Augusto Matraga* –, e sua obra mais celebrada, *Grande Sertão: Veredas*.

Por decisão dos herdeiros, as produções de Guimarães Rosa ficaram divididas entre a Companhia das Letras e a Global (***ver box Duas Casas para um Só Gênio***). Nascido em Cordisburgo, interior de Minas Gerais, a 27 de junho de 1908, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras por unanimidade, em 1963. Mas não foi empossado imediatamente, porque adiou a cerimônia enquanto pôde. Dizia ter medo de morrer no dia do evento. Só tomou posse em 16 de novembro de 1967. Três dias depois morreu subitamente em seu apartamento no Rio de Janeiro, de infarto.

O sertão e a viagem por suas veredas são o território escolhido pelo também médico e diplomata Guimarães Rosa para nele desenvolver seus enredos e desenredos. O for-

te cunho poético e peculiar de sua escrita não espantou os tradutores – com a maioria deles, aliás, o autor manteve contato estreito, por meio de cartas. Rosa pode ser lido em alemão, espanhol, francês, holandês, inglês e italiano.

As telas gostam de seu estilo: já foram adaptados para o cinema *Grande Sertão: Veredas* (filme e série para a TV), o conto *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, em duas ocasiões, *Soroco, Sua Mãe, Sua Filha*, que inspirou *Cabaret Mineiro, Sagarana, Duelo, Mutum, Outras Estórias* e *A Terceira Margem do Rio*, de *Primeiras Histórias*.

Viajar ao universo rosiano é encarar uma encruzilhada entre o espaço geográfico e a literatura. Poucos artistas souberam colocar o sertão como protagonista da forma como Rosa o fez. Passando ao largo de desfiar nomes de todos que já usaram o mundo sertanejo como cenário, há aqueles que merecem citação, por sua forte intimidade com o espaço: **RACHEL DE QUEIROZ**[1], Graciliano Ramos, **JOSÉ LINS DO REGO**[2], **JORGE AMADO**[3], **ARIANO SUASSUNA**[4], **MANOEL DE BARROS**[5] (embora mais pantaneiro, mas igualmente colossal na criação de neologismos), na escrita; Elomar Figueira de Mello, na cantoria; Aldemir Martins, nas tintas.

Rosa é própria representação do Brasil, mas o caráter de sua obra é universal e permite interpretar o sertão das Gerais como um mundo inteiro: os personagens rosianos vivem em uma zona sacralizada, em que os níveis espiritual e material não têm fronteiras muito bem definidas.

Ler Guimarães Rosa é embarcar em uma viagem ao "quem" das coisas: requer atenção, disposição, cuidados e esperteza, como se o objetivo fosse desbravar trechos de matas virgens do sertão. Isso devido ao alto grau de elaboração de seus textos, com valiosas informações escondidas, muitos detalhes a serem observados, armadilhas linguísticas e trechos suntuosos com relevos acidentados a se percorrerem, repletos de bifurcações nos caminhos possíveis a serem trilhados. Ou, como sintetizam a cineasta Marly da Cunha Bezerra e o geógrafo Dieter Heidemann no *Dossiê Guimarães Rosa*: "Para quem tenha olhos para ver e ouvidos para ouvir, a geografia e a ficção se misturam e envolvem o viajante".

ENTRADAS E BANDEIRAS

A estreia literária do bandeirante de palavras aconteceu em 1929, quando a revista *O Cruzeiro* publicou alguns contos seus, vencedores de um concurso literário da edição. Em 1936, a coletânea de versos *Magma*, obra que só viria a ser publicada postumamente, recebeu o Prêmio Academia Brasileira de Letras. *Sagarana*, oficialmente seu primeiro livro, data de 1946.

Essa estreia chamou atenção pela linguagem inovadora, singular estrutura narrativa e riqueza de simbologia dos contos, que o escritor havia começado a desenvolver dez anos antes. As histórias se passam em fazendas mineiras, tendo como personagens vaqueiros e criadores de gado. Observa-se, desde o início, a natureza totalmente oral do romance, por ser um elo de aproximação do leitor com o conteúdo denso do livro – aí o grande mérito da obra rosiana: essa força desmesuradamente simbólica da língua será sua marca registrada.

Baseada nessa oralidade sertaneja, aproveita regionalismos e arcaísmos ali preservados, dedicando-se igualmente a adaptar estrangeirismos e a criar neologismos. O título do livro – que nasceu apenas Contos – dá uma pista do amálgama de que é feito Rosa: saga tem raiz germânica (conjunto ou série de histórias, aliás orais, derivado do verbo "dizer", portanto índice

"O título do livro – que nasceu apenas Contos – dá uma pista do amálgama de que é feito Rosa: saga tem raiz germânica (conjunto ou série de estórias, aliás orais, derivado do verbo "dizer", portanto índice épico) e rana, o sufixo, ele foi buscar na língua tupi (à maneira de)"

1 RACHEL DE QUEIROZ (1910-2003)
Tradutora, romancista, escritora, jornalista e dramaturga brasileira. Autora de destaque na ficção social nordestina. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Em 1993, também foi a pioneira a ser galardoada com o Prêmio Camões.

2 JOSÉ LINS DO REGO CAVALCANTI (1901-1957)
Um escritor brasileiro que, ao lado de Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e José Simões Lopes Neto, figura como um dos romancistas regionalistas mais prestigiosos da literatura nacional.

JORGE LEAL AMADO DE FARIA (1912-2001) 3

Ou apenas Jorge Amado, foi um dos mais famosos e traduzidos escritores brasileiros de todos os tempos. Amado representava o Modernismo Regionalista (segunda geração do Modernismo). Integrou os quadros da intelectualidade comunista brasileira desde o final da primeira metade do século XX – ideologia presente em várias obras, como a retratação dos moradores do trapiche baiano em *Capitães da Areia*, de 1937.

épico) e rana, o sufixo, ele foi buscar na língua tupi (à maneira de).

Há nos contos expressões que marcam a fala mineira, tais como uai ou mesmando; também há a contração de palavras e expressões, como ocorre no conto *Duelo*: "... Foi buscar rapadura na Coanxa... Amanhã cedinho ele 'tá'qui 'tra vez...". Nesse mesmo viés, surgem construções peculiares e típicas do "cabra" que vive no interior mineiro como a frase dita pela personagem Turíbio Todo no mesmo conto: "Pega à unha, joão-da-cunha! ..."

O texto de Rosa transcende todos os paradoxos estabelecidos pela língua comum, possui caráter indomável, não obedece a estruturas nem regras, é rebelde, subversivo. Em *Sagarana*, Rosa mostra que é verdadeiramente cidadão do mundo, ao descrever ambientes quase desconhecidos de diferentes lugares por onde andou, destacando detalhes com a sutileza incomparável de quem decompõe o mundo por meio dos olhos da alma. E compõe um lirismo extremo da energia pulsante da palavra por meio do som, da forma, dos sentidos multiplicados e do estranhamento provocado por suas inovações linguísticas, como se pode observar no trecho de Minha Gente:

"Mas não era curta a viagem das Três Barras ao Saco-do-Sumidouro, tanto que houve tempo para pensar e sentir. Amplos campos navegantes; depois, o mato montano, onde pia o zabelê. Por aí, tive cansaço e vergonha de tudo o que antes eu dissera e fizera, e foram notáveis os meus pensamentos. O pio do zabelê é escandido

DUAS CASAS PARA UM SÓ GÊNIO

ARIANO VILAR SUASSUNA (1927-2014) 4

Dramaturgo, romancista, ensaísta, poeta e professor. Idealizador do Movimento Armorial e autor das obras *Auto da Compadecida* e *O Romance d'A Pedra do Reino, entre outras*, foi um preeminente defensor da cultura do Nordeste do Brasil.

© XOCHICALCO / ISTOCKPHOTO.COM

Os herdeiros de Guimarães Rosa se dividiram e, por isso, duas, das cinco editoras que disputavam o tesouro literário, ficaram com as obras do autor, a Global e a Companhia das Letras. Esta última responde por *Grande Sertão: Veredas*, e a Global, pelo resto da obra.

A escrita máxima de Rosa recebeu da editora um lançamento impensável para o mercado brasileiro: uma edição de luxo, limitada a 63 exemplares, com a capa feita artesanalmente por bordadeiras dos coletivos Teia de Aranha e Linha Nove, de São Paulo, e das cidades de Andrequicé, Cordisburgo e Morro da Graça, em Minas. O desenho foi inspirado em uma arte de Arthur Bispo do Rosário. Cada uma das edições custava R$1.190 – todos os exemplares já foram vendidos. Ainda sairá este ano, pela Companhia das Letras, o audiolivro de *Grande Sertão*. A nova edição do livro adotou como referência a segunda, da Livraria José Olympio Editora, de agosto de 1958, porque o autor, conhecido pela obsessão com a integridade do texto, não fez mudanças significativas até 1967.

A Global, por sua vez, vai responder por todo o restante da herança literária rosiana. O primeiro foi *Sagarana*. Virão ainda *Primeiras Estórias*, *Zoo* e *Fita Verde no Cabelo* (infantis), *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, *Manuelzão e Miguilim* e outros. Ao término das publicações, a Global promete enfeixar a obra completa, inclusive *Grande Sertão*, pela Editora Nova Aguilar, que pertence ao grupo.

e gemido. A estrada do amor, a gente já está mesmo nela, desde que não pergunte por direção nem destino. E a casa do amor — em cuja porta não se chama e não se espera — fica um pouco mais adiante" ...

TRAVESSIA E TRANSGRESSÃO

"Mas o sentido do tempo o senhor entende, resenha duma viagem. Cantar que o senhor fosse. De ai, de mim."

A frase do autor, presente em *Grande Sertão: Veredas*, entrega o ponto de partida do livro. O diplomata decidiu, em maio de 1952, embrenhar-se no sertão mineiro. Na comitiva, ele, oito vaqueiras e trezentas cabeças de gado que foram tangendo durante o percurso de 240 quilômetros que separam Três Marias e Araçaí, na região central de Minas Gerais. Munido de uma caderneta, que trazia pendurada ao pescoço, anotava tudo o que achava importante: impressões, dificuldades na travessia, os cheiros, as cores, conversas com os peões, os sons. Foram dez dias que modificaram sua vida.

Grande Sertão foi publicado em 1956. Chamou a atenção desde o início pelo volume – são mais de 600 páginas – e por não possuir capítulos, apenas uma divisão em duas partes, como se fosse um grande conto. Encontram-se, no romance, o experimentalismo linguístico, marca característica da primeira fase do Modernismo, e a temática nordestina da segunda fase desse movimento. Essa simbiose criou uma obra única e inovadora.

O mundo todo é o sertão no livro. O sertanejo, seu modo de vida, sua cultura estão impregnados em toda a narrativa, na estrutura do texto. Mas a grande discussão que se apresenta é a relação entre o ser humano e o mundo. Daí a ponte entre o regional sertanejo e a universalidade.

A saga do ex-jagunço Riobaldo é relatada por ele ao leitor, chamado de "doutor da cidade" ou "moço". O romance começa exatamente assim: "– Nonada". Trata-se de um neologismo de Guimarães Rosa. "Nonada" significa, no contexto, "não é nada". Assim, o autor logo em seu primeiro ato lança mão do maior trunfo de seu estilo: traz à tona a arte, a fala e a cultura do sertanejo, por meio da linguagem e do ponto de vista.

Um dos temas centrais de *Grande Sertão* é o pacto com o diabo, realizado entre amores e guerras no meio do bando de jagunços. Os causos que Riobaldo vai desfiando ganham ares de uma epopeia vivida em pleno interior mineiro. Entrelaçam-se enredo e os caminhos percorridos pelo narrador. É quase possível "tocar" na fauna e flora da região. A natureza e a cultura do cerrado ganham *status* de personagens. Mas dentro desse universo concreto de tantos sertões há outro, igualmente vasto, rico e complexo: o mundo interior, íntimo e subjetivo das personagens – "Sertão: é dentro da gente".

O livro é constituído por um fluxo de consciência muitas vezes comparado ao de *Ulisses*, do romancista irlandês James Joyce, do qual, aliás, Rosa quase desdenhava, dizendo preferir o regionalista gaúcho João Simões de Lopes Neto, uma de suas referências. Paz e guerra, política e violência, Deus e Diabo, filosofia e simbolismo fazem a travessia dessas inesperadas páginas e revelam a transgressão do amor dos jagunços Riobaldo e Reinado (Diadorim).

"Aquele lugar, o ar. Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei – na hora. Melhor alembro."

A surpresa da verdadeira identidade de Diadorim só é descoberta no final:

"E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor – e mercê peço: – mas, para o senhor divulgar comigo, a par justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher; moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d'arma, de coronha..." CP

5 MANOEL WENCESLAU LEITE DE BARROS (1916-2014)

Um poeta brasileiro do século XX, pertencente, cronologicamente à Geração de 45, mas formalmente ao pós-Modernismo brasileiro. Seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado*, é de 1937. É autor de dezoito livros de poesia – como *Compêndio para uso dos pássaros* (1960), *O livro das ignorãças* (1993) e *Livro sobre nada* (1996) –, além de livros infantis e relatos autobiográficos. Recebeu duas vezes o Prêmio Jabuti, duas vezes o Prêmio Nestlé e também foi premiado pela Academia Brasileira de Letras, pela Biblioteca Nacional e pela APCA.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Marly da Cunha; HEIDEMANN, Dieter. *Dossiê Guimaraes Rosa. Estudos Avançados* 20 (58), 2006

CANDIDO, Antonio. *O homem dos avessos*. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional.* Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ, 1999.

ROSA, Joao Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Global Editora, 2019.

https://www.youtube.com/watch?v=ndsNFE6SP68

https://www.revistabula.com/383-a-ultima-entrevista-de-guimaraes-rosa/

https://www.usp.br/bibliografia/index.php?s=grosa

SOBRE A AUTORA

MARA MAGAÑA é jornalista, escritora e educadora.

Branca de Neve e a Pedra Filosofal

O universo dos contos de fadas nunca foi rosinha ou azulzinho. Cores mais fortes garantiram o tom lúgubre e a análise psicanalítica, características que unem os clássicos Irmãos Grimm e a escritora inglesa *pop* Joanne Rowling

por **Jussara Saraíba**

De Charles Perrault a J. K. Rowling muitas palavras rolaram. Dos *Contes de ma mère l'Oye* (*Contos de Mamãe Gansa*), os *Contos da Carochinha*, como ficaram conhecidos em português, até as histórias fantásticas do bruxinho mais conhecido do planeta, um tal de Harry Potter, o universo maravilhoso de crianças e adolescentes foi parar até no divã.

Os seres mágicos acompanham a humanidade muito antes da escrita. Contos de fadas são uma categoria extraordinária da literatura, uma vez que o caráter ficcional é capaz de transformar o mundo real em um universo imaginário onde pessoas metamorfoseiam-se em animais (e vice-versa), animais são dotados da linguagem humana, tapetes voam como pássaros, fadas viram madrinhas – e podem ser muito más –, bruxos fazem as vezes de salvadores do mundo e todo esse universo onírico mantém uma relação significativa com o real. Afinal, não se cria a partir do nada: as estruturas linguísticas, sociais e ideológicas fornecem ao autor o material sobre o qual ele constrói o seu universo imaginário. Sendo assim, em cada momento e contexto histórico-social, os contos de fadas vêm sendo recriados e reinventados desde que surgiram, passando por readaptações para cada época e cultura, muitas vezes fugindo dos modelos arquetípicos propostos e desviando dos valores dos contos.

Uma dessas facetas de modernidade dos contos de fadas encontra-se na literatura fantástica de autores como **TOLKIEN**[1], **CLIVE STAPLES LEWIS**[2], **J. K. ROWLING**[3] e **GEORGE R. R. MARTIN**[4]. Após séculos de adaptações nas recontagens orais, os contos de fadas tornaram-se peças teatrais, filmes e séries de televisão. E desde o início do século XXI atraem um público fiel, seduzido pelas recontagens modernas.

Mas os contos de fadas não atraem apenas fãs ou pesquisadores. Até psicólogos entram nessa fila. Bruno Bettelhein foi um deles. Ele, em sua obra mais famosa, *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, compara os contos ao **CONCEITO DE MITO**[5]. Segundo **BETTTELHEIN**[6], ao contrário do mito, o conto de fadas não visa dar um sentido ao mundo em que se vive, e sim aliar o elemento mágico, manter o inexplicável como personagem e agente de mudanças dentro da narrativa fantástica. Uma ficção que não se propõe como realidade, mas que deseja permanecer como elemento de sonho e irrealidade. Portanto, não existem apenas semelhanças essenciais entre os mitos e os contos de fadas; há também diferenças inerentes. Embora as mesmas figuras exemplares e situações se encontrem em ambos, e acontecimentos igualmente miraculosos ocorram nos dois, há uma diferença crucial na ma-

JOHN RONALD REUEL TOLKIEN (1)
(1892-1973)
Conhecido internacionalmente por J. R. R. Tolkien, foi um premiado escritor, professor universitário e filólogo britânico, nascido na África, autor das obras *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion*.

CLIVE STAPLES LEWIS (2)
(1898-1963)
Comumente referido como C. S. Lewis, foi professor universitário, escritor, romancista, poeta, crítico literário, ensaísta e apologista cristão irlandês, autor de *As Crônicas de Nárnia*.

JOANNE "JO" ROWLING (3)
Mais conhecida como J. K. Rowling, é uma escritora, roteirista e produtora cinematográfica britânica, notória por escrever a série de livros *Harry Potter*.

neira como são comunicados. Colocado de forma simples, o sentimento dominante que um mito transmite é: isto é absolutamente singular; não poderia acontecer com nenhuma outra pessoa, ou em qualquer outro quadro; o acontecimentos são grandiosos, inspiram admiração e não poderiam possivelmente acontecer a um mortal comum como você ou eu. A razão não é tanto que os eventos sejam miraculosos, mas porque são descritos assim. Em contraste, embora as situações nos contos de fadas sejam com frequência inusitadas e improváveis, são apresentadas como comuns, algo que poderia acontecer com qualquer pessoa, como eu e você, quando estivesse caminhando na floresta. Mesmo os mais notáveis encontros são relatados de maneira casual e cotidiana. Uma diferença ainda mais significativa entre essas duas espécies de história é o final, que nos mitos é quase sempre trágico, enquanto sempre feliz nos contos.

JACOB E WILHELM ENTRAM EM CENA

No início do século XIX, dois irmãos apaixonados por contos de fadas tiveram a mesma ideia de **PERRAULT**[7] e saíram por aí pesquisando fábulas e adaptando-as à literatura infantil. Foram os irmãos Grimm, ambos filólogos, que revelaram ao mundo personagens como Branca de Neve, Rapunzel e João e Maria. Eles tinham dois objetivos básicos com a pesquisa: o levantamento de elementos linguísticos para

DE GRIMM A ROWLING

Em reverso aos contos de fadas destinados às crianças, com um teor inocente e, acima de tudo, inofensivo, os Grimms optam por nos alertar não quanto às dificuldades que enfrentaremos em um momento que está por vir ou a lidar com os sentimentos, mas quanto à confiança e ambição, exemplificando que há uma linha tênue entre a cobiça, a crueldade e a violência.

Tudo isso pode ser lido (e guardado) com todo esmero em luxuosa edição, reunindo os dois tomos iniciais e minuciosa tradução de Christine Röhrig. *Grimm - Contos Maravilhosos Infantis & Domésticos* (1812-1815) faz parte da coleção fábula da Editora 34 e traz 86 histórias de arrepiar. Uma excelente oportunidade de resgatar aquela contação de histórias ao pé de ouvido para os pequenos ou proporcionar uma viagem inesquecível aos maiores.

Não é de espantar a legião de fãs de ambos que existe mundo afora, afinal a curiosidade por essas narrativas tomou proporções de maneira a invadir inclusive a cultura *pop*.

O tom sombrio e lúgubre adicionado às histórias, contrário à suavidade presente em *Contos de Mamãe Gansa* ou mesmo àquela retratada, mais à frente, por Hans Christian Andersen, talvez seja sua característica mais marcante, impactando o leitor que, em desacordo com o esperado, depara-se com versões distintas e sangrentas de fábulas clássicas, tais quais: *Cinderela*, *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Rapunzel*, *A Bela Adormecida*, *A Princesa e o Sapo*, embora as histórias originais sejam bem mais arrepiantes, falando até em estupro.

Mas talvez sem o trabalho de Perrault, dos Grimms e de Andersen, as crianças, adolescentes e mesmo nós, adultos, não tivéssemos conhecido um bruxinho, órfão, renegado por todos, que se tornaria o grande fenômeno literário e cinematográfico do século XXI. O sucesso de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, da escritora inglesa J. K. Rowling, publicado em 2001, traz uma síntese de todo esse mundo maravilhoso. Está tudo lá: bruxarias, animais fantásticos, duendes, elfos, gigantes, gente que se transforma em aves e toda sorte de maldades. Rowling bebeu de várias fontes – além dos Grimms e Perrault, encontra-se na literatura da inglesa ecos de Tolkien, criador dos *hobbits*, que deu origem à saga *O Senhor dos Anéis*, e Clive Staples Lewis, autor de *Crônicas de Nárnia*, que também ganhou as telonas com retumbante sucesso.

Em *Harry Potter – As Razões do Sucesso* (Contraponto Editora), a filósofa francesa Isabelle Smadja argumenta que a série constitui um conto de fadas moderno, inclusive no mote do órfão que luta contra o mal enquanto

fundamentação dos estudos filológicos da língua alemã; e a fixação dos textos do folclore literário germânico, expressão autêntica do espírito da raça.

Os contos maravilhosos dos irmãos Grimm configuram-se como a mais conhecida antologia de fadas e de lendas já realizada na cultura ocidental, reunindo cerca de 210 narrativas plenas de magia e encantamento, entre os anos de 1812 e 1815. A tarefa de colecionar histórias e canções populares, que corriam o risco de caírem no esquecimento, já havia sido empreendida cerca de um século antes pelo já citado Perrault na França e, alguns anos antes, pelo filósofo Herder, o poeta e dramaturgo Goethe e o psicólogo Brentano na Alemanha.

Jacob e Wilhelm Grimm são de Hanau, na Alemanha. Jacob, o segundo de uma família de nove filhos, nasceu em 1785, e Wilhelm, um ano depois. Com a morte do pai, em 1798, ambos foram morar na casa de uma tia, na cidade de Kassel (Alemanha), onde terminaram os estudos secundários e iniciaram o curso de Direito. Foi por volta de 1806 que tiveram acesso a uma coletânea de poesias populares, que leram com grande interesse. Entusiasmados pela ingenuidade daqueles poemas, que foram transmitidos oralmente de geração a geração, começaram a reunir e a escrever os contos tradicionais narrados nos serões familiares, em uma época em que isso era muito comum, porque não existia outra diversão.

busca sua real identidade (tal qual *Cinderela*, por exemplo). E chama a atenção para o fato de que a magia, na verdade, é uma metáfora da vida e que a humanidade dos personagens e seus conflitos é o ponto mais interessante para os leitores. "Ao descrever um mundo que os trouxas (os não bruxos) são excluídos, J. K. Rowling falou de todos nós", escreveu.

Na atualidade, esses clássicos contos de fadas estão contando uma outra história, ao serem recriados pela indústria cultural em filmes, livros, gibis e desenhos animados. Desvinculados dos valores tradicionais e da figura do herói, cujo percurso de reveses e dificuldades é percorrido, apresentam a superação à medida que o protagonista aprende as lições necessárias a seu crescimento pessoal de valores considerados "ultrapassados" para determinado público. Os contos de fadas, nesse aspecto, transformaram-se em produto, cujo objetivo maior é a obtenção de lucro; ou seja, o modelo capitalista apropriou-se dessas narrações e as transformou em novos modelos desvinculados dos propósitos iniciais de transmissão de valores.

Segundo a professora e linguista Leonor Fávero, "para o professor, conhecer o processo de transformação, as variações e a utilização original dos contos, possibilitará uma escolha mais adequada das histórias e do processo a ser desenvolvido em suas narrativas, permitindo-lhe um trabalho mais efetivo no tocante às inferências, por parte das crianças e adolescentes, auxiliando também no desenvolvimento de seu próprio raciocínio lógico".

Entretanto, a magia sobrevive na (re)contação dessas histórias, como a própria Rowling fez em *Os Contos de Beedle, o Bardo* (*Beedle, the Bard*), para não deixar dúvidas. Nem aos que torcem o nariz para sua obra, como explica Ana Luísa: "A leitura está associada à escolarização e isso traz uma grande resistência entre os jovens. Por isso, o fato de Potter ter sido rejeitado por uma elite acadêmica revelou-se em sucesso estelar de *Harry Potter*. O bruxinho ganhou um público que não estava nem aí para a expectativa pedagógica. Queriam, na verdade, aproveitar-se clandestinamente da leitura, embora nem soubessem disso. E, assim, muitos jovens despertaram para a leitura e para obras consideradas pelos puristas como mais sérias".

IRMÃOS GRIMM

4

GEORGE RAYMOND RICHARD MARTIN

Ou George R. R. Martin, é roteirista e escritor de ficção científica, terror e fantasia estadunidense. É mais conhecido por escrever a série de livros de fantasia épica *As Crônicas de Gelo e Fogo*, que deram origem à série televisiva *Game of Thrones*.

MITO 5

É o relato fantástico de tradição oral, espécie de narrativa acerca dos tempos heroicos, geralmente protagonizado por seres que encarnam as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana.

BRUNO BETTELHEIM 6
(1903-1990)

Foi um psicólogo judeu norte-americano, nascido na Áustria.

Em 1812, publicaram uma primeira coletânea com 86 contos, seguida, dois anos depois, por outra, que reunia mais 70 contos. O trabalho da dupla estendeu-se até o ano de 1815, e a obra foi publicada de acordo com o espírito romântico de resgate das origens e saberes populares. Através da iniciativa dos Irmãos Grimm, figuras e personagens, tais como Senhora Holle, Gata Borralheira, Bela Adormecida, Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, entre outras, romperam as fronteiras do mundo germânico e propagaram-se por solo europeu, além de singrarem os mares alcançando o Novo Mundo.

Uma das histórias que corre sobre a forma como os Grimms tiveram acesso a esse mundo mágico fala em uma mulher casada com um alfaiate, que os dois encontraram em Kassel, Dorothea. O encontro aconteceu em uma feira, para onde ela levou uma cesta de verduras. E Wilhelm e Jacob, percebendo o quanto ela sabia das histórias populares — ouvidas na cervejaria do pai, quando criança —, passaram a convidá-la semanalmente, nos dias de feira, à sua casa, recolhendo, assim, os quase 220 contos de seu livro, cujas edições, em 140 línguas, somam mais de 30 milhões de exemplares.

Foi por causa de encontros assim que eles publicaram *Contos de fadas para crianças e adulto* (*Kinder und Hausmaerchen*, no original em alemão), comumente abreviada para *Os Contos de Grimm*. Nessa época, os artistas e intelectuais europeus buscavam recuperar as tradições dos diferentes povos, afastando-se dos cânones clássicos gregos e latinos. Além disso, a descoberta de que a maioria das línguas da Europa derivava de uma antiga língua comum, chamada indo-europeu, fez com que o interesse pelos idiomas não latinos, como o alemão e o polonês, aumentasse. No caso dos irmãos Grimm, o interesse pela tradição oral os levou a estudar com profundidade a língua alemã e as suas origens. Inseridos em um contexto histórico alemão de resistência às conquistas napoleônicas, os Grimms recolheram diretamente da memória popular as antigas narrativas, lendas ou sagas germânicas, conservadas por tradição oral. Buscando encontrar as origens da realidade histórica germânica, os pesquisadores encontram a fantasia, o fantástico, o mítico em temas comuns da época medieval. Surge a grande literatura infantil para encantar crianças de todo o mundo.

COSTURANDO UMA HISTÓRIA

Contos de fadas possuem raízes históricas e são narrativas estruturadas como um sonho: uma linguagem condensada e carregada de simbolismos. Nem todo conto de fada tem a presen-

ça da fada, mas todos têm um ser ou elemento mágico. Portanto, é importante que se compreenda que personagens como bruxas, duendes, fadas, unicórnios e sereias representam muito mais que uma leitura simplista ou um olhar ligado à figura estereotipada e difundida no popular. Autores como o escritor e poeta dinamarquês Andersen e o jornalista e autor Colldi, só para citar dois dos mais conhecidos, adentraram no terreno do maravilhoso e fantástico e contribuíram para o incremento dessa forma de narrativa por meio de suas imaginações, o que, anos mais tarde e de forma distinta, também contribuiu para o desenvolvimento do chamado realismo mágico.

Esses contos vêm sendo contados desde tempos bastante remotos. Compartilhados em diferentes culturas, consistem em pequenas narrativas, nas quais o relato se dá a partir de uma heroína ou herói que, após superar os obstáculos impostos a si, saem vencedores no final. Antigamente, era através deles que os povos transmitiam valores e conhecimentos, passados de uma geração mais velha para os mais novos não somente na esperança de que estes se propagassem, mas também procurando ensiná-los sobre as grandes questões da existência humana, tais quais as etapas da vida e os sentimentos. Embora frutos da imaginação, traziam consigo um fundo de verdade, que se evidenciava devido às notórias alusões à realidade.

O conhecimento era repassado em reuniões, chamadas de *veillées* pelos franceses. As mulheres narravam seus casos enquanto fiavam e teciam, o que originou expressões como "tecer uma trama" e "costurar uma história". Os homens consertavam suas ferramentas ou quebravam nozes. No universo dos camponeses franceses pré-Revolução, nos séculos XVII e XVIII, não havia tempo para descanso. Durante o Antigo Regime, diversão e trabalho misturavam-se, como na história da pobre Gata Borralheira.

A verdadeira origem dos contos de fadas, entretanto, é desconhecida, visto que sua transmissão se dava oralmente; esta tradição passou a ter registros materiais apenas no século VII, com o emprego da escrita. No Brasil, eles surgiram no final do século XIX sob a denominação *Contos da Carochinha*, que posteriormente, no século XX, foi oficialmente substituída por contos de fadas.

Utilizando-se de componentes cotidianos, como a juventude, o amor, a amizade, o medo, entre outros, os contos de fadas procuravam preparar as crianças para o futuro, quando elas se deparariam com sonhos, temores e conflitos, então tendo que solucioná-los. Contam, assim, com um núcleo principalmente existencial, pois neles a heroína ou o herói estão frequentemente em busca da realização pessoal. O nome é proveniente de fada, entidade fantástica dotada de poderes comum ao folclore europeu – o que explica a constante presença de elementos mágicos, sobrenaturais ou encantados nessas histórias.

Mas o mundo dos contos de fadas só fica cor-de-rosa quando começa a ser feita a distinção entre infância e vida adulta. "A invenção da infância ocorre no século XVIII, quando as casas são separadas em quarto, sala e cozinha, e as tarefas e interesses também começam a ser divididos. É quando a redenção chega aos contos e se enfatiza o final feliz", diz Ana Luísa Fávero, doutora em Literatura Infantil.

O que Perrault fez em seu *Contos da Mamãe Gansa*, de 1697, de certa forma foi o que os contadores faziam nas aldeias: adaptou um fio condutor comum à sua realidade, eliminando detalhes violentos ou de conteúdo sexual e incluindo a "moral da história". A adaptação ao gosto do contador, aliás, é uma marca que atravessa os tempos. Em uma história da China do século IX, por exemplo, uma moça chamada Yeh-Hsien é ajudada por um peixe mágico, que lhe dá chinelas de ouro para a festa da aldeia. Na volta para casa, ela perde uma das chinelas, que vai parar nas mãos do governante. No fim, o chefe local apaixona-se pelos pés pequenos de Yeh-Hsien, em consonância com os costumes chineses de enfaixar os pés das meninas para que não crescessem. As diferenças culturais estão claras, mas pode-se reconhecer as origens de *Cinderela* no conto. "Uma história contada oralmente pode ser adaptada à situação e aos ouvintes. Já um conto escrito tem sua forma fixada. Mas o que a escrita fixa, o leitor e o ouvinte reescrevem, adaptando à sua própria experiência", diz a crítica literária Marisa Lajolo. E quem conta um conto sempre aumenta um ponto, seja na China do século IX, na França do século XVIII ou nos dias de hoje. CP

7

CHARLES PERRAULT
(1628-1703)

Foi um escritor e poeta francês do século XVII que estabeleceu as bases para um novo gênero literário, o conto de fadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COLL, César e TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo personagens: conteúdos essenciais para o ensino fundamental*. São Paulo: Ática, 2000. p.119 a 123.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos Maravilhosos Infantis & Domésticos* (1812-1815). São Paulo: Editora 34, 2018.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*: história & histórias. São Paulo: Ática, 1985.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças: para conhecer melhor a literatura infantil brasileira - histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1981.

SOBRE A AUTORA

JUSSARA SARAÍBA é jornalista e contadora de histórias.

por **Abrahão Costa de Freitas**

PURA MELODIA

Com múltiplas sonoridades, a língua portuguesa é tão variada quanto a diversidade de povos e países que compõem toda sua comunidade lusófona

Falada por mais de 260 milhões de pessoas em todo o planeta, a língua portuguesa é composta por uma imensa constelação de sons com ritmo e cadência excepcionais. O equilíbrio singular entre vogais e consoantes dá à fala um andamento único, cuja harmonia produz um balanço para lá de musical. Em outras palavras, o português é pura melodia.

Como toda língua polifônica, a língua portuguesa é uma língua de múltiplas sonoridades. A paisagem linguística do português é tão variada quanto a diversidade de povos e países que compõem a **COMUNIDADE LUSÓFONA**[1].

Em seus mais de 700 anos de existência como língua de cultura, o português adquiriu uma identidade sonora típica que a distingue das demais línguas faladas no mundo ocidental. Os sons básicos de vogal única, assim como os ditongos, os tritongos, os dígrafos vocálicos e as vogais nasais dão à língua portuguesa um timbre de limpidez envolvente e sedutora.

O **CONTÍNUO SONORO**[2] do português é composto por sequências de vogais, semivogais e consoantes cuja altura, intensidade e duração ampliam em muito o conjunto de sons possíveis da língua, dando à fala um colorido capaz de produzir uma infinidade de sotaques.

Essa multiplicidade sonora produz uma espécie de fascínio no falante de outras línguas e uma espécie de orgulho xenófobo no falante nativo. O espanhol **MIGUEL DE CERVANTES**[3] dizia que "a língua portuguesa é a língua mais sonora que existe no mundo". A brazuco-ucraniana **CLARICE LISPECTOR**[4] falava que gostaria de não ter aprendido outras línguas para que sua abordagem do português fosse virgem e límpida.

©TRAIMAK_IVAN / ISTOCKPHOTO.COM

1 COMUNIDADE LUSÓFONA

É a comunidade formada por todos os povos e as nações que compartilham a língua e cultura portuguesas. Fazem parte desta comunidade Portugal, Brasil Angola, Cabo Verde, Galiza, Guiné--Bissau, Macau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Goa, Damão e Diu e diversas pessoas e comunidades em todo o mundo que têm o português como língua de cultura. Há inclusive um Dia da Lusofonia, comemorado em 5 de maio, dia esse dedicado à língua, cultura e expressão portuguesa.

2 CONTÍNUO SONORO

Nome que se dá à sequência de unidades sonoras em que se divide a palavra fonológica. Sobre o conceito de palavra fonológica, consultar CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2011 [1973], p. 69-72.

MIGUEL DE CERVANTES 3
(1547-1616)
Foi um romancista, dramaturgo e poeta castelhano. Sua obra-prima, *Dom Quixote*, é um clássico da literatura ocidental e uma crítica ácida às novelas de cavalaria.

Para o pensador basco **MIGUEL DE UNAMUNO**[5], "a língua portuguesa é um mimo, um regalo, sobretudo para quem tem ouvidos feitos para o forte martelado do ossudo castelhano".

Exageros à parte, esse fascínio não é gratuito; a acústica dos sotaques da língua portuguesa reflete a diversidade da cultura lusófona, marcada pela multiculturalidade e pela polifonia.

Como veremos ao longo desta nossa prosa prosódica, todas essas sonoridades reverberam para além da fonética e da fonologia e também repercutem nas expressões idiomáticas, nas gírias e em outros fenômenos semânticos de igual importância. A diferenciação fonética e morfossintática do português ao redor do mundo é também uma expressão da identidade nacional, regional e local de cada falante através do som. (**Ver *box* Blues Tupiniquim**)

MIGRAÇÕES SONORAS

Produzidos a partir de representações fonéticas distintas, os sotaques desencadeiam fenômenos de identificação e pertencimento. Através deles se constituem noções básicas de identidade, território e origem. Como marca de oralidade, representam de modo sinestésico todo o colorido e a diversidade dos falares lusófonos.

A apropriação cultural de cada povo em seu território fez com que a língua portuguesa produzisse sonoridades distintas de cores

BLUES TUPINIQUIM

LÍNGUA
Vamos atentar para a sintaxe paulista
E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas
Cadê? Sejamos imperialistas
Vamos na velô da dicção choo-choo de Carmem Miranda
[...]
Adoro nomes
Nomes em ã
De coisa como rã e ímã...
Nomes de nomes como Scarlet Moon Chevalier
Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé, Maria da Fé
Arrigo Barnabé
[...]
Poesia concreta e prosa caótica
Ótica futura
Samba-rap, chic-left com banana
Será que ele está no Pão de Açúcar
Tá craude brô, você e tu lhe amo.
Qué que'u faço, nego?
Bote ligeiro
arigatô, arigatô
Nós canto falamos como quem inveja negros
Que sofrem horrores no Gueto do Harlem
Livros, discos, vídeos à mancheia
E deixa que digam que pensem, que falem.

Os versos ao lado, extraídos do poema-canção Língua, de Caetano Veloso, podem ser vistos como uma celebração da fala brasileira: seus ritmos, acentos e sotaques. O modo peculiar de "canto-falarmos" é retratado a partir de exemplos que revelam a maneira pela qual construímos a acústica de nossa realidade. Nosso jeito de falar é uma construção cultural com lugar e origem bem definidos. Neste contexto, o som acaba por se constituir em um condutor de múltiplas identidades, todas elas criadas a partir da multiplicidade acústica de nosso falar.

“O contínuo sonoro do português é composto por sequências de vogais, semivogais e consoantes cuja altura, intensidade e duração ampliam em muito o conjunto de sons possíveis da língua, dando à fala um colorido capaz de produzir uma infinidade de sotaques”

METÁTESE

Processo fonológico intrinsecamente relacionado à fonética, a metátese acontece quando um fonema é deslocado de uma sílaba para outra em uma mesma palavra, como ocorre na palavra lagartixa que em algumas variantes dialetais do português não padrão brasileiro e africano é pronunciado como largatixa. Outras palavras que apresentam metátese em português são:

PORTUGUÊS PADRÃO	PORTUGUÊS NÃO PADRÃO
caderneta	cardeneta
formiga	frumiga
iogurte	iorgute
lagarto	largato
perseguir	presseguir
tábua	tauba
vidro	vrido

Estudos linguísticos recentes demonstram que, ao contrário do que prega o senso comum, a metátese não é um fenômeno marginal e irregular restrito à linguagem das crianças e aos erros de performance linguística. Mas um processo fonológico regular em uma ampla variedade de línguas.
No que diz respeito à ocorrência deste fenômeno no português do Brasil, vale a pena consultar o artigo *Português brasileiro, uma língua de metátese?* Letras hoje, Porto Alegre, set. 2007, dos pesquisadores Dermeval da Hora, Stella Telles e Valéria Monareto.

sonoras diversas e únicas. Na imensidão do espaço lusófono, a língua portuguesa é uma e são várias. E esta talvez seja sua maior riqueza, como afirma **ANTONIO CARLOS SARTINI**[6], diretor do Museu da Língua Portuguesa.

Um rápido passeio pelo espaço do território ibérico revela o quanto há de colorido nessa variedade que é a língua portuguesa. O português europeu possui nada menos que dez dialetos: o açoriano, o madeirense, o alentejano, o algarvio, o alto-minhoto, o baixo-beirão, o alto-alentejano, o estremenho, o baixo-minhoto-duriense e o transmontano.

Para além do território europeu, o português foi no decorrer do tempo miscigenando-se e assumindo uma acústica de variados sotaques ao longo dos quatro continentes.

No continente africano, só em Angola, o português apresenta quatro variações: o benguelense, o luandense, o sulista e o huambense. E à medida que caminhamos no espaço lusófono africano encontramos outras variantes dialetais, como o cabo-verdiano, o guineense, o macaense, o moçambicano, o santomense, o timorense e o **GALEGO**[7].

Além dessa territorialidade, a língua portuguesa é idioma de comunicação informal para os povos timorense, cabo-verdiano e moçambicano. No entanto, para esses povos, as línguas maternas ainda são as línguas nacionais africanas.

A expressão de uma identidade cultural a partir da língua nesses territórios é um desafio que vai além da diferenciação fonética e morfossintática. O escritor **MIA COUTO**[8] afirma que no caso específico de seu país, Moçambique, qualquer projeto lusófono só será bem-sucedido se “apoiar a defesa de outras culturas moçambicanas”. Isso porque “essas culturas e línguas de

4 CLARICE LISPECTOR (1920-1977)
Foi uma escritora e jornalista brasileira de origem ucraniana, autora de romances, contos e ensaios. É considerada uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX. Sua obra está repleta de cenas cotidianas simples e tramas psicológicas, reputando-se como uma de suas principais características a epifania de personagens comuns em momentos do cotidiano.

MIGUEL DE UNAMUNO 5
(1864-936)
Foi ensaísta, romancista, dramaturgo, poeta e filósofo espanhol. Foi também deputado entre 1931 e 1933 pela região de Salamanca. É o principal representante espanhol do existencialismo cristão, sendo conhecido principalmente por sua obra *O sentimento trágico da vida*, que lhe valeu a condenação do Santo Ofício.

ANTONIO CARLOS SARTINI 6
Bacharel em Direito pela PUC/SP. Palestrante, consultor, curador e conselheiro de diversas entidades e instituições. Desde 2006 é diretor do Museu da Língua Portuguesa.

raiz bantu necessitam de sobreviver perante a hegemonia de uma certa uniformização".

Portanto, além das frequências estereotipadas, é preciso que se leve em conta a sonoridade da língua com uma construção cultural do lugar onde ela é falada, considerando que cada "jeito de falar" reflete uma experiência do ouvir e reproduzir o que se ouve. A pluralidade de identidades da lusofonia também se faz representar a partir de suas valências acústicas.

Fenômenos rotacismos como a metátese são marcas da oralidade que refletem não apenas a expressão fonética de um território de origem, mas também os diversos diálogos que se podem estabelecer na interação entre falares distintos.

O *continuum* afro-brasileiro do português estabelece um fértil diálogo entre o português brasileiro, o português angolano e o português moçambicano. Fenômenos de alteração de fonemas na cadeia sonora como permuta, supressão ou acréscimo de sons são comuns e dão à fala um colorido todos especial delimitando territorialidades e identidades. ***(ver box Metátese)***

O português brasileiro, como veremos a seguir, é marcado por uma imensa polifonia de dialetos e sotaques, que, devido à nossa imensa extensão territorial, constitui um *continuum* de múltiplas identidades linguísticas.

"O português europeu possui nada menos que dez dialetos: o açoriano, o madeirense, o alentejano, o algarvio, o alto-minhoto, o baixo-beirão, o alto-alentejano, o estremenho, o baixo-minhoto--duriense e o transmontano"

SONS DO PORTUGUÊS

Análises fonológicas do português do Brasil assumem, geralmente, 19 fonemas consonantais /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, h, ɾ, m, n, ɲ, l, ʎ/ e 7 fonemas vocálicos /i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/. No entanto, do ponto de vista fonético, o número de sons de fato articulados no português é de pelo menos 31 consoantes e 15 vogais. Além disso, há as combinações que formam os ditongos orais e nasais.
Os diversos traços sonoros de entonação e de melodia que contribuem para a formação do sotaque de cada uma das regiões brasileiras apresentam propriedades fonéticas específicas que ampliam em muito as possibilidades de articulação dos sons da língua, como se pode verificar nos exemplos apresentados nesta matéria.

CORES E TIMBRES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Estudos recentes da sociolinguística demonstram que toda língua apresenta variações e especificidades que a distingue das demais. Fatores como pronúncia e diferenças lexicais variam de uma região para outra.

O português brasileiro não foge a essa regra e apresenta uma grande variação quanto à sonoridade, além de características bem específicas quanto à pronúncia e à realização de vogais e consoantes. *(Ver box Sons do Português)*

Tomando como ponto de partida a proposta de Antenor Nascentes sobre a divisão dialetal brasileira, *O Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) registra uma ampla diversidade de variantes lexicais, fonéticas, morfossintáticas e metalinguísticas em nosso País.

Compreender essa diversidade torna-se cada vez mais importante, quando nos damos conta de que, do ponto de vista global, há uma forte hegemonia do sotaque brasileiro na comunidade lusófona, uma vez que de cada dez falantes do português no mundo sete são brasileiros.

Neste contexto, o estudo do padrão de comportamento linguístico do falante do português brasileiro torna-se cada vez mais importante tanto em suas variáveis linguísticas quanto sociais.

Fenômenos como a prevalência dos dialetos paulista e fluminense na indústria cultural e na mídia de massas são condicionados não apenas por fatores internos comuns à estrutura da língua, mas também por fatores externos típicos da estrutura social em que se insere a comunidade de fala no Brasil.

Sob essa perspectiva, estudos como o realizado pelos linguistas **ABDELHAK RAZKY**[9] e **EDINALDO GOMES DOS SANTOS**[10], da Universidade Federal do Pará, que estudam O perfil geolinguístico da vogal /e/ no Estado do Pará, são de grande importância para que se rompa essa hegemonia de falares e se perceba o quanto há de diversidade na zona dialetal dos falares do Brasil. Sobretudo no que diz respeito à pauta pretônica do Norte, do Nordeste e da região amazônica. *(ver box Sistema Vocálico do Português Brasileiro)*

No que diz respeito ao nosso sistema consonantal, a classificação feita por **MATTOSO CÂMARA JÚNIOR**[11], tomando como ponto de partida o dialeto carioca, é bastante abrangente e descreve o comportamento variável desses fonemas levando em consideração fatores históricos e dialetais.

Nessa classificação, o autor define as consoantes de acordo com o lugar que ocupam na sílaba: posição de início, ou de ataque, posição de segundo elemento, ou **POSIÇÃO DE CODA**[12].

SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O sistema vocálico tônico do português brasileiro é composto de sete vogais: a vogal baixa /a/, as médias baixas /ɛ, ɔ/, as médias /e, o/ e as altas /i, u/. Esse sistema passa por uma neutralização de altura entre as médias e médias baixas em posição pretônica, resultando em um sistema de cinco vogais:

POSIÇÃO TÔNICA	POSIÇÃO PRETÔNICA
a. /i/ l/i/ngua	/i/ l/i/n'guagem
b. /e/ an/e/mico	an/e/'mia
c. /ɛ/ f/ɛ/re	f/e/'rida
d. /a/ m/a/ta	/a/ m/a/ta'gal
e. /ɔ/ b/ɔ/ta	b/o/'tina
f. /o/ g/o/rdo	g/o/r'dura
g. /u/ m/u/sica	/u/m/u/si'cal

No entanto, é importante ressaltar que a realização dessa pauta tônica é fortemente influenciada por uma série de fatores de ordem cultural, social e geográfica.

7 GALEGO

Para os filólogos Celso Cunha e Luís Filipe Cintra, o galego é uma língua autônoma que tem como raiz a língua portuguesa e pode ser incluída na categoria das línguas galaico-portuguesas, pertencentes à família das línguas latinas.

8 MIA COUTO

É um expoente da literatura africana. Mia Couto nasceu na Beira, em Moçambique, em 1955, e é biólogo de formação. Atualmente é o escritor moçambicano mais traduzido no exterior, as suas obras foram publicadas em 24 países.

9 ABDELHAK RAZKY

Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA (PPGL-UFPA), tem larga experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, Geografia Linguística e Dialetologia.

10 EDINALDO GOMES DOS SANTOS

Mestre em Linguística e Teoria Literária. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística.

JOAQUIM MATTOSO CÂMARA JR. 11
(1904-1970)
Foi pesquisador e linguista brasileiro. Formou-se em arquitetura e direito, mas destacou-se no campo da linguística, disciplina sobre a qual fez vários cursos de especialização dentro e fora do Brasil.

CODA 12
A coda é a consoante ou consoantes em posição pós-nuclear dentro de uma sílaba, ou seja, após a vogal nuclear. O português brasileiro é uma língua relativamente famosa por autorizar coda silábica prioritariamente em três de seus fonemas, /ʁ ~ ɾ/ (erre), /ʃ ~ s/ (esse) e ks (xis). Exemplos de codas:
r em mar
s em rês
x em fax
z em giz
É importante verificar que em vários dialetos do português brasileiro, o /-r / implosivo final, em especial nos infinitivos dos verbos, não é pronunciado. Assim é comum ouvirmos construções como "Eu vou te amá pra sempre meu amô".

Os aspectos sociodialetais do padrão fonético-fonológico do português brasileiro têm despertado o interesse de muitos estudiosos, como é o caso da professora **MARIA DO SOCORRO SILVA DE ARAGÃO**[13], da Universidade Federal do Ceará, que desenvolve um trabalho interessantíssimo sobre A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza, revelando traços significativos das marcas fonéticas dos dialetos sociais do Nordeste.

Segundo a autora, "Uma das marcas fonéticas do falar cearense é a neutralização dos fonemas /v, z, Z, r/ realizados sob a variante [ɦ]". Assim como encontrar no falar cearense realizações fonéticas como "vamos ['vâmus] > ['ɦâmus]; tava ['tava] > ['taɦa]; mesmo ['mezmu] > ['mezmu]; mais ['mayz] > ['mayz]; gente ['ʒêti] > ['ɦêti]; janela ['ʒânEla] > ['ɦânEla]".

Estudada pela Escola de Praga desde a década de 30 do século passado, a neutralização de fonemas é um fenômeno fonético-fonológico que não se restringe à capital cearense e está presente em várias outras regiões do Brasil.

Ao traçar um perfil da fala carioca, a linguista **DINAH CALLOU**[14], da Universidade Federal do Rio de Janeiro, analisa quais condições geográficas, históricas e políticas possibilitaram que marcas típicas da pronúncia carioca, como o chiamento do /S/, migrassem para outras regiões do País, notadamente o Nordeste, amalgamando-se e fundindo-se em outras variedades regionais.

© TRAIMAK_IVAN / ISTOCKPHOTO.COM

JOGOS DE LINGUAGEM

Os jogos de linguagem são modificações que os falantes desenvolvem na organização de suas línguas para brincar de língua secreta ou simplesmente por diversão, como fazem as crianças com a língua do "p" ou os moradores da cidade de Sabino no interior de São Paulo com o "Sabinês". A canção abaixo, do grupo paulistano Virguloides, explora um desses jogos de linguagem brincando com a sonoridade das palavras.

Dum

Dum dum
Jacatunga laviscatunga
Radibejacatunga tinga
Aue sereberebe biscatunga
Radibejacatunga tinga

Dum dum la la la la la
Dum dum la la la la
Dum dum la la la la la
Dum dum la

Dum dum
Jacatunga laviscatunga
Radibejacatunga tinga
Aue sereberebe biscatunga
Radibejacatunga tinga

Dum dum la la la la la
Dum dum la la la la
Dum dum la la la la la
Dum dum la

Dum dum
Jacatunga laviscatunga
Radibejacatunga tinga
Aue sereberebe biscatunga
Radibejacatunga tinga

Dum dum la la la la la
Dum dum la la la la
Dum dum la la la
Dum dum la

Com raro senso de oportunidade, a autora revela em sua pesquisa que essa variação fônica não se restringe à cidade do Rio de Janeiro, mas também está presente em vários outros pontos do País.

E, como nos dizeres da própria autora, "a diferença entre um e outro dialeto [do português brasileiro] reside apenas na frequência de aplicação de uma determinada regra", não seria exagero relacionar sua pesquisa ao trabalho do professor Dante Lucchesi, da Universidade Federal da Bahia, que estuda A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador.

Analisando o português brasileiro do ponto de vista fônico, Lucchesi salienta que o falar brasileiro "caracteriza-se, no plano fonológico, por uma ampla variação na realização de suas consoantes pós-vocálicas, sobretudo em posição final de palavra".

Para o pesquisador baiano, no Brasil, "O /-r/ implosivo final, na fala coloquial distensa, praticamente não é pronunciado pelos falantes de todas as classes sociais, sobretudo nos infinitivos dos verbos" e "O /-l/ pós-vocálico medial e final vocalizou-se em praticamente todo o território nacional". Assim, "nesse contexto, pode-se dizer que o processo de variação que atinge o /-s/ implosivo seria o menos radical".

O trabalho desses pesquisadores revela nas múltiplas sonoridades do português brasileiro o quanto há de diversidade nos vários dialetos que compõem o falar brasileiro.

Um recorte acústico que para além das particularidades fonéticas típicas de cada acento e/ou sotaque abre espaço para as múltiplas vozes que compõem a paleta de sons de nossa língua brasileira.

POLIFONIAS

Como língua pluricêntrica e pluriétnica que é o português, apresenta variações consideráveis entre os seus dialetos. A distinção entre suas duas grandes variedades, português europeu e português brasileiro, é acentuadamente prosódica.

O português europeu é caracteristicamente uma língua de ritmo acentual e sílabas átonas de menor duração. As vogais átonas são reduzidas com frequência e o apagamento de consoantes finais quase não existe.

O português brasileiro, em contrapartida, apresenta uma organização textual-interativa mais dinâmica. Os dialetos das zonas rurais do Rio Grande do Sul e da Região Nordeste, sobretudo na Bahia, são mais sibiláveis do que os outros e variam em situações sociais distintas.

Já os dialetos do Sudeste, notadamente o do centro de Minas Gerais e o da costa setentrional e regiões leste do estado de São Paulo, apresentam um ritmo acentual que varia de acordo com os fatores linguísticos, sociais e geográficos envolvidos na fala.

O dialeto fluminense presente no Rio de Janeiro, no Espírito Santo e na Zona da Mata de Minas Gerais, bem como no Distrito Federal, reproduz com algumas leves modificações o ritmo acentual com neutralização de alguns fonemas em casos específicos.

O falar brasileiro é notadamente marcado por uma tendência às sílabas abertas terminadas em vogal. As sílabas terminadas em /m/ e /n/ tendem a não ser pronunciadas e geralmente apenas indicam a nasalização da vogal anterior.

O /l/ em final de sílaba é pronunciado como [u] ou [ʊ̯], exceto em algumas regiões do extremo Sul onde há uma velarização mais conservadora. No dialeto dito caipira e em regiões de fala caipira, este mesmo /l/ é pronunciado como um /ɹ/.

O /r/ final frequentemente não é articulado e um /i/ epentético quase sempre é inserido depois de consoantes, produzindo pronúncias como [ɐdʒivo̯ˈgadu] = advogado.

Os encontros consonantais mais frequentes no português brasileiro são formados pelos fonemas consonantais /b/, /k/, /d/, /f/, /g/, /p/, /t/, /s/ ou /z/ e /v/ seguidos de /l/ ou /ɾ/: flagrante. /ks/ também pode ser incluído nessa categoria: fixo [ˈfi.ksu] (mas não ficção [fikˈsɐ̃w]), látex [ˈlateks].

Esse perfil geolinguístico, no entanto, é bastante flexível e apresenta um caráter multidialetal com grande variabilidade no que diz respeito a diferenças diatópicas fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas.

Por outro lado, as preferências linguísticas e as variáveis sociais, como faixa etária e sexo, também alteram esse perfil e se evidenciam não apenas nos diversos jogos de linguagem que exploram as características fonético-fonológicas do falar brasileiro. ***(ver box Jogos de Linguagem)*** CP

13 MARIA DO SOCORRO SILVA DE ARAGÃO

Professora visitante titular da Universidade Federal do Ceará e professora voluntária titular da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência nas áreas de Linguística e Literatura, com ênfase em Sociolinguística, Dialetologia e Geolinguística.

14 DINAH CALLOU

Professora titular/emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Atua nas áreas de Fonética, Fonologia e Sintaxe, com ênfase em Sociolinguística e Linguística Histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Fonética e Fonologia de Português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios.* 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MALMBERG, Bertil. *A fonética: no mundo dos sons da linguagem*. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

RIBEIRO. Silvana Soares Costa. COSTA. Sônia Bastos Borba. CARDOSO. Suzana Alice Marcelino (org.) *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2009.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas linguístico do Brasil: questionário 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

SOBRE O AUTOR

ABRAHÃO COSTA DE FREITAS é professor, escritor, tradutor por opção. Artista plástico entre um poema e outro. Formado em Letras e com especialização em Educomunicação pela Universidade de São Paulo e em Jornalismo Internacional pela PUC/SP. Com larga experiência em educação, o que o faz pulsar mais forte é a Língua Portuguesa. Adora Literatura, Teatro e Cinema..

LINGUAGEM E PRECONCEITO

O idioma pode servir de instrumento de dominação e exclusão, quando um dos inúmeros tentáculos da discriminação assume a forma de palmatória contra a língua portuguesa no Brasil

por **Wagner Ávilis**

Muito se debate sobre assuntos ambientais, genéticos e econômicos ultimamente. Temas sociológicos reincidentes como a homossexualidade, o racismo, a discriminação física, o tráfico etc. tornaram-se uma espécie de clichê político para candidatos, lugar-comum para cidadãos, porém com espaço garantido para novas (e velhas) discussões. Entretanto, exclusive o cientista da área, quase nunca se reserva espaço para refletir sobre a língua, examiná-la, discuti-la, expor os problemas que a envolve e que atingem seus falantes, pois que ela ainda é considerada por muita gente uma entidade dogmática não merecedora de investigações científicas, de atenção política e de debate por parte da população.

Uma das capacidades sem a qual o homem seria mais animal é a linguagem, uma vez que ela funciona como elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. A língua é o produto social dessa capacidade, sendo, portanto, pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente.

© MILKOS / ISTOCK.COM.BR

Ao contrário do que muitos acham, uma língua não se encerra nas regras gramaticais, bem como não é questão de "certo e errado", nem objeto para juízos de "melhor e pior, bela e feia, fácil e difícil". Uma língua é uma questão de organização da realidade, envolve conhecimento próprio de vida imposto pela nossa mente aos elementos que compõem o mundo, ou seja, entender uma língua é, em certo grau, entender o pensamento de seus falantes.

A ciência que estuda os fenômenos da linguagem é a Linguística, nascida na Europa do século XIX, desenvolvida na América do Norte no século XX e muito produtiva no Brasil hoje. Do ponto de vista dela, um dialeto (variante regional do mesmo idioma) é melhor tanto quanto o outro. Do ponto de vista social, um dialeto é melhor do que o outro. Essa ideia de superioridade dialetal impregnou-se na língua portuguesa usada no Brasil, dispersou-se através da tradição escolar, dos meios de comunicação, e atingiu os falantes do idioma que popularizaram essa ideia. Conseguintemente a escolha de uma variação como superior criou todo um aparato de dominação ideológica, preconceitos e mitos acerca do português e de seus usuários, sobretudo acerca dos nordestinos. Com respaldo científico da Linguística, discorrer e esclarecer algumas dessas distorções constitui essa matéria.

VARIAÇÕES PRIVILEGIADAS

JOÃO WANDERLEY GERALDI[1] e **SÍRIO POSSENTI**[2] professam que "... todas as línguas variam, isto é, não existe sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma. A variedade linguística é o reflexo da variedade social, e como em todas as sociedades existe alguma diferença de *status* ou papel, essas diferenças se refletem na linguagem". Estreitamente ligada ao corpo social, a língua expressa as diferenciações da sociedade – momento histórico, sua abertura econômica, seus acessos cultural e científico, contato estrangeiro; e de seus habitantes – posição geográfica, etnia, faixa etária, grau de instrução, classe econômica, papel social, religiosidade. A influência dessas diferenciações em uma língua resulta na variedade linguística.

A linguagem técnica do trabalho, o linguajar regional, o dialeto das elites, a fala popular, as gírias são exemplos de variedades linguísti-

JOÃO WANDERLEY GERALDI [1]

Pesquisador da linguística brasileira e um dos mais reconhecidos intérpretes e divulgadores da obra de Mikhail Bakhtin no Brasil, tendo publicado inúmeros livros e artigos sobre a teoria do autor russo.

SÍRIO POSSENTI [2]

Licenciado em Filosofia, tem mestrado e doutorado em Linguística. É professor titular (Análise do Discurso) no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (Unicamp). Estuda humor. Tem interesse pelos discursos jornalístico e publicitário. Dedica-se ao estudo de textos breves, especialmente piadas, pequenas frases e fórmulas. É autor de diversos livros. Pela Editora Contexto, publicou *Humor, língua e discurso* e, como coautor, *Sentido e significação*, *Ethos discursivo*, *A (des) ordem do discurso* e *Fórmulas discursivas*.

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA (1481-1558) [3]

Foi um poeta português, introdutor do soneto e do Dolce Stil Nuovo na nossa língua. Encontra-se sepultado na Igreja de São Martinho de Carrazedo em Amares.

cas. Para tentar uniformizar as variações, a fim de que todos os falantes da língua nativa leiam, escrevam, pronunciem e ouçam em comum entendimento as mesmas informações, a comunidade escolhe como padrão uma dentre as variedades. Em seguida, inspirada por noções estéticas e morais, prestigia a variação padrão como modelo ideal a imitar, atribuindo-lhe juízos de valor como "exemplar", "correta" e "bela".

No Brasil recém-colonizado adotou-se a variedade prestigiada da língua portuguesa corrente na corte de Lisboa. A produção do Renascimento era a grande novidade daquele século, e Portugal a conheceu quando **SÁ DE MIRANDA**[3] retornou da Itália em 1527, trazendo as inovações classicistas. O formalismo da prosa e da poesia, o silogismo, o mote glosado como ideia principal do texto, o uso do verso decassílabo, a poesia palaciana, o teatro popular, a escrita das investigações científicas influenciaram o vernáculo lusitano, ascendendo-o ao clássico. Logo, no Brasil colônia, eventualmente, a variedade usada por ícones portugueses como **FERNÃO LOPES**[4], **GARCIA DE RESENDE**[5], Gil Vicente (1465-1536) e Luís Vaz de Camões (1524-1580) passou a ser ensinada e oficializada. Legitimada como "norma-padrão", a variedade das elites foi sistematizada, convertendo-se no que conhecemos como manual de gramática.

Mais tarde, do século XVIII ao XIX, a cidade do Rio de Janeiro – então capital do Brasil – era o centro da plêiade literária, sendo ainda contemplada com a fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1897. Com o advento do Modernismo, em 1922, a cidade de São Paulo ganha cenário, tornando-se a segunda capital cultural brasileira, além de ser o maior polo do comércio do café. Não é à toa, portanto, que ainda hoje os dialetos carioca e paulista são os prestigiados dentre os das cinco regiões do País.

APENAS UM MANUAL

Como visto, o que chamamos de "gramática da língua portuguesa" é, na verdade, apenas uma variedade das muitas que circundam o nosso idioma. Uma fração específica da língua não é toda a língua.

Não obstante, uma gama de autores gramáticos mais algumas personalidades ignoram tal fato. Uma cultura pregada por eles – a de que só a gramática é a única e verdadeira Língua Portuguesa a ser falada – tem marginalizado, taxado e repreendido toda a sorte de falares, conforme aponta Geraldi: "Fatos históricos (econômicos e políticos) determinam a 'eleição' de uma forma como a língua portuguesa. As demais formas de falar, que não correspondem à forma eleita, são todas qualificadas como 'errôneas', 'deselegantes', 'inadequadas para a ocasião'". Vejam-se exemplos dessa discriminação, pautados por grandes estudiosos da língua:

"É português estropiado que no Brasil se fala, língua de gíria, língua sem peias sintáticas, língua sem flexão arbitrária, língua do 'deixo vê', do 'mande ele', do 'já te disse que você', do 'não lhe conheço', do 'fiz ele estudar', do 'vi os meninos saírem'" – **NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA**[6].

"Os jornalistas usam: o aumento do funcionalismo público, o aumento da gasolina, o aumento da carne. É o mais puro aumento da incompetência" – **LUIZ ANTONIO SACONNI**[7].

"O sujeito que usa um termo em inglês no lugar do equivalente em português é, na minha opinião, um idiota" – Pasquale Cipro Neto.

É nessa concepção que Língua Portuguesa não é toda manifestação oral e escrita de um povo que a usa; que cantigas de roda, o folclore, as danças típicas, os cordéis não consistem de uma variação do português legítimo, mas de um português "exótico", "cheios de erros", porque a variação válida é somente a falada/escrita pelas camadas dominantes da sociedade, a suposta norma culta ou padrão. É, pois, como reforçam Geraldi e Possenti, no centro de tal entendimento que se gera a exclusão pela e na linguagem, uma vez que "essa variação não é privilégio de tal concepção, mas o é de forma especial: a variação é vista como desvio, deturpação (...)".

Conivente com essa postura discriminante, o ensino escolar brasileiro reproduziu a cultura do preconceito linguístico até fins da década passada, fato que contribuiu com a propagação desse preconceito pregado até pelos não falantes da variedade das elites. Marcos Bagno cita Brito, doutor em Linguística e Filologia, e D'Angelis, também doutor em Linguística, quando aponta para a desmistificação dos argumentos de ensino da norma culta: "A insis-

tência no ensino da gramática articula-se com três noções que não se confirmam na análise das práticas sociais: a de que a ação normativa tem por finalidade evitar a corrupção e a degradação da língua nacional; a de que a chamada norma culta é própria das relações formais, de modo que seu não domínio implica na exclusão do sujeito dessas situações; e de que seu conhecimento garante o acesso a determinadas expressões superiores de cultura e informação".

Como efeito disso tudo, o fracasso do ensino gramatical, a rejeição das aulas de português, a insegurança das pessoas para discursar, redigir e interpretar, jargões do tipo "brasileiro não sabe português", "português é chato", "os pobres e iletrados falam errado"..., porque a variedade falada predominantemente no Brasil, que é a popular (coloquial), colide com a ensinada e minoritária, a culta. Os 180 milhões de brasileiros quase não falam a mesma variedade que leem e escrevem. A fala popular é, de fato, a língua materna do brasileiro, a que espontaneamente se fala, como explica o doutor em Letras e especialista em Teoria e Análise Linguística Mário Alberto Perini: "(...) o português (que aparece nos textos escritos) não é a nossa língua materna. A língua que aprendemos com os nossos pais, irmãos e avós é a mesma que falamos, mas não é a que escrevemos".

Portanto, o manual de gramática não é a Língua Portuguesa, e sim um substrato dela. O que se considera "erro de português" é, factivelmente, uma não correspondência à variedade das elites; nunca um erro do idioma. O que o ensino gramatical deve esclarecer, segundo Geraldi e Possenti, é: "... que essa variedade, a mais prestigiada de todas, possui força em razão de dois fatores: pelo fato de ser utilizada pelas pessoas mais influentes, donde se deduz que seu valor advém não de si mesma, mas de seus falantes; e por ter merecido, ao longo dos tempos, a atenção dos gramáticos, dos dicionaristas e dos escribas em geral".

GRAMÁTICA INTERNA DO PORTUGUÊS

Qualquer nativo falante do idioma possui um conhecimento implícito-intuitivo desse idioma. O saber implícito é a gramática interna da língua, que consiste em reconhecer uma lógica que conduz a ordem do enunciado, em elaborar sentenças compreensíveis ao ouvinte, em alternar sequências de ordem fonológica, morfológica, sintática e semântica sem auxílio de um saber técnico.

Perini mostrou que, na fala, podemos intercalar a um substantivo ou a um pronome uma oração adjetiva como "procurei Marília, que não me recebeu" (subst.: Marília; or. adj.: que não me recebeu). O falante pode atribuir valor substantivo a palavras como os pronomes (ex.: ele, nós, você) e intercalá-las com a

© PASSARINHO/PREF. OLINDA

DIALETO NORDESTINO COMO CARICATURA

Diz-se no Brasil que o nordestino figura entre as melhores piadas (digam-se os concursos de piadas na TV). A denominação "caipira" é a caricatura nacional de quem reside no Nordeste e sinônimo de humor. Veja-se o que escreveu a professora de Português e escritora Dad Squarisi em artigo no *Diário de Pernambuco*: "(...) Clareou este mundo cheinho de jecas-tatus. (...) Caipiras, caipiras e mais caipiras. Falamos o caipirês. Sem nenhum compromisso com a gramática portuguesa". E Luiz Antonio Sacconi no livro *Não Erre Mais!*: "Na Bahia, porém, na sempre formidável Bahia, as pessoas se acordam. O mais interessante é que se acordam e vão direto à praia".

Nas telenovelas os personagens nordestinos são interpretados num trejeito estereotipado. Suas falas são "engraçadas" e "inferiores" às dos personagens não nordestinos para divertirem a audiência. Tal retrato é reflexo do preconceito contra o dialeto nordestino, considerado por alguns um sotaque "gozado" de palavras esquisitas e feias.

Em contraposição a esse preconceito, já foi dito aqui: em termos científicos não há dialeto melhor ou pior, bonito ou feio, mas diferente. Cada dialeto possui elementos peculiares à realidade regional, funcionando, no entanto, com os mesmos mecanismos idiomáticos presentes em todas as variações da língua materna. Para demonstrar essas evidências, vejamos primeiramente um caso muito conhecido do sotaque nordestino. Nesse dialeto, ao dizer eita, deitar, oito, oiteiro, oitenta, muito, noite, o falante pronuncia a consoante [t] como /ts/ (semelhante a tcheco) quando a palavra tem um [i] como encontro vocálico antes do [t]. Se escrevêssemos isso teríamos: "Me deixe enfeitchar isso". Esse caso chama-se palatalização, visto por alguns como algo "feio, ridículo". Porém, ele está também presente no dialeto sudestino ao dizer tia, instinto, tinha etc., só que com o [i] palatalizador depois do [t] com ou sem encontro vocálico. Se assim escrevêssemos teríamos: "Oi tchitchia (titia)!"; e, no entanto, considera-se "bonito, normal" ao ouvir. Mas o fenômeno é o mesmo nos dois sotaques, invertendo apenas a posição do [i] da palatalização. Na verdade, o que se foca nesse juízo depreciativo do dialeto do Nordeste é a própria pessoa que fala essa variação do português nessa região geográfica, já que se associa a uma área pobre e atrasada – então seus habitantes com sua linguagem serão vistos da mesma maneira.

4 FERNÃO LOPES
(1378-1459)

Foi escrivão e cronista oficial do reino de Portugal e o 4º guarda-mor da Torre do Tombo. De origem plebeia, recebeu carta de nobreza pelos serviços prestados à Coroa.

oração adjetiva que. Mas se o falante perceber uma mudança naqueles pronomes (como a contração da preposição de+ele=dele ou as formas oblíquas lo, a, lhe), "o acréscimo de uma oração adjetiva dá resultados bem menos aceitáveis": *Fui procurá-la, que não me recebeu; *fui à sua casa, que não me recebeu. Exemplificou a lógica do objeto direto no enunciado: "Mas há uma restrição (...): nunca se pode usar uma frase na qual o objeto direto exprima um subconjunto do sujeito": *Nós me vimos na TV (nós: sujeito; me: objeto direto). Um ouvinte analfabeto ou uma criança entre 3 e 4 anos ao ouvir "a casa de Ana é alta" consegue, intuitivamente, distinguir o sujeito (casa), do adjetivo (alta) e do predicado (Ana), ligando o sujeito (a casa) ao seu predicativo (de Ana é alta), razão pela qual não confunde os termos, se entendesse Ana é que é alta.

Bagno igualmente expôs "erros que nenhum falante nativo da língua comete": * "Aquela garoto me xingou", * "eu nos vimos ontem na escola", * "Júlia chegou semana que vem", * "não duvido que ele não queira não vir aqui", * "que o livro que a moça que Luís que trabalha comigo me apresentou escreveu é bom não nego". Por isso, o autor atesta que todo falante é: "(...) capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou a agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua".

No entanto, aqueles pregadores da norma padrão não mencionam nem investigam tais fenômenos. Como dependem da noção de erro (como instrumento de distinção social), recriminam todo enunciado que não se submeta às normas da gramática normativa, reforçando assim a crença da dificuldade de "aprender português" para que, no fundo, garantam-se as lucrativas saídas comerciais, as grandes tiragens de manuais, o *status* de "intelectual" e a distância entre "eruditos" e "leigos" em favor da "dominação por parte dos letrados sobre os iletrados", como reforça Bagno. É o

VIXE, APOIS, MAINHA

© QWAZZME / ISTOCKPHOTO.COM

Para reforçar o argumento de que os mesmos mecanismos linguísticos atuam nas variações do português a fim de que não se veja preconceitos, seguem análises de duas interjeições, uma conjunção e um substantivo típicos do Nordeste.

As interjeições escolhidas foram vixe e ôxi. O vixe é tido como estranho pelos sulistas; mas não há nada de estranho, e sim natural. Vixe é uma variante de virgem, no que se diz – "vige Maria!" (Virgem Maria) – que falantes com dificuldade de pronúncia do /r/ o suprimiram com a nasal /m/, passando a vige. Este [g] antes de vogais /e/ e /i/ em termos fonéticos obtém semelhante traço sonoro do [x] – chiado – (ex.: gengibre) no qual se transformou, passando a vixe. Outro caso visto com estranheza pelas outras regiões é o uso do ôxi, como em "ôxi, não entendi!". Ora, o "ôxi" nordestino expressa a mesma coisa que o "ué", o "puxa" e o "putz" dessas outras regiões: dúvida, espanto, admiração. São, portanto, interjeições. Vocábulos como oxum (antigo rio africano), oxossi (entidade da umbanda), oxalá (tomara) têm o mesmo radical de oxente (OX) – todas muito usadas no antigo Nordeste brasileiro pelos escravos africanos. Logo, por influência do som do radical [OX] oxente se reduziu para ôxi.

Como conjunção, o apois consiste em ótimo exemplo. Seu uso nordestino é tido como esquisito pelos dialetos de prestígio, como em: "Apois pronto! Vai ficar como está". Nesse caso vê-se dois aspectos – um semântico e outro morfológico. No semântico (que diz respeito ao sentido da palavra), o apois pode ser entendido como um efeito de conclusão ou uma conjunção coordenativa conclusiva feito o "então". Por exemplo: "Então pronto! Vai ficar como está"; "apois (então) faça isso..."; "apois (então) vá embora"; "apois aconteceu o que eu tinha dito". Isso porque "então" quando conjunção significa logo, portanto e pois (este embutido no apois). Quando "então" é advérbio de tempo, a gramática interna do falante não entende proposição ou inferência para concluir uma ideia, que é característica das conjunções. Por tal razão não se ouve: * "Até apois (então) chovia", * "desde apois (então) não fumo", * "não me doía, mas que apois (então) me dói". Enfim, a gramática do falante seleciona apois como se fosse "então", porque o entende como o "pois" das conjunções conclusivas. Já no aspecto morfológico (que diz respeito à estrutura da palavra),

que demonstra esse autor ao dizer que "a ideia de que 'português é muito difícil', serve como mais um dos instrumentos de manutenção do *status quo* das classes sociais privilegiadas".

Eles confundem, propositadamente, não correspondência à variedade elitista com "erro de português", variações linguísticas com "infrações gramaticais", fala com ortografia oficial. Ignoram o que consideram "erro" ser indício de evoluções no interior dos mecanismos do idioma provocadas pela atividade da gramática interna dos falantes.

É fato a existência do preconceito contra a linguagem, até porque em um país permeado por injustiças, desigualdades, discriminações e fundamentalismos, o idioma é só mais uma das vítimas dessas mazelas: Geraldi e Milton José de Almeida defendem que "... numa sociedade como a brasileira – que, por sua dinâmica econômica e política, divide e individualiza as pessoas, isola-as em grupo, distribui a miséria entre a maioria e concentra os privilégios nas mãos de poucos –, a língua não poderia deixar de ser, entre outras coisas, também a expressão dessa mesma situação".

Nosso País é munido de legislação contra o preconceito – em suas diversas formas: religiosa, racial, ideológica; entretanto, não há nada escrito que combata quem discrimina alguém por seu sotaque ou particularidade de língua. Desfazer esse tipo de preconceito, alerta Bagno, "só será possível quando houver uma transformação radical do tipo de sociedade em que estamos inseridos, que, para existir, precisa da discriminação de tudo o que é diferente, da exclusão da maioria em benefício de uma pequena minoria, da existência de mecanismos de controle, dominação e marginalização".

E, por todos esses conceitos, temos um Brasil muito longe de ser um país livre de preconceitos. CP

5 GARCIA DE RESENDE
(1470-1536)
Foi um poeta, cronista, músico, desenhista e arquiteto português.

6 NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA
(1911-1998)
Foi um gramático, filólogo e professor brasileiro de português e latim.

7 LUIZ ANTONIO SACCONI
Um gramático e lexicógrafo brasileiro, professor de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Sacconi procura trabalhar em suas obras a interdisciplinaridade e os termos atuais que permanecerão no léxico.

verifica-se a junção da interjeição ah de admiração com a conjunção pois: ah+pois = apois (o h de ah é mera ortografia, suprimindo-se), servindo de prótese à pronúncia e suporte para o elemento pois da conclusão da ideia – o que equivaleria como: "ah, pois aquilo aconteceu anteontem sim!", "ah, pois duvido que você se atreva". É um fenômeno similar ao que ocorre na expressão idiomática de interrogação aé?, que equivale a ah, é mesmo? (pois o ah tem seu h suprimido, fundindo-se com o é: ah+é = aé). O a de apois parece estar funcionando também como o prefixo latino a (no sentido de "direção", "aproximação", como em afluir e abeirar, diferente do a grego de negação, como em atípico e amoral) com a conjunção pois: a+pois = apois. Nesse sentido, talvez, o uso de "adepois" (a+depois) se justifique pela semelhança de som entre pois e depois e por ambas serem conjunções.

No caso dos substantivos, as expressões mãinha e painho são consideradas engraçadas por muitos não nordestinos. Acham "invenção da gíria matuta", já que o "certo" é mamãezinha e papaizinho. Não é bem isso. Esses diminutivos são resultados do processamento morfológico na gramática interna do português frequentes em todas as regiões brasileiras. Trata-se de substantivos no diminutivo sintético (como em casinha) com efeito afetivo, e não de medida ("mamãezinha" não é entendida como baixa, mas querida). Decompondo, ma é prefixo (morfema antes do radical); mãe é o radical (parte invariável com significado); [z] é consoante de ligação (elemento que liga morfemas para auxiliar a pronúncia, como em chá+eira = *chaeira+l = chaleira); inh é sufixo (morfema depois do radical) indicador de diminutivo; [a] é vogal temática (que acompanha um nome), e não desinência de gênero feminino, posto que o radical mãe já é o feminino heterônimo de pai. Têm-se então ma+mãe+z+inh+a. O prefixo ma é eliminado (mãezinha) juntamente com a consoante de ligação [z] – haja vista não comprometer a pronúncia (mãe inha). Adiante, há crase (fusão de vogais iguais ou com som semelhante) entre o som de /e/ em mãe e o /i/ de inha (mãe∪inha=mãinha). O mesmo ocorre com papaizinho: pa+pai+z+inh+o=#paizinho=pai inho=pai∪inho=painho.

Tal processo sucede-se em função da economia da fala (papaizinho – mais longo/ painho – mais breve) usado por todos os brasileiros em diversas palavras: cartinha (cartazinha), amiguinho (amigozinho), namoradinha (namoradazinha) etc. Como se vê, nada disso é "invenção da gíria matuta", segundo o preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico – O que é, como se faz*, 23ª edição. SP: Edições Loyola, 1999, p.95.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª edição. RJ: editora Lucerna, 2006, p.51

GERALDI, João Wanderley. *O Texto na Sala de Aula*, 4ª edição. SP: editora Ática, 2006, p.43

PERINI, Mário Alberto. *Sofrendo a Gramática*. RJ: editora Ática, 1997, p.35.

PERINI, Mário Alberto. *Princípios de Linguística Descritiva*. SP: Parábola Editorial, 2007, ps. 46 e 47.

SOBRE O AUTOR

Wagner Ávlis é professor especialista em língua portuguesa, literatura e redação, crítico literário da Academia Maceioense de Letras, articulista de imprensa.

***O asterisco** marca sentenças não construídas pelos falantes, as quais poderíamos considerar erro de português.

Malala PARA TODOS

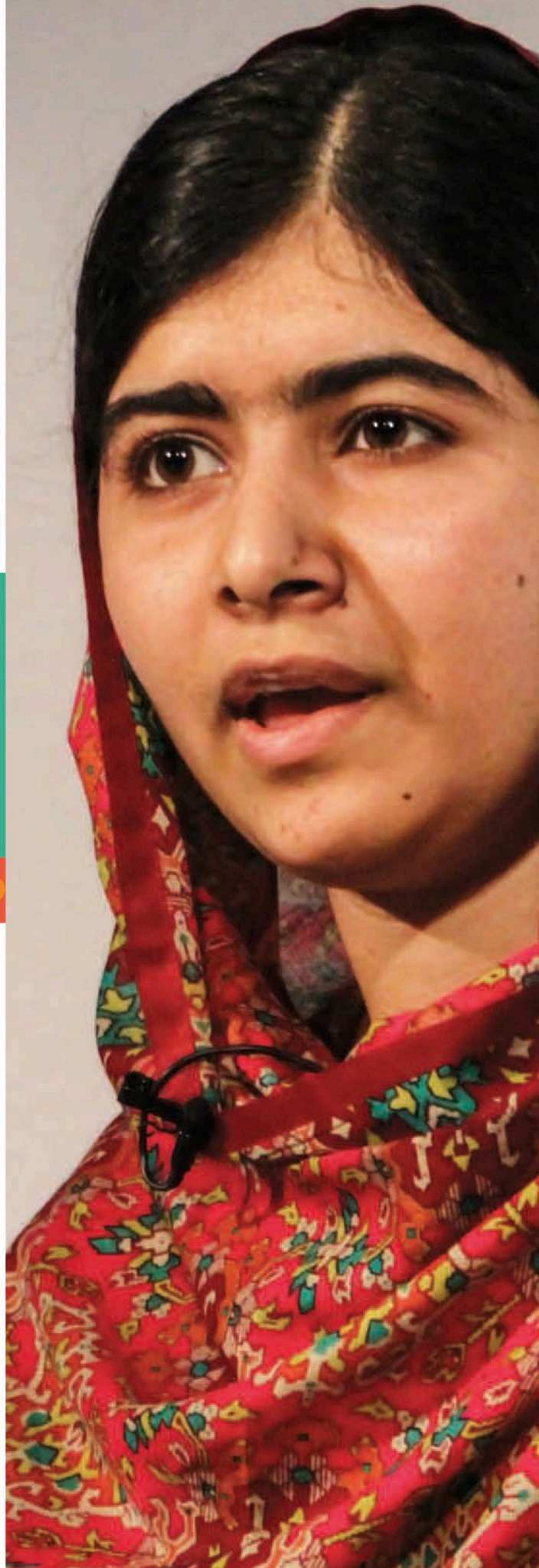
Ela só queria ir para a escola. A menina, ainda adolescente e brava ativista, mal sabia que sua obstinação lhe causaria dores, mas transformaria vidas e o cenário mundial

por **Fernanda De Paula**

Uma menina de 12 anos, um pai idealista, um sonho de liberdade para estudar e igualdade de oportunidades. Essa garotinha só queria ir à escola. Seu nome? Malala.

As obras *Eu sou Malala: como uma garota defendeu o direito à educação e mudou o mundo*, *Malala: a menina que queria ir para a escola* e *Longe de casa*, todas da Companhia das Letras, são três versões adoráveis que narram a história de Malala Yousafzai ***(ver box Nome de Guerreira)***, uma adolescente paquistanesa que no ano de 2012 tornou-se alvo de radicais ligados ao regime talibã. Sem pestanejar, entraram em um ônibus que transportava garotas para uma escola no vale do Swat (Paquistão), chamaram pelo nome dela e, ao identificarem-na, dispararam tiros contra sua cabeça. Mas qual o motivo para essa violência?

A garota, incentivada pelo ativismo de seu pai, educador e proprietário de uma escola, criara um *blog* – **DIÁRIO DE UMA ESTUDANTE PAQUISTANESA**[1] – para a

© POR RUSSELL WATKINS / DEPARTMENT FOR INTERNATIONAL DEVELOPMENT / CC BY 2.0 / COMMONS.WIKIMEDIA.ORG

NOME DE GUERREIRA

O pai de Malala, Ziauddin Yousafzai, escolheu esse nome para sua filha inspirado em uma heroína de seu povo, Malala de Maiwand, "poeta" e guerreira pashtun, que liderou o exército de seu povo contra os britânicos empunhando um véu como bandeira. Em muitas culturas, o significado do nome prenuncia o futuro da criança. Nesse caso, essa teoria se aplica: assim como a guerreira que defendeu seu povo e seu território a todo custo, Malala Yousafzai continua essa trajetória, lutando pela igualdade de direitos e oportunidades para todos, independentemente de sua classe social ou gênero.

BBC (British Broadcasting Corporation), rede pública de rádio e TV britânica, utilizando o pseudônimo Gul Makai. Nesse diário digital, ela denunciava os desmandos ocorridos em seu país, principalmente após a ocupação talibã, e defendia o acesso irrestrito à educação, independentemente do gênero, já que ali meninas eram proibidas de frequentar a escola. Suas publicações chamaram a atenção em sua região e a menina passou a conceder várias entrevistas para a imprensa local. A repercussão foi tanta que despertou o interesse internacional e, no ano de 2010, **O JORNAL NEW YORK TIMES RESOLVEU REALIZAR UM DOCUMENTÁRIO**[2] sobre o cotidiano de Malala naquele cenário de conflito e intervenção militar. Por todo seu engajamento político, acabou sendo vítima de um sistema repressor, passando por essa tentativa de assassinato que modificou sua vida e a de sua família. Mas essa história tão triste também teve sua parcela transformadora!

Ao ser resgatada e levada para tratar-se (e refugiar--se) longe de seu país, passando a residir na Inglaterra, sua causa ganhou visibilidade, dando-lhe a preciosa chance de dar voz aos oprimidos pelo sistema extremista talibã. Sua busca pela igualdade de direitos sem quaisquer restrições lhe rendeu a indicação ao Prêmio Internacional da Paz das crianças, o Prêmio Nacional da Paz no Paquistão e também a levou a se tornar a mais jovem ganhadora do Prêmio Nobel da Paz.

Eu sou Malala: como uma garota defendeu o direito à educação e mudou o mundo pertence ao gênero biografia *(ver box Diálogo com o outro)* e, assim sendo, foi escrita pela própria Malala Yousafzai, com a colaboração de **PATRICIA MCCORMICK**[3], jornalista norte-americana

DIÁRIO DE UMA ESTUDANTE PAQUISTANESA 1

Blog de Malala Yousafzai que a tornou conhecida. Uma das melhores maneiras de entender o pensamento dessa paquistanesa é por meio do depoimento da atriz, cineasta e ativista humanitária americana Angelina Jolie sobre o *blog* criado por Malala (http://www.ikmr.org.br/malala-yousafzai-por-angelina-jolie/).

DOCUMENTÁRIO 2

Assista ao documentário sobre Malala em https://www.youtube.com/watch?v=aFz6uROh4Ng.

e escritora de obras consagradas para jovens, tendo sido duas vezes finalista do National Book Award, um dos mais importantes prêmios literários dos Estados Unidos. Já *Malala, a menina que queria ir para a escola* também é uma biografia, no entanto, em suas páginas temos claramente a presença da voz da autora, a jornalista **ADRIANA CARRANCA**[4], que desde o prefácio deixa clara sua missão investigativa, como cabe a todos bons repórteres que vão à trincheira em busca de notícias. *Longe de casa* segue também em tom biográfico e conta a trajetória de Malala e sua família após saírem do Paquistão, com a preciosa ajuda da "contadora de histórias, grandes ou pequenas", como gosta de se apresentar, Liz Welch (*ver box A Andarilha*).

Cabe destacar aqui a questão do hibridismo presente nesse gênero, em que literatura, história e jornalismo se justapõem, estando imbricados de tal forma em que as fronteiras entre as áreas não se aplicam. Sobre essa questão do gênero e do fazer literário na contemporaneidade, **JOSEFINA LUDMER**[5] diz em seu artigo Literaturas pós-autônomas: "Muitas escrituras do presente atravessam a fronteira da literatura (os parâmetros que definem o que é literatura) e ficam dentro e fora, como em posição diaspórica: fora, mas presas em seu interior. Como se estivessem 'em êxodo'. Seguem aparecendo como literatura e têm o formato livro (são vendidas em livrarias, pela *internet* e em feiras internacionais do livro) e conservam o nome do autor (que pode ser visto na televisão, em periódicos e revistas de atualidade e recebe prêmios em festas literárias), se incluem em algum gênero literário como o 'romance' e se reconhecem e definem a si mesmas como literatura. Aparecem como literatura, mas não se pode lê-las com critérios ou categorias literárias como autor, obra, estilo, escritura, texto e sentido. Não se pode lê-las como literatura porque aplicam 'à literatura' uma drástica operação de esvaziamento: o sentido (ou o autor, ou a escritura) resta sem densidade, sem paradoxo, sem indecidibilidade, 'sem metáfora', e é ocupado totalmente pela ambivalência: são e não são literatura ao mesmo tempo, são ficção e realidade".

UMA RELAÇÃO DELICADA

É interessante também refletirmos sobre a relação entre o gênero biografia e nossos tempos instáveis na política, na economia e na sociedade. Instabilidade que não é mais local, e sim mundial. Dadas essas circunstâncias, o jornalismo investigativo se apresenta como um campo em ascensão, já que grande parte dos acontecimentos contemporâneos fazem jus a (e até exigem) um debruçar sobre eles: conflitos em países vizinhos, guerras civis extensas, políticos adotando práticas ditatoriais, criminalidade estendendo suas ações, sociedade em meio à insegurança. Situações que requerem um olhar apurado e que, por suas problemáticas, tornam-se objetos para reportagens em busca da compreensão do agora. Há diversas obras nessa linha, como *O dono do morro: um homem e a batalha pelo Rio*, de **MISHA GLENNY**[6], ou *Rota 66* e *Abusados*, de **CACO BARCELLOS**[7], ambos jornalis-

DIÁLOGO COM O OUTRO

Sobre o gênero biografia e seu valor literário, esclarece-nos Mikhail Bakhtin: "O valor biográfico pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também o vivenciamento da própria vida e a narração sobre a minha própria vida, pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida. (...) Os valores biográficos são valores comuns na vida e na arte, isto é, podem determinar os atos práticos como objetivos das duas; são as formas e os valores da estética da vida".
No gênero biografia o pacto que se dá entre leitor e obra firma-se pela identificação com a experiência. Nesse sentido, a leitura de uma obra biográfica é a ocasião para estabelecer diálogo com um Outro que se torna meu igual por meio da identificação, quer seja nas angústias e dramas narrados pela personagem, quer seja com a percepção do autor ao registrar seu recorte diante da realidade assistida ou ouvida. Nisso está a relevância da leitura das obras sobre Malala Yousafzai: o leitor é inserido em uma coletividade dialógica, em que entrará em contato com diferentes representações discursivas da realidade e os múltiplos sentidos presentes nelas.

tas consagrados tal como Patricia McCormick, Adriana Carranca e Liz Welch.

A grandeza de Patricia McCormick e Adriana Carranca em suas obras está na maestria com que ambas apresentam ao leitor um cenário de conflito, ao mesmo tempo em que ensinam sobre a cultura de um povo tão distante da nossa realidade plural e miscigenada. Ambas também conseguem relatar os despautérios de um regime extremista, sem, contudo, perder a beleza da infância de Malala, sua adolescência cheia de temores, tanto quanto repleta de engajamento. Nisso reside a beleza do encontro dos saberes: a literatura que narra a vida da corajosa ativista e o jornalismo que investiga e denuncia. Tudo isso feito com uma linguagem fluida, que torna a leitura agradável tanto para crianças e adolescentes, como para jovens e adultos.

As duas primeiras obras apresentam cuidadosas diagramações: em *Eu sou Malala* a biografia está dividida em cinco partes, em uma progressão narrativa. De imediato, na primeira parte, somos apresentados à família de Malala, às tensões (e restrições) vividas pelas mulheres naquela cultura, além da desigualdade social entre ricos e menos favorecidos. A seguir, a obra nos apresenta o discurso religioso que sustenta o regime talibã ao associar ensinamentos do Islã para justificar as ações extremistas. Nesse momento, somos comovidos pelas angústias da menina, ao declarar seu pavor e sua fé:

"Eu ficava com muito medo à noite, principalmente durante as explosões de bombas. Na minha cama no chão do quarto dos meus pais, recitava um verso especial do Sagrado Corão, o Ayat al Kursi **(ver box O Maior Versículo do Alcorão)***. Bastava recitá-lo três vezes para livrar a casa de demônios e de qualquer tipo de perigo. Recitando cinco vezes, toda a vizinhança estará a salvo. Recitando sete vezes, a cidade inteira. Eu recitava sete, oito, nove vezes, tantas que perdia a conta. Então falava com Deus. Nos abençoe e nos proteja. Abençoe nosso pai e nossa família. Então me corrigia. Não. Abençoe nossa rua. Não, nossa vizinhança. Abençoe todo o Swat. Então dizia: Não, abençoe todo o Paquistão. Não, não só o Paquistão. Abençoe o mundo inteiro. Eu tentava tampar as orelhas e imaginar minhas orações flutuando até Deus. De alguma forma, toda manhã acordávamos são e salvos. Eu não sabia o destino das outras pessoas por quem tinha rezado, mas desejava paz para todos. Especialmente para o Swat."*

Pensar sobre a doçura, a inocência de uma criança em meio a tanta hostilidade é enternecedor. Entre a segunda e a terceira parte, temos a oportunidade de conhecer fotos da família de Malala e também ver imagens de civis entregando dinheiro para apoiar um líder talibã e até de um açoite público aplicado sobre alguém que transgrediu as normas do regime. Olhar as imagens da bebê, da criança, da aluna Malala, de sua família, sua região, nos convocam à reflexão sobre temas caros a todos: sonho, esperança, educação, medo e coragem, opressão, repressão política e de cunho religioso, terror *versus* fé.

Tudo isso já é suficiente para nos deter sobre a leitura dessa surpreendente história de vida. Mas em Alvo – a quarta parte do livro – Malala faz uma declaração crucial que nos constrange a repensarmos nosso posicionamento ante a nossa realidade, tanto em nosso microcosmo, quanto no macro:

"Ele jogou meu nome no Google. Malala Yousafzai, dizia o Talibã, deve morrer. (...) Encarei mais uma vez a mensagem na tela. Então, fechei o computador e nunca mais olhei

O MAIOR VERSÍCULO DO ALCORÃO

"Deus! Não há divindade exceto Deus, Vivente, Subsistente, a Quem jamais alcança a inatividade ou o sono; d'Ele é tudo quanto existe nos céus e na terra. Quem poderá interceder junto a Ele, sem a Sua anuência? Ele conhece tanto o passado como o futuro, e eles (humanos) nada conhecem a Sua ciência, senão o que Ele permite. O Seu Trono abrange os céus e a terra, cuja preservação não O abate, porque é o Ingente, o Altíssimo." (Alcorão 2:255)

Conhecido em árabe como Ayah al-Kursi, o versículo fala de Deus de maneira bela. Esse versículo é conhecido por seu significado profundo e linguagem rítmica e sublime. O versículo resume, em palavras poderosas, os princípios básicos da fé islâmica, citando aqueles atributos de Deus que afirmam de maneira mais adequada o significado e a importância do princípio islâmico básico de Tawhid: a unicidade de Deus.

3

PATRICIA MCCORMICK

Duas vezes finalista do National Book Award, além de *Malala, a menina que queira ir para a escola*, é autora de vários romances aclamados pela crítica – incluindo *Never Fall Down (Nunca Caia)*, a história real de um menino que sobreviveu ao campos de extermínio do Camboja (conhecidos como *Killing Fields*) tocando música para o Khmer Vermelho, e *Sold (Vendida)*, que conta a história de uma garota do Nepal chamada Lakshmi, que é vendida como escrava sexual na Índia.

ADRIANA CARRANCA 4

Colunista e repórter especial do jornal *O Estado de São Paulo* e *O Globo*, é especialista em cobertura internacional, já viajou para vários países, cobrindo guerras e conflitos de diferentes tipos relativos à intolerância religiosa, à condição da mulher e aos direitos humanos. Já foi aclamada com diversos prêmios, inclusive Melhor livro informativo e Escritora Revelação, por *Malala, a menina que queria ir à escola*, em 2016, pela Fundação Nacional do Livro e Juvenil (FNJIL).

JOSEFINA LUDMER 5
(1939-2016)

Foi uma professora, ensaísta, escritora e crítica literária argentina, graduada em Letras na Universidade de Rosario em 1964.

MISHA GLENNY 6

Jornalista britânico, especializado em sudeste da Europa, crime organizado global e segurança cibernética.

CLÁUDIO BARCELLOS DE BARCELLOS 7

Mais conhecido como Caco Barcellos, é um jornalista, repórter de televisão e escritor brasileiro que se especializou em jornalismo investigativo, investigações, documentários e grandes reportagens sobre injustiça social e violência.

para aquelas palavras. O pior tinha acontecido. Eu era um alvo do Talibã. Agora tinha de voltar a fazer o que devia fazer.

Eu estava calma, mas meu querido pai estava em lágrimas.

— Você está bem, jani? – ele perguntou.

— Aba – eu disse, tentando acalmá-lo –, todo mundo sabe que vai morrer um dia. Ninguém pode escapar da morte. Não importa se ela vem pelas mãos de um talibã ou como câncer.

Ele não se convenceu. (...) Mas nunca imaginou que o Talibã direcionaria sua ira a uma criança. A mim.

Olhei para o rosto entristecido dele e soube que honraria meus desejos independentemente do que eu decidisse. Mas não havia nenhuma decisão a ser tomada. Aquela era minha vocação. Uma força poderosa habitava em mim. Algo maior e mais forte do que eu. Que me tornara destemida. Agora é que eu tinha que dar ao meu pai uma dose de coragem que ele sempre me dera.

— Aba, foi você quem me disse que se acreditarmos em algo que é maior do que nossa vida então nossa voz vai se multiplicar, mesmo se morrermos. Não podemos parar agora."

Destemida, corajosa, vocacionada. Um convite para uma tomada de posição de todos os leitores. Se queremos uma realidade diferente, precisamos forjá-la assim. Forjar é o verbo porque tal qual o metal bruto, nosso mundo não está pronto. E somos nós que devemos lapidá-lo por meio de nossas escolhas e práticas: no cotidiano doméstico, em nossos estudos, em nossas profissões. Aos docentes, Malala é uma provocação à resistência em tempos difíceis e hostis e uma convocação, pois "uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo".

A parte final de *Eu sou Malala* emociona o leitor, uma vez que as novas imagens aproximam-nos do drama vivenciado pela garota, além da descrição de sua vida pós-atentado, sua nova realidade na Inglaterra, sua reabilitação, o ajuste de sua família naquele novo lugar e nova cultura, mas acima de tudo por sua integridade e ímpeto em continuar cumprindo seus objetivos:

"Às vezes, os jornalistas parecem querer se concentrar no ataque, e não na campanha.

Isso me deixa frustrada, mas eu entendo. É a curiosidade humana. Mas o que penso sobre o assunto é o seguinte: eles já me machucaram, deixaram cicatrizes eternas. Mas da violência e da tragédia veio a oportunidade. (...)

Penso no mundo como uma família. Quando um de nós está sofrendo, todos devemos contribuir. Porque, quando as pessoas dizem que me apoiam, na verdade estão dizendo que apoiam a educação das meninas.

Então, sim, o Talibã atirou em mim. Mas eles só podem atirar em um corpo. Não podem atirar em sonhos, não podem matar minhas crenças e não podem impedir minha campanha para ver toda menina e todo menino na escola."

Já na obra de Adriana Carranca – *Malala, a menina que queria ir para a escola* – o leitor se aproximará da realidade da ativista paquistanesa com outra nuance. Logo no prefácio, a linguagem empregada pela autora adota um tom detetivesco, transformando sua experiência jornalística em aventura. Ela narrará sua chegada ao país, falará sobre a família que a acolheu, contará sobre os desafios e perigos enfrentados ante outra cultura e sociedade, assim como todas as descobertas que fará naquele estranho ambiente e região. E, de forma virtuosa, ela levará o leitor até os vales do Swat.

A narrativa criada pela jornalista privilegia o lúdico, promovendo a "chegada" à região de Malala um aprendizado agradável, pois ela faz associações com notórios líderes da história mundial, como Alexandre, o Grande, rei da antiga Macedônia, e o imperador mongol Gengis Khan. Assim, a leitura se faz como um deleite ao instigar o imaginário do leitor. Ao mesmo tempo, a autora cria uma ponte passado-presente ao apresentar contemporâneos notáveis, como Benazir Bhutto, duas vezes primeira-ministra do Paquistão, e a rainha Elizabeth I, assim como personalidades locais como o príncipe Miangul Adnan Aurangzeb – wali (espécie de imperador) não oficial de Swat –, o general Ayub Khan, ex-presidente do Paquistão, e o ex-líder talibã Fazal Hayat (Fazlullah) – conhecido como Mullah Radio.

As belíssimas ilustrações de Bruna Assis Brasil tornam a leitura ainda mais agradável, por meio de uma técnica em que ocorre a colagem de fotografias fundidas em adoráveis desenhos.

A ANDARILHA

Uma obra delicada, que a contadora de histórias, como se autodenomina Liz Welch (http://lizwelch.com/), jornalista e memorialista – cujo primeiro livro, *The Kids Are All Right (As Crianças Estão Bem)*, em coautoria com suas irmãs Diana, Dan e Amanda Welch, foi aclamado pela crítica – soube conduzir com maestria, junto com Malala Yousafzai e as outras meninas que fazem parte dessa história. *Longe de Casa* (Companhia das Letras) mostra desde o momento em que a ainda menina Malala podia brincar à vontade com seus irmãos à trajetória involuntária a que é submetida após ter quase sido assassinada só porque queria estudar. É desconcertante o relato da chegada a Birmingham: ***"Quando minha família foi do Paquistão para Birmingham, levou apenas as roupas do corpo. (...) Meus pais tiveram que comprar pratos, panelas e talheres para que pudéssemos fazer refeições em casa. No Paquistão, minha mãe teria ficado muito feliz com isso! Ela adorava comprar utensílios legais para a cozinha em Mingora, mas em Birmingham dizia que não pareciam dela. Não havia uma sensação de pertencimento — minha mãe se sentia uma estranha numa terra estranha".*** Dividido em duas partes, Estou longe de casa e Estamos longe de casa, tem uma diferença com as obras anteriores: é que essa traz em seu bojo o coletivo. A migrante Malala visita uma série de campos de refugiados, que a faz repensar sua própria condição, onde se depara com outras garotas, de diversas partes do mundo. Essas meninas pertencem a diversas regiões do planeta, do Oriente Médio à America Latina, e, assim como Malala, deixaram para trás a vida que conheciam. Ficamos conhecendo os (des)caminhos impostos a outras Malalas: Zaynab, Sabreen, Muzoon, Najla, María, Analisa, Marie Claire, Jennifer, Ajida e Farah. No final do livro há uma breve informação de onde e o que estão fazendo cada uma dessas meninas. Ninguém soltou (e não vai soltar) a mão de ninguém. (Da Redação).

Ainda que a vida de Malala seja extremamente intensa e arriscada, a narrativa de Adriana Carranca conseguiu dar-lhe leveza, ao revezar entre a descrição das suas experiências pessoais na região e os fatos vividos pela protagonista. Sua maneira de contar cria uma esfera de aproximação com o leitor, ao mostrar seu olhar curioso diante do cenário em que está inserida e, ao mesmo tempo, em que busca compreender aquilo que faz parte do cotidiano da menina paquistanesa.

Dessa forma, ela vai nos despindo dos preconceitos com o povo muçulmano, revelando-nos a cultura daquela região com um novo olhar: descreve a generosidade existente nos gestos do povo, do príncipe, o cuidado em protegê-la, a hospitalidade e a força demonstrada por todos em superar um tempo de angústia. Revezando sua narrativa entre a primeira pessoa – quando tece suas observações – e a terceira pessoa – quando narra os fatos tal qual os percebia –, a autora torna empolgante a biografia de Malala, de tal forma que o leitor adere à sua incursão pela região e não conseguirá abandonar o percurso da leitura.

Há ainda, para auxiliar a compreensão do leitor, notas de rodapé esclarecendo conceitos sobre a região, povo, cultura, religião: informações importantes para o entendimento do texto.

Portanto, *Eu sou Malala: como uma garota defendeu o direito à educação e mudou o mundo* e *Malala, a menina que queria ir para a escola* são obras essenciais para a formação literária, quer docente, quer discente, quer para o leitor ávido por literatura de qualidade, porque são espaços do encontro. Encontro com a situação da mulher, com os impactos da guerra, com o extremismo religioso e suas consequências, com a força da educação para superar as desigualdades sociais e resistir à violência, com a importância de buscarmos a garantia da igualdade de direitos entre os gêneros. Um espaço que convoca e desperta, em que a inércia não é permitida e a indiferença igualmente é inadmissível. Afinal, como nos ensina Compagnon: "O próprio da literatura é a análise das relações sempre particulares que reúnem as crenças, as emoções, a imaginação e a ação, o que faz que ela encerre um saber insubstituível, circunstanciado e não resumível sobre a natureza humana, um saber de singularidades. (...) A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão diante de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos". **CP**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução por Tzvetan Todorov. 5ª ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010.

CARRANCA, Adriana. *Malala a Menina que Queria ir para a Esola*. Companhia das Letras, 2015.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* – Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

YOUSAFZAI, Malala; McCormick, Patricia. *Eu sou Malala*. Companhia das Letras, ed. Juvenil, 2015.

YOUSAFZAI, Malala (com Liz Welch). *Longe de Casa*. Companhia das Letras, 2019.

SOBRE A AUTORA

FERNANDA DE PAULA
é especialista em Literatura e Teoria Literária (PUC-SP); coordenadora pedagógica na Rede Pública Estadual (SEE-SP); professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II e Médio; capacitadora de professores em instituições públicas e privadas; revisora de textos acadêmicos e produtora de material didático.

Passagens da crítica

Gêneros como esse e o jornalismo podem se dar bem ou não, a depender das referências do tempo e da sensibilidade de quem analisa, promovendo a passagem de um a outro discurso para o estabelecimento dos juízos críticos que o ensaísta emite a respeito dos textos

Por **Roberto Sarmento Lima**

Uma frase colhida de certo texto do crítico **JOÃO RIBEIRO**[1], publicado no jornal carioca *O Imparcial*, em 7 de maio de 1917, chamou-me a atenção para o fato de que, ratificando uma ideia que habitualmente defendo, a crítica literária, assim como o jornalismo, podem muito bem dialogar. Mas é bom saber que padecem ambos da perda constante de atualidade. Atualidade de posicionamentos, dado o seu momento de produção, o que interfere na sintaxe, no emprego do vocabulário, no sentimento que vem embutido na expressão. Sabe-se que do crítico e do jornalista se espera que mantenham a objetividade da linguagem, que é um aspecto comum a esses dois gêneros discursivos. E também é própria deles a sua vocação para ancorar-se nas ideias correntes do tempo em que se está, na hora de escrever. Eis a frase que selecionei do texto de João Ribeiro, analisando a produção de um escritor:

"Não é um escritor muito puro no sentido de escrupulosa correção; sê-lo-á quando o quiser e naturalmente é isso obra do tempo."

A frase é compreensível, enxuta, sem ambiguidades, como requerem os dois gêneros. Refere-se a um escritor contemporâneo de Ribeiro, **LIMA BARRETO**[2], por sinal muito mal compreendido em sua época, infelizmente. Mas até aí tudo bem. O foco, ao que parece, é a peculiar maneira de dizer do autor de Triste fim de Policarpo Quaresma, tido por desleixado. É que Ribeiro não enxergou aí sinais do Modernismo, que se avizinhava, revelando-se um tanto alheio ao que acontecia, com as vanguardas pipocando mundo afora. De modo que não causa espécie (naquela época nem tanto, mas hoje, principalmente, é algo que espanta) certo bolor na frase do crítico acima transcrita. Pelo emprego da mesóclise ("sê-lo-á"), forma de colocação pronominal cada vez mais rara na **ESCRITA HODIERNA**[3], mas frequente e festejada no século XIX e nos inícios do século XX brasileiro, o crítico não poderia mesmo se sentir muito à vontade com o estilo despojado de Lima Barreto. E, até onde eu sei, estilo e ideias andam juntos. Vamos ver como é isso.

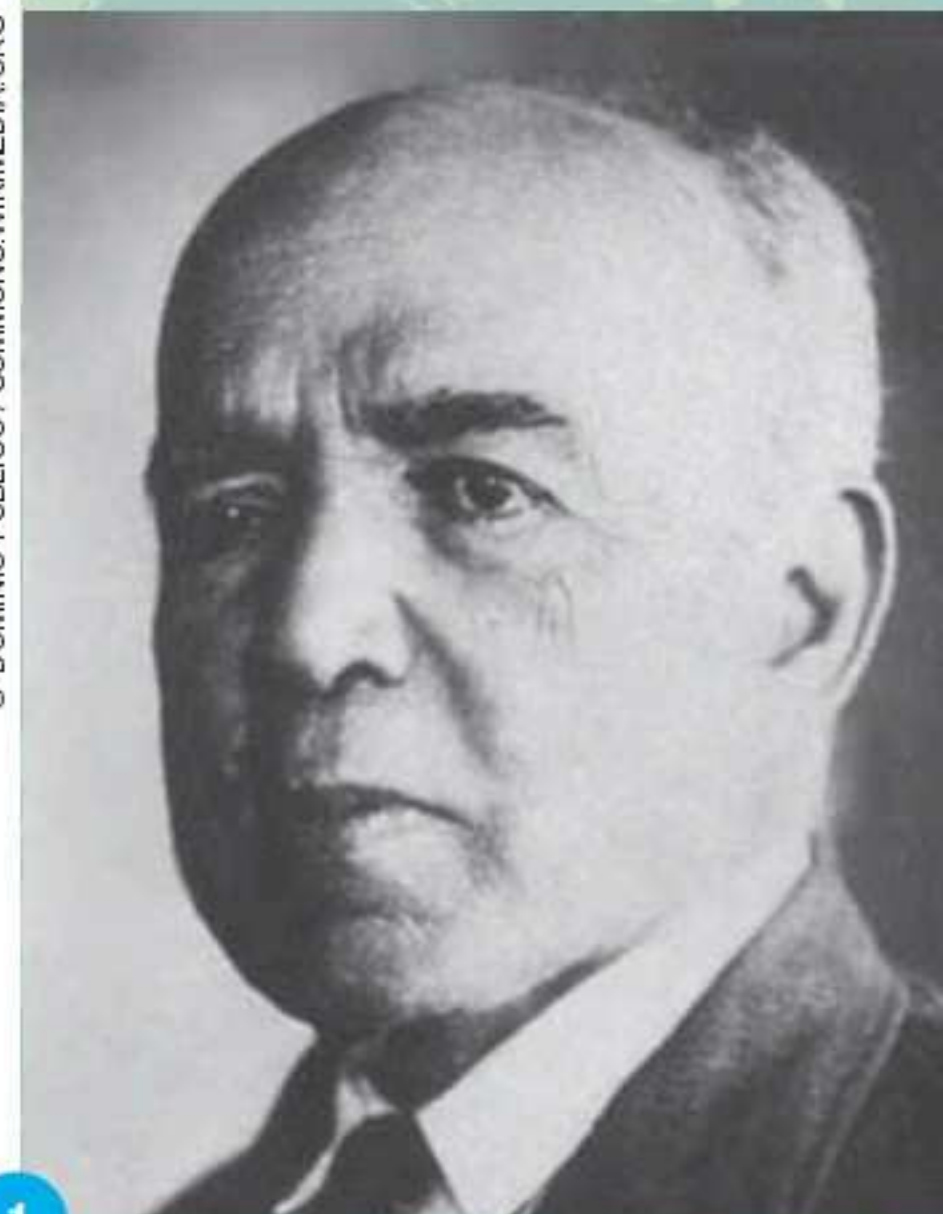
FEITO COMÉDIA, FEITO OFENSA

Quero mostrar que, a depender do momento da produção do texto, se pode sancionar uma posição e não outra, mas em geral aquela que o tempo permite e autoriza. Pois, caso contrário, das duas uma: ou o autor, avançadinho para a ocasião, não será ouvido e, por conseguinte, será relegado a ficar no seu esconderijo ou, na outra ponta, será, sim, publicado, lido, porém devidamente combatido por seus contemporâneos. No exemplo específico de Lima Barreto, o melhor seria mesmo abafá-lo em algum lugar, condenando-o ao esquecimento, já que ele fazia duras reprovações aos costumes, à hipocrisia reinante na burguesia e a seus apaniguados, agrupados na alta-roda de políticos e jornalistas, todos envolvidos no mesmo saco de gatos, reprovações essas que se estendiam, muito naturalmente, ao falso intelectualismo, ao mandonismo e à esterilidade da linguagem acadêmica. (Sobrou alguém?)

Se ao menos ele fosse sutil, menos impulsivo... se ao menos ele não fizesse tanto barulho com aquela sua pena atrevida e inquieta... se ao menos ele tivesse a finura do estilo de Machado de Assis, mais contido, mais maneiroso...

Continua João Ribeiro:

"Conviria ainda que ele 'estilizasse' um pouco mais os seus personagens sob um véu mais diáfano, evitando nomes conhecidos"

O interessante é que, nisso tudo, não podemos culpar João Ribeiro, guardião do conservadorismo de sua época, de ser meticuloso, vigilante, moralista ou receoso da lama que sempre se pode jogar aos costumes. Até hoje, aliás, há pessoas que ainda querem que o escritor seja elegante e aristocrático, nada direto ou escandaloso. Acontece que o tempo de Ribeiro é outro: o Brasil procurava refinar-se, imitar, na capital do País, o modo de ser cultural e arquitetônico da França, limpando as ruas centrais e adjacentes das inúmeras casas que tivessem

1 **JOÃO BATISTA RIBEIRO DE ANDRADE FERNANDES** (1860-1934)
Mais conhecido como João Ribeiro, foi um jornalista, crítico literário, filólogo, historiador, pintor e tradutor brasileiro. Foi também membro da Academia Brasileira de Letras.

2 **AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO** (1881-1922)
Mais conhecido como Lima Barreto, foi um jornalista e escritor que publicou romances, sátiras, contos, crônicas e uma vasta obra em periódicos, principalmente em revistas populares ilustradas e periódicos anarquistas do início do século XX.

"... a depender do momento da produção do texto, se pode sancionar uma posição e não outra, mas em geral aquela que o tempo permite e autoriza..."

ESCRITA HODIERNA 3
É a que reflete o momento de agora, contemporâneo; moderno: época hodierna.

GREGÓRIO DE MATOS GUERRA 4
(1636-1696)
Alcunhado de Boca do Inferno ou Boca de Brasa, foi um advogado e poeta do Brasil colônia. É considerado um dos maiores poetas do Barroco em Portugal e no Brasil e o mais importante poeta satírico da literatura em língua portuguesa no período colonial.

NICOLAS BOILEAU-DESPRÉAUX 5
(1636-1711)
Foi um crítico e poeta francês. Publicou seu primeiro volume de sátiras em 1666. Foi apresentado na corte, em 1669, após a publicação de seu Discurso sobre a sátira. Nicolas Boileau-Despréaux era mais conhecido apenas por Boileau.

aparência de cortiço. Assim, na cara, no bom ar, na galhardia de uma mulher que se traja em Anjo, como excelentemente diria **GREGÓRIO DE MATOS**[4], deveria acender-se o respeitoso recato em tudo que ficasse à vista. Era urgente, como disse o crítico, "estilizar".

Mas não: Lima Barreto insistia, segundo os padrões de então, em ser solenemente grosseiro e bastante inconveniente em suas denúncias contra a sociedade brasileira, que, como a de hoje, vivia cheia de falhas de tudo que é jeito. E, por isso, preferindo a sociedade varrer para debaixo do tapete sua sujeira, eis que sua literatura, nada discreta, pagou caro pela audácia: estreitou-se, quase sufocando-se de vez, nos caminhos que ele percorria com visível denodo, sem se dar muita conta, vá lá, de que aquele afã de ser virulento na voz que opera o férreo desmascaramento do real poderia levá-lo ao desprezo dos seus contemporâneos. Afinal, quem lia no Brasil naquele período? Além de uma pequena classe média que surgia, era a chamada gente letrada que lia, aquela bem situada na vida, sem maiores problemas econômicos, sonhando de dia e de noite em ser parisiense sob o sol causticante do verão do Rio de Janeiro, indo a cafés e casas de chá, com aquele vestuário não adequado ao calor tropical.

Era justamente contra esse artificialismo, contra essa impostura em todos os sentidos — da vida que se levava, dos costumes que não eram exatamente os nossos e da hipocrisia que se confundia com recato e boas maneiras — que se levantava o escritor negro, humilhado várias vezes pela cor da pele que o submetia e pelas suas condições humildes de vida que o deixavam à margem.

Impiedoso como qualquer outro representante dos donos do poder, João Ribeiro chegou a comparar a literatura de Lima Barreto com a comédia da Antiguidade, que, como se sabe, ficou estigmatizada por sua compleição, dita então, desde os gregos, ofensiva, capaz de rir até dos deuses:

> ***"(...) a fim de fugir àquela bárbara maneira de Aristófanes (...) Os romanos corrigiram a comédia aristofânica e evitaram a ofensa pessoal inútil."***

Ou seja, para bom entendedor, Lima Barreto estava no campo escuso da comédia e da sua prima exagerada, a farsa, gênero menor considerado por grandes tratadistas, na Idade Antiga e ainda na Moderna; e, em razão dessa classificação oblíqua, deveria o autor ser olhado com cuidado e cautela, se não com reserva e temor. Mas, assim como a mesóclise foi ficando para trás (ninguém mais a usa, ou estarei enganado?), a reprovação da comédia, mais por valores morais do que por valores estéticos, foi também perdendo a força secular com que vinha sendo olhada.

O que espanta é que, décadas atrás, a crítica literária — que, por definição (de hoje, ao menos), deve ser mais especulativa do que normativa, ou, melhor, nada normativa, bem melhor dizer assim — impunha ao público, como ocorre em textos de doutrinação religiosa ou de proselitismo político, uma regra de aceitação de livros, textos e autores de acordo com a vigência de certo padrão moral e ético. Afinal, é preciso controlar a onda de "ofensa pessoal inútil". Mas como é que pode alguém, do lugar da crítica literária, pedir ao escritor que seja leve e suave, esbata todo e qualquer tom mais irônico ou agressivo, se à literatura não se deve mesmo pedir tal coisa, sob pena de a liberdade do escritor ir para o brejo? Acho que já se passaram os bons tempos de **BOILEAU**[5], lá no perdido para sempre século XVII, aquele francesinho que confundia crítica com boa etiqueta. Estamos em outra sintonia, mesmo nos começos do século XX, às vésperas do Modernismo.

TEMPO E SENSIBILIDADE

O negócio de João Ribeiro ainda era, então, fingir que não se estava vendo o que se via (o Brasil bem que parecia uma grande fazenda de gado, apesar dos esforços republicanos em

lhe dar cara nova). O negócio da literatura era, enfim, escamotear, como disse Ribeiro, em sua franca crença de que era desse jeito mesmo que se devia comportar o homem de letras. Escamotear imprimiria ao escritor dignidade, imparcialidade, justiça estética:

> ***"É uma escamoteação digna da imparcialidade literária. É sempre útil, sobre ser amável, ficarmos indecisos como aqueles empregados do Congresso que não sabiam se o grande homem era Nuno ou Numa"***

Como o meu prezado leitor deve ter acabado de notar, João Ribeiro está neste tempo todo se referindo a *Numa e a Ninfa*, de Lima Barreto, romance que ele começa a publicar em 1915, em forma de folhetim, pelo jornal A Noite, bem ao modo da época. O romance ataca as instituições da política, do casamento, da decência pública. É no mínimo suspeito que essa preocupação com o desmascaramento da sociedade, em Lima Barreto, tenha terminado por fazê-lo sacrificar o melhor da feição literária do texto. Não que o texto tivesse de ficar refinado, sutil e enevoado nas entrelinhas do discurso, não, não se trata disso, mas é que a enunciação, nele, por vezes se cobre de exageros e da intenção de ridicularizar, típicos da farsa, como se não tivesse havido planejamento para dar retoques ao texto — o que não escapou da sabedoria do crítico:

> ***"(...) há um defeito grave neste, como em outros romances de Lima Barreto. Não há razoável acabamento; falta sempre a chave da abóbada que ele carpinteja excelentemente."***

Um crítico de hoje disse isso mesmo, ao referir-se a esse suposto defeito de composição, mas de outro jeito, mais atual, mais complacente, ou mais lúcido. O crítico paulistano **ANTONIO ARNONI PRADO**[6], que faz a apresentação de *Numa e a Ninfa* na recente edição da Penguin Classics Companhia das Letras, de 2017, deu outro contorno à consideração crítica, não exatamente discordante embora de João Ribeiro, mas ao menos mais atenta à modernidade da obra:

> ***"Mais talvez do que isso, o que parece desfibrar o romance são as dissonâncias no tom que articula o relato, fazendo com que o modo de narrar desborde da natureza do gênero, ao submeter a duração ficcional aos excessos da motivação secundária, muitas vezes acidental e fortuita, para não dizer caricatural e grotesca."***

Desbordar da "natureza do gênero", como disse Arnoni Prado, não é hoje um modo de desqualificar (é, ao menos, o que a sua fina análise dá a entender), embora "excessos" sejam sempre preocupantes. Da mesma forma, a primazia da "motivação secundária" do que é "acidental" relativamente aos fatos que mais interessam à diegese também não é defeito, podendo, antes, até parecer que é um trunfo da escrita (moderna, sim senhor). Uma quebra de hierarquias no âmbito da trama pode resultar em um fragmentarismo que represente bem o fragmentarismo social de que, afinal, Lima Barreto quer dar conta, reduzindo-se esse aparente defeito do enredo ao que Antonio Candido chamou de "arbítrio transfigurador". Ou seja, esse princípio de escrita que faz com que o que está dito e pode ser lido no texto, por mais absurdo ou desconectado que possa pa-

TOM SATÍRICO SOBRE A SOCIEDADE REPUBLICANA

Numa e a Ninfa retrata os bastidores do governo do marechal Hermes da Fonseca. Publicado inicialmente em 1915 como folhetim no jornal A Noite, conta a história de um pequeno empregado que consegue formar-se em direito, Numa Pompílio de Castro, mesmo sem gostar de estudar ou apresentar talento jurídico. Na verdade, Numa queria mesmo é o que conseguiria financeiramente com os cargos que o título podia lhe trazer. Assim, torna-se um deputado medíocre, impulsionado pelo pai de sua bela mulher, Gilberta Cogominho, o qual era um alentado senador. Mas o presidente da Câmara, certo dia, exige que ele apresente um discurso do dia para a noite. É quando entra em cena o talento de Gilberta, afeita a leituras desde sempre, que passa a escrever seus discursos e, consequentemente, Numa deslancha, até o final surpreendente, principalmente para a época.

ANTONIO ARNONI PRADO 6

Mestre e doutor pela FFLCH-USP, com pós-doutorado na Fondazione Feltrinelli, de Milão. Desde 1979 leciona no Departamento de Teoria Literária da Unicamp, onde é professor titular. Entre outros trabalhos seus incluem-se a edição da crítica literária dispersa de Sérgio Buarque de Holanda nos dois volumes de *O espírito e a letra* e a publicação de uma coletânea de ensaios críticos reunidos em *Trincheira, palco e letras*, *Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo*, e *Lima Barreto: uma autobiografia literária*.

recer, internalize dados do real que, com efeito, transitaram de fora para dentro da composição termina por valorizar esteticamente a linguagem do romance.

É verdade que Arnoni Prado, ao salientar que defeitos de *Numa e a Ninfa* decorrem certamente da transformação dos contos que lhe deram origem, pela sua publicação periódica em jornal, em uma forma romanesca que daí resultou, não perdoa a Lima Barreto a má adaptação: "mais ajustado ao conto, o tema desandou no romance, ficando aquém do gênero maior". Mas é certo também que o crítico, mesmo reconhecendo isso, não deixa de dizer, em favor de Lima Barreto, que

> ***"Tal momento, que incide sobretudo no acirramento político dos textos de circunstância, como que impele a produção ficcional de Lima Barreto a uma espécie de metáfora das mazelas institucionais do país, que de tão inconcebíveis só parecem merecer registro quando afinadas aos tons mais baixos da chacota e do escárnio"***

Resumindo: em João Ribeiro, o defeito de forma de *Numa e a Ninfa* pode parecer (observe-se bem, pode parecer) contaminação das estratégias discursivas do jornalismo ("uma arte apressada e imperfeita que não deixa amadurecer e compor-se a congruência de obras mais complexas"). Logo, como que arrependido do juízo feito, pergunta: "Será assim? Não o sabemos". Afinal, diz o crítico ainda, "Lima Barreto é um grande romancista da cidade, conhecedor dessa Babilônia, como o foi Aluísio Azevedo, o autor do *Cortiço*". Já em Antonio Arnoni Prado o que pareceu a João Ribeiro, lá no passado, um grave problema de concepção — a influência no romance do relato jornalístico, apressado e mal-acabado — surge, agora, por um novo modo de ver essas relações textuais, como um argumento mais amainado, como um componente até apreciável. Arnoni Prado, que festeja tal hibridismo de discursos que se misturam e interpenetram, não sendo, pois, o inacabamento indício de fraqueza estilística, se não a sua força, completa seu arrazoado crítico:

> ***"Seja como for, deve-se ao traçado híbrido da estrutura do romance a sua impressão de acabamento apressado e muitas vezes desconexo, como se, nas versões do*** **Numa e a ninfa**, ***o conto anunciasse o foco de um tema que o romance, depois, acabaria desvirtuando, ora por carnavalizar a causalidade do relato, ora por pulverizar os motivos latentes do seu eixo dramático"***

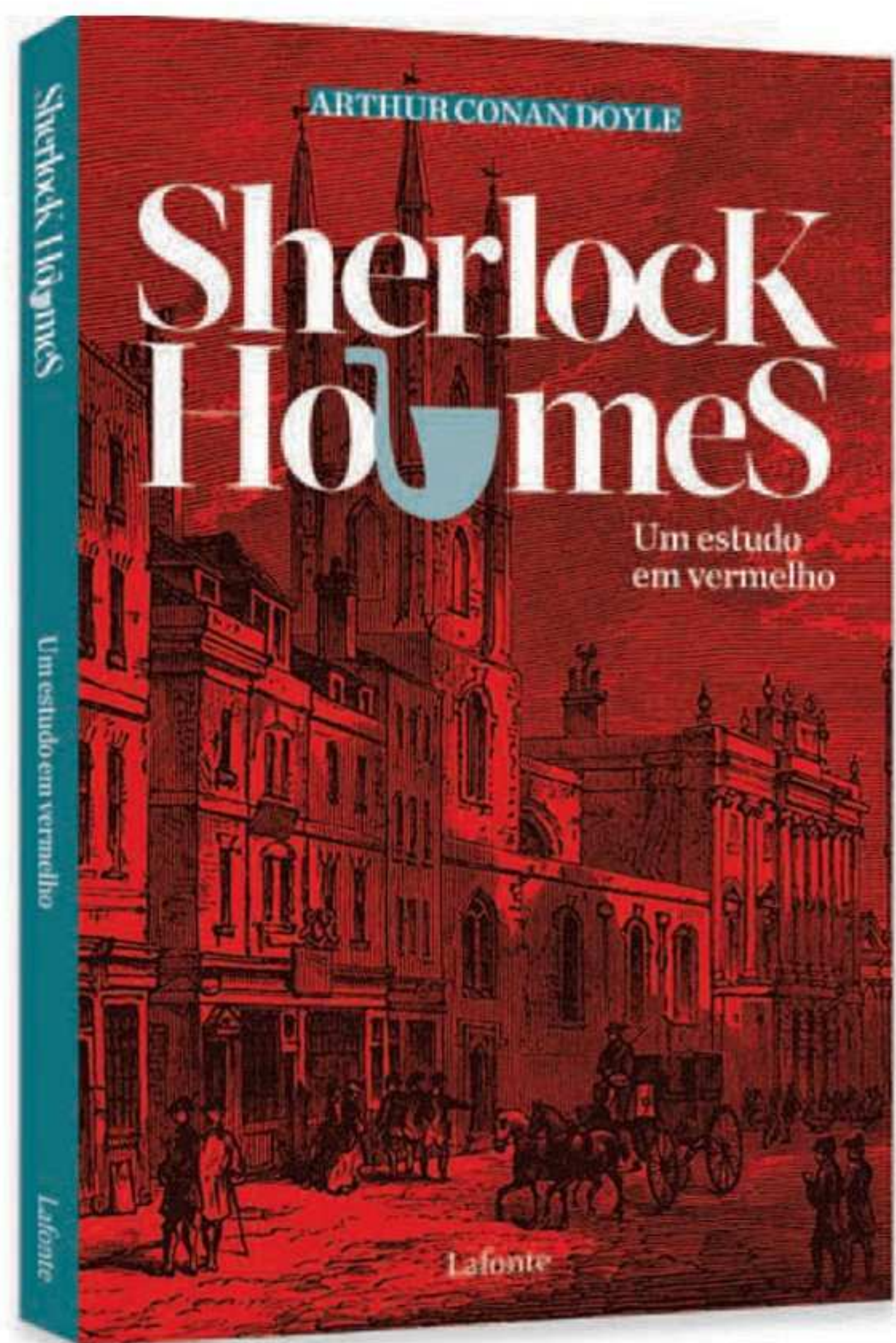
Se acreditarmos que a desvirtuação da fonte primeira, que é o conto publicado em jornais, interferindo na composição do texto final de *Numa e a Ninfa*, e a pulverização dos motivos latentes, esgarçados nessa transição do conto ao romance, são traços modernos da narrativa, Arnoni Prado, em outra visada crítica, mais atenta à realidade presente, valoriza, por fim, a arte de Lima Barreto. Lá atrás, João Ribeiro proclama — embora sem a clareza necessária, questão apenas de pressuposição — que, sendo esse o "defeito grave" do escritor, *Numa e a Ninfa* tem "o mesmo desfalecimento, desproporcionado na conclusão" que se vê nos demais romances do autor, certamente porque "isso provém, talvez, de que escreva para os jornais e deixe para os azares dos dias a inspiração final dos seus trabalhos". Não desconfiava ele que o jornal, a pressa do veículo, sua precipitação em julgar, também afetavam a crítica literária, não apenas a literatura.

São essas as passagens da crítica, mas em dois sentidos: em primeiro lugar, a passagem do tempo (o que vale para uma época não vale tanto assim mais para outra, situada mais à frente, fazendo visivelmente contrastar os juízos) e, em segundo lugar, a passagem da sensibilidade de quem analisa (o olhar funciona em uma época como o seu farol, perscrutando o que é possível perscrutar: assim é que, na convivência do jornal com a literatura, se antes eles se juntavam e criavam problemas de assimetrias de posições, hoje um tira partido do outro, completando-se e alimentando-se mutuamente). A crítica, enfim, é um gênero que pode envelhecer. Disso não se pode acusar Lima Barreto, cada vez mais vivo, atual e necessário ao entendimento do Brasil de hoje. CP

SOBRE O AUTOR
Roberto Sarmento Lima é professor doutor da Universidade Federal de Alagoas. Autor do livro *O Narrador ou o Pai Fracassado: Revisão Crítica e Modernidade em Vidas Secas*, publicado em 2015 pela OmniScriptum/ Novas Edições Acadêmicas, em Saarbrücken, Alemanha. *E-mail:* sarmentorob@uol.com.br

MOMENTO DO LIVRO

Sherlock Holmes

Um Estudo em Vermelho

Assassinato, traição, vingança, romance e mistério compõem o pano de fundo para *Um Estudo em Vermelho*, que marca a estreia da parceria entre o detetive mais famoso do mundo, Sherlock Holmes, e o médico John Watson. A partir desse encontro, estará selado um pacto entre ambos: "Na meada incolor da vida, corre o fio vermelho do crime, e o nosso dever consiste em desenredá-lo, isolá-lo e expô-lo em toda a sua extensão".

Livro: *Sherlock Holmes Um Estudo em Vermelho*
Número de páginas: 176
Editora: Lafonte

Educação do Futuro

Um novo modelo de conhecimento pede uma percepção integradora do saber, que se traduz em uma visão transdisciplinar permanente-abrangente e encantadora-transformadora dos indivíduos que dela participam

por **Aline Fernanda Sampaio**

Abrir as portas para uma formação transdisciplinar é uma questão de grande responsabilidade. Esta abordagem considera que os limites entre as diferentes áreas do conhecimento são abundantes de informações e possibilidades a serem exploradas.

NICOLESCU[1] defende que a transdisciplinaridade é uma postura, um espírito integralizador diante do saber, uma vocação articuladora para a compreensão da realidade – sem, no entanto, abandonar o respeito e o rigor pelas áreas do conhecimento – que se apoia sobre três pilares: a existência de diferentes instâncias de realidade, a percepção da complexidade da realidade e o reconhecimento da lógica do terceiro incluído.

Para o autor, o principal objetivo de uma abordagem transdisciplinar na educação é a geração de uma cultura transdisciplinar que, através da busca de uma compreensão mais global do mundo – entendido aqui como simultaneamente o universo interior do ser humano, o universo exterior e a interação que existe entre esses dois universos –, possa atuar pela progressiva redução das tensões que ameaçam a vida em nosso planeta e na construção de um mundo mais igualitário e mais feliz do que o que vivenciamos no presente.

Nicolescu afirma que a nossa vida individual e social é estruturada pela educação. Central em nosso **DEVIR**[2], o processo educativo tem o poder de moldar o futuro através de nossa formação presente. A percepção geral das sociedades atuais, porém, é a de que a educação oferecida na maioria das instituições educacionais está em defasagem entre as necessidades e os desafios da pós-modernidade, uma vez que os princípios e métodos sobre os quais está fundada estão em descompasso com a consciência que se faz necessária no mundo contemporâneo. Esse tem sido o tema dos estudos recentes sobre educação, em que se tenta formular propostas para a escola do futuro.

IDEIA MULTIRREFERENCIAL E MULTIDIMENSIONAL

A Carta da transdisciplinaridade, de autoria de Edgar Morin, Basarab Nicolescu e Lima de Freitas, pintor e ensaísta português, foi divulgada durante o 1º Congresso Mundial sobre a Transdisciplinaridade, realizado no Convento da Arrábida, em Portugal, de 2 a 6 de novembro de 1994. Este evento foi organizado pelos três, com participações de diversos intelectuais (entre eles, Ruth Escobar, atriz e produtora cultural luso-brasileira, falecida em outubro de 2017), e define o conceito transdisciplinar assim:

Artigo 3: "(...) A Transdisciplinaridade não procura a dominação de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as atravessa e as ultrapassa".

Artigo 7: "A transdisciplinaridade não constitui nem uma nova religião, nem uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências.

No âmbito acadêmico, já no século XX, com o intuito de unir o mundo 'não universitário' ao universitário, cuja separação se dá primordialmente pela hiperespecialização profissional, com grande número de disciplinas que não acompanham todo o desenvolvimento, principalmente na área tecnológica, temos um aprofundamento na utilização deste conceito, visando formar profissionais cada vez mais completos, compatíveis com as exigências do mercado de trabalho que este futuro profissional encontrará.

Assim tão complexo quanto os problemas que tenta solucionar, tem-se a transdisciplinaridade, que por ser tão sutil, ser a linha tênue que une e serve de limite entre o comprometimento e o individualismo de cada disciplina, que não possui uma definição exata, e ao mesmo tempo é um dos mais necessários conceitos quando tratamos de formação e educação" (...)

OS SETE SABERES

Em 1999, com o objetivo de ampliar e fortalecer a visão transdisciplinar de educação, a UNESCO solicitou a **EDGAR MORIN**[3] que expressasse sua visão sobre a educação que se faz necessária para o século XXI. A proposta de Morin está concretizada em *Os Sete Saberes Necessários para a Educação do Futuro*. Esses sete saberes indispensáveis aos cidadãos contemporâneos são: as cegueiras do conhecimento — o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; a condição humana; a identidade terrena; enfrentar as incertezas; a compreensão; a ética do gênero humano.

Nicolescu, por sua vez, caracterizou a proposta transdisciplinar para a educação como uma educação *in vivo*, confrontando-a com a educação disciplinar tradicional que ele intitula *in vitro*.

É importante compreendermos que a proposta transdisciplinar para a educação, ao encorajar a reconciliação das diferentes áreas do conhecimento, não exclui a disciplinar, uma vez que elas não são antagônicas, mas complementares. É o que explica Nicolescu: "A transdisciplinaridade não ambiciona o domínio de diferentes disciplinas, mas tem como objetivo abrir todas as disciplinas para o que elas compartilham e para o que reside além delas", em seu artigo 3 da Carta (ver *box* Ideia multirreferencial e multidimensional).

Já Morim acredita que a transdisciplinaridade não prescinde, no entanto, da severidade científica. Sua racionalidade aberta pressupõe uma relação dialógica entre o rigor, a abertura e a tolerância.

A partir dos pressupostos teóricos da transdisciplinaridade e das propostas educacionais coerentes com eles colocadas em resumo anteriormente, podemos considerar que uma educação transdisciplinar se configura em uma vivência integralizadora, permanente-abrangente e encantadora-transformadora dos indivíduos que dela participam, características que não existem nem são postas em prática de maneira isolada, mas, ao contrário, se interpenetram e se influenciam simultaneamente.

"... a nossa vida individual e social é estruturada pela educação. Central em nosso devir, o processo educativo tem o poder de moldar o futuro através de nossa formação presente"

Nicolescu

Uma proposta integralizadora de formação diz respeito a seu objeto (a realidade vista por inteiro, sem fragmentações artificiais), a seus sujeitos (em sua totalidade aberta) e, especialmente, à integração de um ao outro.

A transdisciplinaridade concebe o mundo como um ente integral, e busca estabelecer um diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento. As fronteiras entre as disciplinas se tornam mais tênues, ao mesmo tempo em que se busca o rigor disciplinar essencial na realização de um trabalho científico. A formação transdisciplinar, assim, procura ver a realidade como um conjunto coeso de seres e eventos reais, vivos e significativos para aqueles que se dispõem a compreendê-la. Portanto, um dos focos de tal educação é tornar os conteúdos expressivos para os estudantes, com o objetivo de auxiliá-los a integrar os conhecimentos dentro de si e atribuir sentido ao mundo em que se inserem e à maneira como nele atuam.

A perspectiva transdisciplinar considera cada ser humano como um ente inteiro, e outro de seus focos é a totalidade aberta que é cada pessoa. Assim, envolvendo em suas atividades não só a racionalidade, mas também o corpo, os sentimentos, a intuição, a imaginação e a espiritualidade, a educação transdisciplinar

NICOLESCU BASARAB (1)

Físico honorário teórico do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), Laboratoire de Physique Nucléaire et Hautes Énergies, Université Pierre et Marie Curie, Paris. Ele também é o presidente e fundador do Centro Internacional para Pesquisa e Estudos Transdisciplinares (CIRET), uma organização sem fins lucrativos. Além disso, ele é o cofundador, com René Berger, do Grupo de Estudos sobre Transdisciplinaridade na UNESCO (1992).

DEVIR (2)

(Do latim *devenire*, chegar) é um conceito filosófico que significa as mudanças pelas quais passam as coisas. O conceito de "se tornar" nasceu no leste da Grécia Antiga pelo filósofo Heráclito de Éfeso que, no século VI a.C., disse que nada neste mundo é permanente, exceto a mudança e a transformação. Sua teoria está em oposição com a de Parmênides, outro filósofo grego que acreditava que as mudanças ônticas ou os "tornar-se" que percebemos com nossos sentidos é algo enganoso, que há pura perfeição e eternidade por trás da natureza, e que esta é a verdade suprema. Na filosofia, a palavra "tornar-se" diz respeito a um conceito ontológico específico que não deve ser confundido com a filosofia do processo, esta última indicando uma doutrina metafísica da teologia.

PERMANENTE ENCANTAMENTO

O objetivo primordial de uma formação transdisciplinar é a compreensão de nós mesmos, de nossa realidade, do modo como nos relacionamos com ela e das emergências dessa relação. Acreditamos que essa compreensão pode ser propiciada pelo que Nicolescu denomina o "permanente encantamento". Podemos almejar que nossos estudantes experienciem um estado de deslumbramento perante suas vidas, sua realidade, seus semelhantes, encontrando em si e à sua volta universos a serem desvelados, sem jamais serem esgotados. Para que isso possa ocorrer, sua formação necessita lhes oferecer desafios prazerosos que instiguem sua curiosidade e sua criatividade e que lhes impulsione à permanente busca da compreensão.

A compreensão de nós mesmos que, na perspectiva transdisciplinar, passa pelo permanente exame e questionamento de como somos – nossas opiniões, valores e crenças – em face dos outros e da realidade, nos permite encontrar o que Nicolescu chama "nosso próprio lugar no mundo (um dos aspectos do que denominamos felicidade)" e nossa autorrealização como parte dele. A realização de nós mesmos e a valorização de nossa vida se configura, assim, como foco de uma formação na transdisciplinaridade.

Podemos também almejar transformar a realidade em decurso de nossa própria mudança e da modificação do modo como nos relacionamos com ela. Não só acreditamos que, conforme Nicolescu, transformamos o mundo ao mudar nosso olhar sobre ele, mas, principalmente, transformamos o mundo através de nossa participação nele, uma participação ao mesmo tempo autônoma e integrada, que reconhece nossa submissão à dinâmica que emerge de nossa interação com a realidade, e nosso poder sobre ela, poder de buscar sustentabilidade para nossa vida e para a vida sobre o planeta.

Essa proposta de educação, ao se tornar real, pode promover, através da geração da cultura e da postura transdisciplinares, um novo tipo de inteligência, aquilo que Morin chama de "o bem-pensar": o modo de pensar que permite que apreendamos simultaneamente o texto e o contexto, o ser e seu meio ambiente, o local e o global, ou seja, o complexo. Um pensar que favorece o questionamento e a revisão constantes de nossas concepções e crenças, que valoriza as diferentes dimensões humanas, capaz de apreender o mundo em sua totalidade e, ao mesmo tempo, manter-se eternamente aberto ao novo e ao devir.

Nesse sentido, Nicolescu compreende que a educação transdisciplinar é uma proposta da e para a libertação, uma vivência que permite e estimula a religação das pessoas, dos eventos e das pessoas aos eventos.

Dessa forma, a perspectiva transdisciplinar permite que tenhamos a esperança na redescoberta do prazer e da alegria que existem no infindável processo de aprender, viabilizando a reapropriação do mundo e de si mesmo, de forma ética e comprometida.

se volta para os diversos aspectos do ser humano e procura oferecer aos estudantes subsídios para que possam buscar coesão em si mesmos, refletir sobre quem e como são e sobre os posicionamentos que assumem em face dos outros e da realidade.

Ao mesmo tempo em que contempla e valoriza cada pessoa em sua individualidade, a formação transdisciplinar busca também uma integração das pessoas entre si, concebendo a humanidade – e cada grupo de estudantes – como uma pluralidade complexa. Propiciar um ambiente que valorize as interações e que proporcione uma experiência de aprendizado cooperativo e compartilhado é outro foco da transdisciplinaridade, uma vez que nessa interação com os outros, cada um de nós aprende também sobre si mesmo.

O MUNDO NA SALA DE AULA

A busca da integração da realidade às pessoas – e vice-versa – é um objetivo primordial da transdisciplinaridade. No âmbito educacional, isso significa construir conhecimentos a partir de nossas realidades, trazendo nosso mundo – saberes, vivências e experiências, vislumbres e sonhos – para a sala de aula e, a partir deles, estabelecer as conexões existentes entre nossa vida cotidiana e os saberes formais. Os conhecimentos construídos, assim, são incorporados ao mundo dos estudantes, e são acessados e ativados em sua vida cotidiana, em um permanente movimento recursivo de influência e modificação.

Conceber a realidade como integral significa considerar a existência de diferentes instâncias de realidade e as emergências originadas na interação entre elas. Isso significa também considerar o conhecimento dessa realidade como eternamente em aberto, como entende Morin: "O conhecimento é uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro". Portanto, uma formação transdisciplinar busca a consciência permanente do caráter inacabado do saber e, por conseguinte, da feição inesgotável da busca pelo saber.

Na perspectiva transdisciplinar, no entanto, o estado inacabado de nosso conhecimento não se configura apenas em limitações, mas – especialmente – em potencialidades também. Considerando que um ser integral é um complexo de relações entre suas diferentes instâncias de percepção, e das emergências de suas interrelações, uma formação transdisciplinar se volta para a permanente realização das potencialidades interiores das pessoas. Embora não possamos esgotar a realidade, podemos sempre reelaborar nossos conhecimentos sobre ela, e esse movimento de expansão sem ponto de chegada caracteriza uma formação transdisciplinar. Desse modo, essa é uma formação que se configura em um processo permanente, que ocorre ao longo da vida do sujeito.

Como as pessoas estão em interação dinâmica com sua realidade, uma formação transdisciplinar não se restringe a instituições de ensino formal. As ruas, os clubes, as igrejas, os locais onde encontramos lazer e diversão são tempos e espaços educativos, que podem estar incluídos nas experiências de formação abrangente que a transdisciplinaridade prevê. Não só o planejamento da educação pode propor vivências educativas fora da escola, mas principalmente necessita valorizar os conhecimentos e percepções construídos nesses lugares e trazidos para a sala de aula, tornando-os subsídios para discussão e também objetos de reflexão e questionamento, no espírito transdisciplinar proposto pelo artigo 11 da Carta de Nicolescu: "A educação autêntica não pode valorizar a abstração sobre outras formas de conhecimento. Ela deve ensinar abordagens contextualizadas, concretas e globais".

Para que cada instante de nossa vida seja potencialmente educativo e formador, necessitamos desenvolver curiosidade, habilidades de observação e reflexão sobre o que observamos, e também estratégias de aprendizagem que nos tornem capazes de continuar nos educando em diferentes lugares e momentos, em nossas relações com as pessoas e com o mundo, mesmo estando afastados de nossos educadores. Ao ajudar os estudantes a desenvolver essas capacidades, uma formação transdisciplinar os estará auxiliando a se tornarem mais autônomos e mais responsáveis não só por seu próprio processo de aprendizado, mas também por suas próprias ações. CP

EDGAR MORIN 3

Pseudônimo de Edgar Nahoum, é um antropólogo, sociólogo e filósofo francês judeu de origem sefardita. Pesquisador emérito do CNRS. Formado em Direito, História e Geografia, realizou estudos em Filosofia, Sociologia e Epistemologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, a2002.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, b2002.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, c2002.

NICOLESCU, Basarab. *Em busca de uma evolução transdisciplinar para a universidade*. In: Congresso Internacional "Que Universidade para o Amanhã?", 1997, Locarno. Disponível em: www. cetrans.futuro.usp.br.

NICOLESCU, Basarab. *A prática da transdisciplinaridade*. In: NICOLESCU, Basarab (org.). Educação e transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO, 2000.

NICOLESCU, Basarab. *Manifesto da Transdisplinaridade*. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 2002.

SOBRE A AUTORA

ALINE FERNANDA CAMARGO SAMPAIO é mestra em Educação e Linguagem pela USP, especialista em Docência no Ensino Superior, graduada e licenciada em Letras/Português pela USP, pesquisadora do Grupo DiCLiME-USP (Diversidade Cultural, Linguagem, Mídia e Educação) e professora universitária. *E-mail:* alinefcsampaio@gmail.com.

da **Redação**

Acesso fácil

A Imprensa Oficial oferece mais de 300 livros com *download* gratuito de livros importantes da área de educação, biografias, literatura, memórias... E há mais opções ao alcance de um *click*

A Livraria virtual da Imprensa Oficial do Estado oferece mais de 300 títulos para *download* gratuito. Em 2018, o *site* registrou 62,3 mil *downloads* de obras, 22% a mais que no ano anterior.

As três obras mais baixadas do ano passado foram *Educação Inclusiva: o que o professor tem a ver com isso?* (coedição da Imprensa Oficial com Ashoka Brasil), coordenado por Marta Gil; *Rede Manchete: aconteceu, virou história*, de autoria de Elmo Francfort; e *Odorico Paraguaçu: O Bem-Amado de Dias Gomes*, de José Dias. Elas registraram, respectivamente, 15.538, 8.302 e 6.533 *downloads*. Há outras obras, várias delas na área de teatro, cinema e muitas biografias de autores e dramaturgos.

De acordo com o diretor-presidente da Imprensa Oficial do Estado, Nourival Pantano Júnior, o acervo de livros gratuitos visa incentivar a leitura da população. "Fomentar a cultura e a educação é uma das diretrizes da Imprensa Oficial do Estado. É interessante observar que um material de orientação aos professores sobre a inclusão em sala de aula foi o livro mais baixado de 2018, o que reitera nosso papel social em avaliar e disponibilizar esses conteúdos", afirma.

O que poucos sabem é que desde 1942 a Imprensa Oficial publica livros e já ganhou vários prêmios literários e de excelência gráfica. Destacam-se 50 Prêmios Jabuti, o maior reconhecimento literário do País, conquistados em diversas categorias. Entre as obras premiadas, duas ganharam o prêmio de Melhor Livro do Ano: *Resmungos*, de Ferreira Gullar; e *Monteiro Lobato: livro a livro*, em coedição com a editora Unesp, de Marisa Lajolo e João Ceccantini.

DE TESES A QUADRINHOS

Os graduandos, pós-graduandos e pesquisadores em geral podem procurar por livros grátis no *site* da Scielo Livros ou da Universidade Estadual Paulista (UNESP), com facilidade, através do *site* Cultura Acadêmica. A Universidade de São Paulo (USP), por meio de seu Sistema Integrado de Biblioteca Virtual, também oferece obras raras e especiais, além de farta documentação histórica no endereço eletrônico Obras Raras. O Governo Federal também oferece no *site* Domínio Público mais de 186 mil obras gratuitas, que podem ser encontradas por meio de uma rápida pesquisa no próprio portal. A Biblioteca Digital Mundial da Unesco tem em seu acervo diversas obras, documentos raros, gravuras e até mapas para *downloads* gratuitos.

Nem quem gosta de quadrinhos ficou de fora: o *site* Outros Quadrinhos, além de disponibilizar todos gratuitamente em seu portal, ainda traduz HQs do mundo inteiro.

Aqueles que preferem audiolivros também têm seu cantinho. O *site* Universidade Falada selecionou alguns e está oferecendo gratuitamente, entre eles, clássicos da literatura.

Já o *site* Le Livros foi criado e é mantido por um grupo de estudantes residentes em Portugal, com o objetivo de democratizar o acesso à leitura gratuita. A Biblioteca Digital Camões oferece um conjunto de textos e documentos de grande relevância linguística e cultural.

Por fim, as crianças encontram uma pequena, mas boa, biblioteca de títulos infantis no Plano Nacional de Leitura.

Opções não faltam. É só clicar e viajar no mundo das letras. **CP**

PARA REALIZAR O *DOWNLOAD* DOS LIVROS, ACESSE:

http://livraria.imprensaoficial.com.br/somente-download
books.scielo.org
www.culturaacademica.com.br
www.obrasraras.usp.br
www.dominiopublico.gov.br
www.wdl.org
https://outrosquadrinhos.com.br
www.universidadefalada.com.br
www.lelivros.love
www.cvc.instituto-camoes.pt
www.planonacionaldeleitura.gov.pt

Estante

HIPERLINKS E NOSSO COMPORTAMENTO DIGITAL

© REPRODUÇÃO

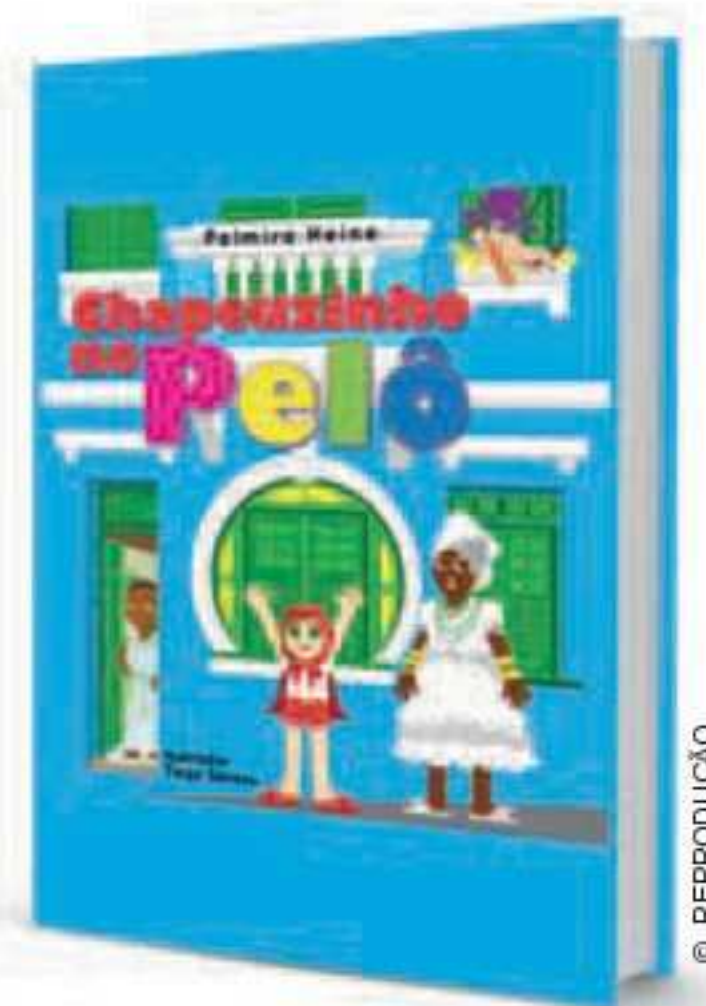
A *web* é um hipertexto. Mas nós somos a rede e nossa interface com o mundo digital tem como chave mestra o *hiperlink*. É o que o professor e pesquisador Luiz Fernando Gomes discute em seu terceiro livro sobre leitura e escrita no mundo digital, intitulado *Hipertexto revisitado: novas perspectivas para pesquisa e ensino*, como os *links* controlam as informações a que temos acesso. Diante da hegemonia discursiva na *web* que se materializa pela distribuição "censitária" dos *links* e da estratégia dos *links* jornalísticos que remetem sempre para as mesmas fontes internas, oferecendo sempre mais do mesmo, o autor chama a atenção de que não se trata de ensinar as crianças e os jovens a manusear dispositivos digitais – isso a tecnologia mesma já faz –, mas trata-se de promover a inserção consciente do alunado no universo das mídias convergidas e dos discursos divergentes de forma crítica e sadia. Gomes cobra o protagonismo da escola e traz novos argumentos e subsídios para que ela insira práticas ativas de leitura de webnotícias e verbetes da Wikipédia, entre outros textos digitais, e promova a quebra da ciranda de *links* hegemônicos. Em estilo simples, direto e provocador, este livro é de interesse de pesquisadores e estudantes de Letras e Linguística, Comunicação, professores e de todos os que não vivem mais sem clicar.

Autor: Luiz Fernandes Gomes • **Páginas:** 114 • **Editora:** Edufal

Ó PAI, Ó, CHAPEUZINHO ATERRISA NO PELÔ

Ressignificar histórias infantis e inseri-las no mundo moderno é uma tendência, mas que pode desembocar justamente no oposto ao pretendido: ou a proposta sai vencedora e ganha ares imprescindíveis para a contemporaneidade ou, comparada com a original, fica renegada ao limbo do esquecimento. Palmira Heine foi feliz em *Chapeuzinho no Pelô*. Ao trazer mãe, avó e a própria Chapéu para Salvador dos dias atuais, direto da França do século XVIII, seguidas do insistente Lobo, de forma lúdica e lírica, agregou vivacidade e empoderamento à menina de capuz vermelho. O livrinho, no melhor dos sentidos, é um refrigério ao mostrar cenas de uma cidade negra aos olhos da curiosa Chapeuzinho. Também é muito divertido ver o lobo, ou melhor, seu irmão, com rastafáris e óculos de sol. As ilustrações de Tiago Sanso, cheias de detalhes, acompanham o lirismo da autora. Diversão garantida para os pequenos e para os nem tão pequenos assim!

© REPRODUÇÃO

Autora: Palmira Heine • **Páginas:** 32 • **Editora:** Caliib

CLÁSSICO MODERNO DE RODARI CHEGA AO BRASIL

© REPRODUÇÃO

Gianni Rodari é um dos maiores escritores de literatura infantil, ganhador do maior prêmio internacional da categoria, o Hans Christian Andersen. Mas uma de suas melhores obras, *Fábulas por Telefone*, publicada pela primeira vez em 1980, ano da sua morte, com o título *Favole al telefono*, ainda estava inédito por aqui. O senhor Bianchi pouco podia estar em casa, já que não parava de viajar, então toda noite telefonava para a filha e contava uma história. Esses deliciosos contos são um convite à fantasia e ao aconchego. Quer algo mais divertido para colocar um pequeno na cama que contar o seguinte? "Certa vez, na cidade de Bolonha, construíram uma mansão de sorvete bem na praça principal, e as crianças vinham de longe para dar uma lambidinha nela", de A Mansão de Sovete. Ou "Um jovem camarão pensou: 'Por que na minha família todos caminham para trás? Quero aprender a caminhar para a frente, como as rãs... Que meu rabo caia se eu não conseguir", em O Jovem Camarão. As ilustrações do fantástico Bruno Munnari e a tradução da competente Silvana Cobucci Leite fecham o pacote extraordinário. Para ter à mão, sempre.

Autor: Gianni Rodari • **Páginas:** 224 • **Editora:** 34

LIVROS QUE MERECEM UM LUGAR NA SUA BIBLIOTECA PESSOAL

© REPRODUÇÃO

MICHELE OBAMA CONTA TUDO EM SUAS MEMÓRIAS

Memórias, gênero ainda engatinhando por aqui, é uma faca de dois gumes: ou é entediante e dificilmente se passa das primeiras páginas, ou seduz logo no início e você não larga o livro enquanto não lê a última página. *Minha História*, de Michele Obama, faz parte desse olimpo. A ex-primeira-dama dos Estados Unidos faz da sua trajetória uma daquelas quase novelas, quase série, que nos põem curiosos para o próximo capítulo, quer dizer, para o próximo fato. O grande trunfo do livro é a simplicidade tanto da escrita quanto dos relatos que Michelle acha importantes, como preparar sozinha, em plena Casa Branca, um sanduíche de queijo derretido. Mais: a primeira parte, em que conta sua infância em um pequeno apartamento em South Side, Chicago, é cinematográfica. Quase a vemos, pequena, treinando no piano da sua tia, que morava na parte de baixo. Da garota curiosa, estudante séria e profissional competente, que conheceu Obama no escritório onde trabalhava, à disputa da presidência da República por seu marido, incluindo o nascimento das filhas e a mudança drástica em seu cotidiano, em nenhum momento o texto perde a elegância. Mesmo escrito em ordem cronológica convencional – que poderia tirar o brilho da prosa –, Michelle não perde a pose. A quem interessar possa, o livro realmente foi escrito por ela.
A presidência de Obama, conquistada em 2008 para um primeiro mandato, vem na última parte, Uma história maior. Depois de listar algumas primeiras-damas célebres e a maneira como seus feitos foram encarados e rotulados, Michelle constata: "Eu já entendia que seria medida por uma outra régua. Como a única primeira-dama afro-americana a pisar na Casa Branca, eu era 'de outro tipo' quase automaticamente".

Autora: Michelle Obama • **Páginas:** 440 • **Editora:** Objetiva

CONHECIMENTO PRÁTICO LÍNGUA PORTUGUESA & LITERATURA é uma publicação bimestral da EBR – Empresa Brasil de Revistas Ltda. ISSN 2595-6485. A publicação não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados ou por qualquer conteúdo publicitário e comercial, sendo esse último de inteira responsabilidade dos anunciantes.

www.portalespacodosaber.com.br
Ano 8 - Edição 76

Ethel Santaella
DIRETORA EDITORIAL

PUBLICIDADE
GRANDES, MÉDIAS E PEQUENAS AGÊNCIAS E DIRETOS:
publicidade@escala.com.br

REPRESENTANTES Interior de São Paulo: L&M Editoração, Luciene Dias – Paraná: YouNeed, Paulo Roberto Cardoso – Rio de Janeiro: Marca XXI, Carla Torres, Marta Pimentel – Santa Catarina: Artur Tavares – Regional Brasília: Solução Publicidade, Beth Araújo.

www.midiakit.escala.com.br

COMUNICAÇÃO, MARKETING E CIRCULAÇÃO
GERENTE: Paulo Sapata

IMPRENSA - comunicacao@escala.com.br

VENDAS DE REVISTAS E LIVROS AVULSOS
(+55) 11 3855-2142 – atendimento@escala.com.br
ATACADO DE REVISTAS E LIVROS
(+55) 11 3855-2275 / 2855-1905 - vendas@escala.com.br

Av. Profª Ida Kolb, 551, Casa Verde, CEP 02518-000, São Paulo-SP, Brasil Tel.: (+55) 11 3855-2100 Caixa Postal 16.381, CEP 02515-970, São Paulo-SP, Brasil

FILIADA À
ANER

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Oceano Indústria Gráfica Ltda. Nós temos uma ótima impressão do futuro

RESPONSABILIDADE AMBIENTAL
Esta revista foi impressa na Gráfica Oceano, com emissão zero de fumaça, tratamento de todos os resíduos químicos e reciclagem de todos os materiais não químicos.

Distribuída pela Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações, Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, nº 1678, CEP 06045-390 – São Paulo – SP.
ABRIL/MAIO 2019

REALIZAÇÃO
(11) **2809-5910**
fullcase.com.br

DIRETOR-GERAL: Angel Fragallo
COORDENADORA-EXECUTIVA: Juliana Klein – Mtb. 48.542
EDITORA DE CONTEÚDO: Mara Magaña – Mtb. 15.179
linguaportuguesa@fullcase.com.br
DIAGRAMAÇÃO: Rodrigo Matias e Luciano Gatti
REVISÃO: Adriana Giusti
REDAÇÃO: Abrahão Costa de Freitas, Avram Ascot, Jussara Saraíba, Maria Beatriz, Márcio Scarpellini
COLABORADORES: Aline Fernanda Camargo Sampaio, Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro, Fernanda De Paula, Luís Cláudio Dallier Saldanha, Roberto Sarmento Lima, Wagner Ávilis

FALE CONOSCO

DIRETO COM A REDAÇÃO
Escreva: Conhecimento Prático Língua Portuguesa, Caixa Postal 16381, CEP 02599-970, São Paulo/SP - redacao@escala.com.br

PARA ANUNCIAR anunciar@escala.com.br
SÃO PAULO: (+55) 11 3855-2100
SP (CAMPINAS): (+55) 19 98132-6565
SP (RIBEIRÃO PRETO): (+55) 16 3667-1800
RJ: (+55) 21 2224-0095 **RS:** (+55) 51 3249-9368
PR: (+55) 41 3026-1175 **BRASÍLIA:** (+55) 61 3226-2218
SC: (+55) 47 3041-3323
Tráfego: trafego.publicidade@escala.com.br

ASSINE NOSSAS REVISTAS
(+55) 11 3855-2117 - www.assineescala.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Adquira as edições anteriores de qualquer revista ou publicação da Escala
www.escala.com.br (sujeito à disponibilidade de estoque)

ATENDIMENTO AO LEITOR
De seg. a sex., das 9h às 18h. (+55) 11 3855-1009
atendimento@escala.com.br

LOJA ESCALA
Confira as ofertas de livros e revistas - **www.escala.com.br**

Reflexão de **Luís Cláudio Dallier Saldanha**

Do tamanho exato

Ter uma percepção adequada das próprias fragilidades e virtudes pode ser um dos segredos para a aprendizagem. Autoconhecimento é tão ou mais importante que o conhecimento que se busca nos bancos escolares.

Lembro de muitas vezes encorajar meus alunos a ter uma medida correta de suas limitações e possibilidades. Valia-me dos versos de Fernando Pessoa em que se recomenda: “Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui”.

Não exagerar ou não excluir o que somos e o que temos é um bom caminho para calibrar nossas percepções. Olhar para o próprio tamanho, sem preconceitos, ou sem megalomanias, não é tarefa fácil, mas é imprescindível.

Uma visão realista das dificuldades de aprendizagem pode ajudar a encontrar estratégias e métodos de estudo adequados, que contribuam para a superação dos desafios educacionais. Não enxergar nessas dificuldades apenas a limitação é a chave do sucesso.

A consciência dos pontos fortes, por sua vez, pode orientar o investimento em esforços e projetos que mais seguramente conduzem a conquistas na escola ou na universidade. Trabalhar nesses pontos, em detrimento de outros não tão merecedores de holofotes, é sinal de inteligência emocional.

Mas a tomada de consciência de nossas fraquezas e fortalezas depende, em parte, de evitar os exageros e as exclusões. Trata-se da medida do equilíbrio, tanto emocional quanto com relação a questões futuras, como trabalho ou mesmo desenvolvimento universitário.

Não exagerar nada que nos diga respeito chega a ser um ato de rebeldia em meio à cultura do excesso, nesta chamada “era da abundância”, em que os meios digitais favorecem o inflacionamento da informação, do ego e do consumo.

Exagerar nossas virtudes ou mesmo nossas mazelas cria uma visão distorcida de nós mesmos e uma grande barreira para o autoconhecimento.

Por outro lado, excluir ou ignorar alguma parte do que somos, omitindo atributos positivos ou negativos, pode nos levar a uma avaliação enganosa de nossas capacidades ou fragilidades.

Nem superestimar nem subestimar o que somos, o que temos e o que podemos.

© HILCH / ISTOCKPHOTO.COM

“A consciência dos pontos fortes, por sua vez, pode orientar o investimento em esforços e projetos que mais seguramente conduzem a conquistas na escola ou na universidade”

Eis o desafio a todos que desejam construir uma autoimagem mais próxima das suas possibilidades e potencialidades! Eis a lição para quem busca desenvolver habilidades socioemocionais indispensáveis ao aprendizado e à formação integral na vida escolar ou mesmo na escola da vida! CP

Luís Cláudio Dallier Saldanha é doutor em Educação e diretor de Serviços Pedagógicos do Grupo Estácio.

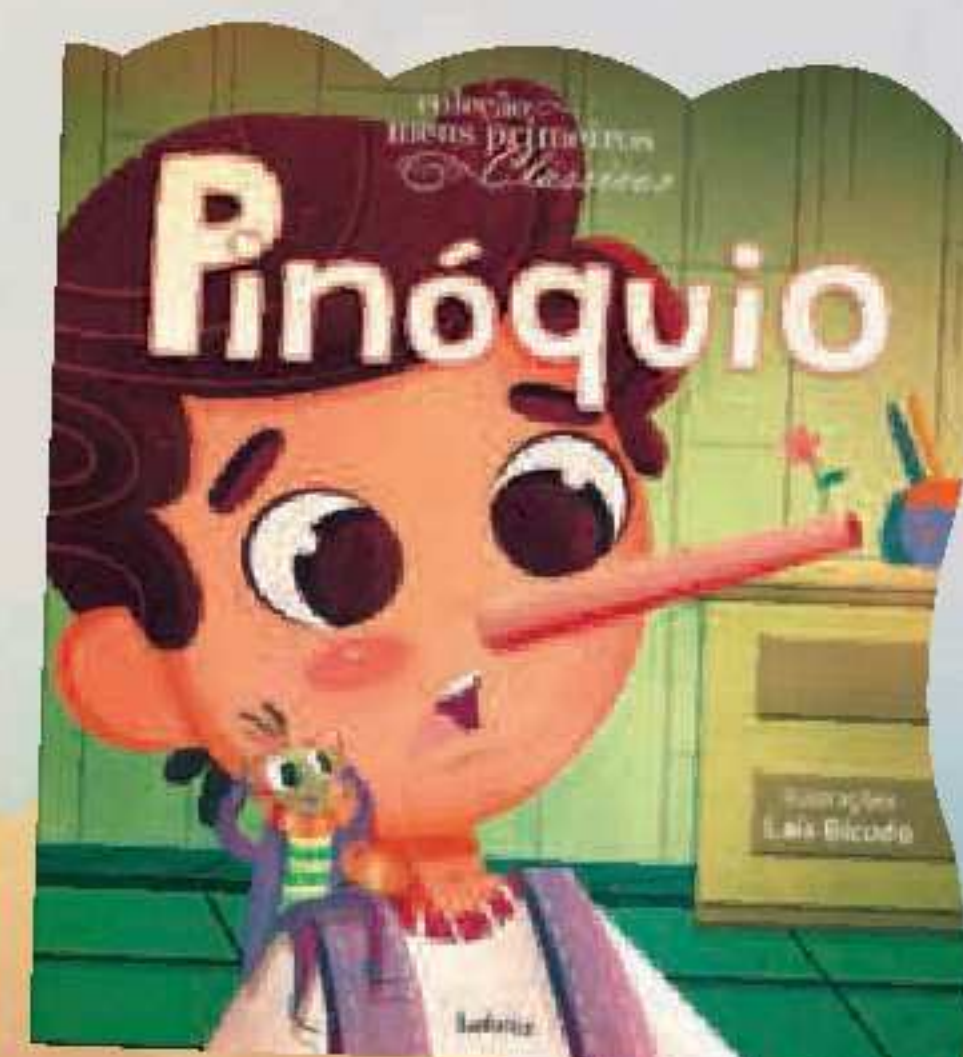
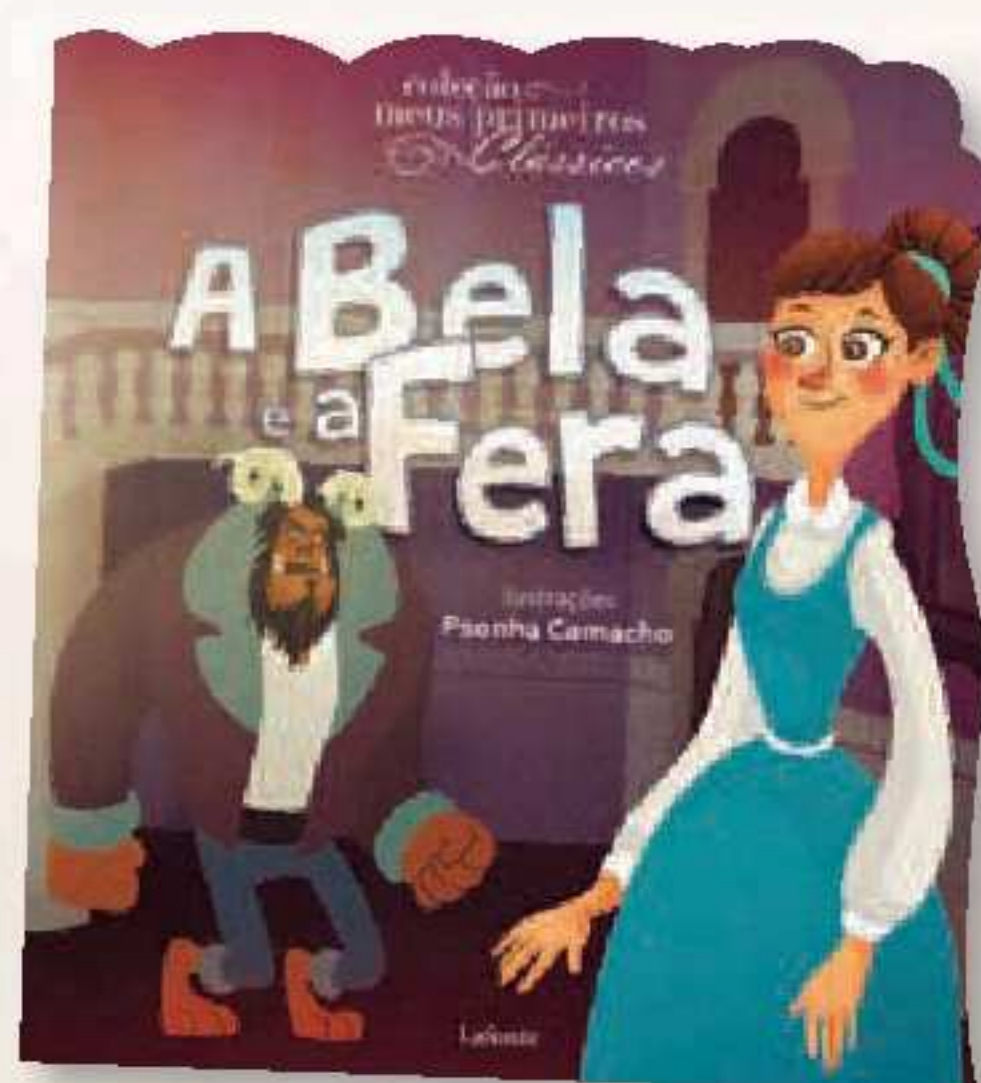
A Coleção **Guia Completo do Crochê** apresenta todas as técnicas necessárias para a produção de roupas, acessórios, peças para a casa e objetos de decoração. Além das informações sobre fios, ferramentas e aviamentos, as instruções sobre como seguir um gráfico, fazer acabamentos e uma grande variedade de pontos e de receitas. São 3 livros com informações didáticas e práticas com toques de estilo e moda.

COLEÇÃO manequim

GUIA COMPLETO DO CROCHÊ

Introdução ao crochê

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE FIOS, AGULHAS E COMO FAZER OS PONTOS BÁSICOS

Confira também a Coleção Guia Completo do Tricô

NAS BANCAS!

Ou acesse **www.escala.com.br**

/escalaoficial